

OSVALDO POLIDORO

O MENSAGEIRO

DE

KASSAPA

Se fôssemos aquilatar a responsabilidade do homem presente, pela soma das Revelações recebidas ou enviadas pelo Diretor Planetário, teríamos de apostrofá-lo com as mais veementes taxativas. Tal é, como posso encarar o homem histórico, aquele homem-humanidade que se apresenta hoje, em face das questões inerentes ao seu problema fundamental, que é a emancipação espiritual, arcado sob o jugo de infindas obrigações e quase que desprovido de valores despertados ou virtudes ativas.

Que fez o homem no uso de si mesmo perante os ciclos vencidos e as verdades ensinadas pelo Céu? Com que poderes internos despertados enfrentará o ciclo futuro?

Nem mesmo a tanto se precisa atingir; basta observar os elementos de vigor moral com que defronta a fase transitiva presente, toda inçada de mil e um percalços, toda plena de vicissitudes as mais convulsivas e dolorosas. Afora um número diminuto, ínfimo, que se detém nas práticas salutareis da fé consciente, quase tudo é mole que ondula e sacoleja por entre as trevas sinistras da incerteza e do pavor.

Em tempo algum houve tanta necessidade dos melhores valores expostos, das melhores marcas registradas no quadro vasto das virtudes íntimas e desenvolvidas; no entanto, a imensa maioria não está de pé, não está em guarda, pouco ou nada faz pelo esforço equilibrador, pela movimentação evolutiva no âmbito da ordem, do regime de harmonia. O findar de um ciclo evolutivo, de ordem universal, apanha o homem humanidade menos provido, quase totalmente desprovido de recursos combativos à altura do momento e da importância histórica e clássica concernentes.

Buda já ensinava, seis séculos antes do Cristo:

“Todas as coisas compostas são sujeitas à corrupção; não poderia ser de outra maneira”.

Mas o nosso homem-histórico tem dado muito mais importância ao que é transitório, ao que é mutável e aleatório; os bens do espírito ficaram para trás e o momento renovador mais intenso, mais brutal e universal, apanha-o quase que inteiramente desprevenido. Menos do que isso ou com alguns recursos espirituais a mais, formando na linha defensiva moral, e esta fase transitiva não seria tão violenta, assim carregada em extremo de sinistros prognósticos.

Ao tempo que Buda ensinava diferenciar entre os bens aleatórios e aqueles de fato, com a seguinte e lapidar sentença:

“De tudo que teve uma origem causal, aquele que achou a Verdade mostrou a causa; e de todas estas coisas o grande asceta explicou a cessação”; nesse tempo, sem dúvida, bem menor era o montante de zelo espiritual necessário, por ser o fenômeno menos intenso e amplo. Portanto como não se deve agora portar, aquele que vive paralelo ao mais crítico momento cíclico-histórico?

Temos certeza de que não estamos falando por acaso; de outras esferas partem determinações a esse respeito. Nossa missão é alertar, é lembrar a necessidade inadiável da melhor vigilância, da melhor estacada em face do monstro avassalador que tudo procura minar e destruir, atirando nas garras da degradação milhões de seres, tornando-os vítimas da própria negligência.

Esta hora devia ser de ação e prudência por parte de todos. Quando menos fosse, pelo menos por parte da maioria, a fim de que o anti-Cristo, que é o inverso de tudo quanto é do Cristo, jamais pudesse cantar alto o seu hino cavernoso através da humanidade e defronte ao Céu. No entanto, prevaricações de toda espécie e monta têm lavrado parada no caráter da humanidade, vinculando-se a ela de maneira arrasadora, minando-lhe os mais penhorosos recursos espirituais, diminuindo nalguns casos toda e qualquer capacidade de resistência ao mal.

Fatos tidos como acidentais ontem, hoje valem pela mais desbragada e fatal lesão de caráter. Erros simplesmente admitidos como sendo superficiais, tanto se foram acumulando, somaram-se ao extremo no curso de ciclos e mais ciclos, vindo agora a formar peso incrível no dorso encurvado da humanidade, expondo-a aos golpes terríveis da adversidade, dos ventos pútridos que sopram de todos os quadrantes terrestres, principalmente os de ordem político-econômica. A má política religiosa forçou a debacle no plano econômico espiritual, por conclusão lógica temos o

irrisório teor psíquico vigente. Reina a fraqueza onde o poder íntimo devia comandar. Quer isto dizer que, por dialética ou ambivalência, o fracasso dos jogos espirituais fez carunchar o edifício temporal, vindo este, agora, a pressionar tremendamente o já enfraquecido alicerce daquele.

O homem-humanidade deste século, portanto é um desnutrido de corpo e de espírito. Não me refiro a totalidade, mas ao grande número.

Também não penso em levantar o dedo, em apontar e incriminar; lamento, deploro, lembro e se possível, aviso. Nada mais, pois eu também palmilho a senda comum, a trilha normal, tendo o histórico cheio de altos e baixos. Não sou quem possa falar de dedo em riste, por estar acima das contingências terrícolas, por ser alguém cujo teor evolutivo paire nas alturas da consonância UNITÁRIA. Eu ainda não me fiz uno com o EU INFINITO – Deus.

Outrossim, como narrador, quero acentuar minha tendência doutrinária budista, comprovante de minha formação intelecto-espiritual, pois as minhas vidas carnis tiveram curso entre as paragens onde os oito Budas viveram e ensinaram. Terei oportunidade no desempenho da narrativa de expor e fixar minhas concepções sobre Jesus, a quem reconheço como Cristo Planetário e batizador em Espírito. Devo assentar aqui minha bateria mental e dizer, também, o quanto venero outros elevadíssimos vultos da história religiosa ou verdadeira. Para mim prefiro falar em verdade e não em religião, pois este último termo se presta a múltiplas confusões, havendo bastos conventículos humanos que, por ignorância espontânea ou proposital, tudo fazem a fim de confundir para subtrair fartos proventos materiais.

Há que fazer distinção entre o indivíduo e o seu caráter. Melhor seria dizer , distinguir a origem divina, a individualidade e o caráter. Por que, afinal, as duas primeiras instâncias, embora sendo aquelas que dão origem à terceira, por serem fundamentais, nada poderiam representar ou constituir, na apresentação do homem clássico, do homem presente ou prático.

Lembro esta necessidade em virtude de minha formação espiritual búdica; quero acentuar a minha repulsa a um dos axiomas da filosofia búdica, pois o seu radical abstracionismo, propulsor do mais acendrado abstencionismo, constitui erro clamoroso. Ninguém surtiu de Deus, da Divina Essência, como individualidade e comportando valores divinos em potencial, com a sagrada obrigação de fazê-los ter manifestação patente, e, ao mesmo tempo, numa flagrante manifestação de contradição, com o direito de sepultá-los, de renegá-los. Este conceito da filosofia budista é terrivelmente clamoroso, é aberrante, pois a Lei determina que haja, da parte do indivíduo, todo o esforço a bem do máximo desabrochamento.

Faz-se mister trabalhar, aprender, organizar. A santidade é conseqüência lógica de um longo e trabalhoso processo íntimo de afloramento dos poderes latentes. E isto quer dizer, então, que o budismo, pelo menos nesta parte, carrega volumoso contingente de conceitos falhos. A Lei exige esforço construtor e não abstração e contemplação. Renunciar a determinadas atividades é perder experiências, é se entregar a prejudiciais atrofiamentos. E a prova que damos, para o caso, é que ninguém jamais foi levado a sério pelo Céu, pelo fato de se ter feito negação em face de obrigações temporais. O que se não deve fazer, em circunstância alguma, é proceder mal em caso qualquer. Afora isso, cada qual cumpra com o seu dever, não fuja da luta a pretexto de querer ganhar o Céu mais depressa.

Também por estarmos tratando do assunto, vamos dizer alguma coisa a respeito do ofício de ser clérigo, de viver a custa da fé. Abandonar a casa, e com ela as obrigações, a fim de viver do ofício religioso, ganhando os meios de subsistência, ou pedindo esmolas, isso não é decente, fica dito de uma vez por todas. Se alguém chega a ter alguma coisa, para subsistir, e essa coisa foi ganha desse modo, afirmo que nisso está errado, não andou bem perante a Lei e terá que com ela ajustar suas contas.

De um modo geral, convenhamos, ato espiritual construtivo não é aquele que se dá foros de espiritualidade ou religião, pois o Céu não se move e nem comove à custa de fantasias, de formalismos e de idolatrias. Podemos dizer que a humanidade perdeu, nesse mister, até hoje, muito mais tempo do que todo o tempo somado em outras atividades perdidas. De todos os quadrantes da fé repontam aqui os elementos, equipados de materiais os mais extravagantes, atulhados de

pretensos merecimentos, saturados de mil formas de pseudo validades, amuletos a que o Céu não confere sequer atenção. É vir com eles e largá-los no primeiro encontro com os planos de paz! Nalguns casos, tanto custaram para serem adquiridos, de tal maneira foram acumulados, que o seu dono ou proprietário, ao invés de vir bater nas esferas de Luz, toma o rumo das regiões trevosas. É que o castelo feito, em lugar de ser edificado pelas diretrizes divinas, foi erguido sobre os mais peçonhentos conceitos e preconceitos humanos, quase sempre filhos de conventículos clericais, de elementos de mau ofício.

De toda e qualquer forma, porém, há uma diferença muito grande entre o que é Verdade por Deus e o que é conceito humano. **De cima** surgem determinações impolutas, diretrizes inabaláveis, regras de absoluta segurança; **de baixo** procedem os conchavos, as maquinações, as espertezas e os tribofes. Quem se agarra ao que determinam os conceitos humanos, principalmente quando filhos de conventículos exploradores, aqui chega e se vê aniquilado, derrotado e até envergonhado. Percebe o engano, porque reconhece que empregou em obras de formalismo vazio o tempo e o esforço que devia empregar na aquisição do Amor e da Ciência. Não trabalhou para obter conhecimentos superiores, nem fez da decência de conduta e da caridade o baluarte supremo. Pensou em ser esperto, julgou estar lidando com a muito elástica justiça do homem... Enganou-se todavia, pois estava defrontando aquela Justiça Imaculada cujo tribunal é por excelência íntimo à criatura!

Estas questões são de caráter , não são de fundo originário e nem de natureza individual. Estão na alçada organizável, devem ser tratadas com todo o rigor intelectual, merecem todo o esforço mental possível. Afinal, se não fosse para isso, para o indivíduo levantar sobre a origem divina e o direito de individualidade o seu caráter, a sua construção científico-moral, para que serviriam aquelas bases, aqueles alicerces?

Todo indivíduo deve proclamar – “Sou de origem divina! Sou uma individualidade eterna! Devo organizar meu caráter à custa de meus esforços!”

Em poucas palavras essa é a tabela fundamental, sem a qual tudo mais é aleatório, se não absolutamente falho e comprometedor. Quero convir, no entanto, em que essa tabela, para ser executada ou levada a termo de prática, demanda coragem e trabalho, virtudes que, infelizmente, em muitos elementos, já sofrem longa e pertinaz acuação, estando, portanto, recolhidas aos rincões mais afastados da personalidade. O vício da idolatria e o comodismo devoram, quase sempre, os melhores florões do espírito. E quando a hora chega de se apresentar perante o tribunal íntimo, onde a Lei através da Justiça exerce a função que lhe compete, então surgem o arrependimento, as amarguras, tudo quanto é doloroso e triste, com aquele terrível acréscimo de nulidade com o pior dos sentimentos negativos – o quebramento moral. A criatura sente estrugir, em toda sua estrutura sensitiva, a mais voraz arremetida do remorso. Mas é tarde... Depois de penar o devido, um dia voltará ao plantel carnal e tentará vencer a prova.

Esse fiasco, devo dizer, colhi por conta do budismo. Fiz-me partidário do abstracionismo, entreguei-me ao culto das abstenções, caí em cheio no culto da **contemplação**. Era fácil cair em êxtase, ver a Luz Excelsa, gozar o Céu... Mas com a separação do corpo, embora não fosse culpado, um sofredor, era um vazio. Tinha paz, estava em ordem, mas num plano bem inferior, bem rente ao homem carnal. Foram vidas e mais vidas, todas elas repassadas de místico fervor, mas num campo onde as flores do bem e os frutos do trabalho faltavam por falta de cultivo prático. A terra era fértil, as nuvens derramavam água e eu respeitava essas e as demais dádivas da natureza; mas respeitava em teoria, não trabalhava, não ocupava não punha a produzir para ter e para dar.

Conseqüentemente, fui pedir esmolas, fui viver da caridade. Isto é, comecei a explorar o próximo, a extorquir do trabalho alheio, pois quem come de esmola também come o produto de algum trabalho. Como pode caber, confessemos, que um Deus de Verdade concorde com tal prática? Então a pretexto de religião, ou de culto espiritual, alguém tem o direito de ser vagabundo e comer do trabalho de terceiros? Num mundo cheio de misérias, de doenças, de faltas em geral, tem cabimento que, a título de fé ou de amor a Deus, viva alguém a vida do parasita?

O verdadeiro credo se comprova depois de passar para este lado, quando a passagem é feita em condições de poder aquilatar fatores qualitativos. Por isso mesmo, combata quem quiser minha assertiva, mas eu afirmo que o melhor modo de se saber como viver na carne, é saber como se poderá aqui ser recebido conforme o que aí se obrou. Quem puder estudar as nossas informações, que o faça com inteireza de ânimo e aproveitamento, porque o dia chegará de fazer confrontação prática.

A Revelação Védica data de quase uma centena de milhares de anos. Em seguida a ela, muitas outras se somaram, algumas de atitudes soberanamente sublimes. Dentre elas considero as búdicas, cuja origem se perde na profundidade dos milênios, embora contenham exclusivo acento humanista, mesmo que não tenham por objetivo transformar seus crentes em adoradores de Deus, isto é, adoradores à maneira das crenças cujos programas litúrgicos valem por verdadeiras resmas de formalismos e comércios temporais. Apesar de tudo, principalmente de seus erros filosóficos, e do seu nenhum teor científico, o budismo, sendo humanista, por isso mesmo revela o mais reto caminho à paz. É, como pode ser, um verdadeiro programa decentista, uma barreira levantada contra os estorvos do vício e de todos aqueles conceitos e preconceitos que mais dividem os homens.

Depois de ressaltar a estrutura e a contextura dos trabalhos de servidores do estofado de Hermes, de Zoaroastro, de Apolônio; dos Patriarcas hebreus, de Moisés, dos profetas, do Cristo; enfim, de todos os grandes vultos centrais, eu me pergunto o motivo de só agora, no século vinte da era Cristã, ter havido ordem para se ir revelando estes planos e as suas variantes condições e modalidades de vida e realizações. Quero crer no fator merecimento, mais ainda na ordem preventiva, pois a Terra ingressará em grau hierárquico imediatamente superior. Mas não quero aceitar aquela alternativa que fala na falta de melhores condições intelectuais das gerações pretéritas. Humanidades que tiveram aqueles supra-citados mestres, por certo podiam comportar estas afirmativas, tudo isso que se há dito a respeito destes planos e sua mesologia complexa.

De toda e qualquer forma, o século vinte encerra uma das marcas que assinalam grandemente a lenta caminhada humana sobre a espiral evolutiva. Tendo sido eu convidado a relatar fatos, formando na fila extensa de narrativas onde o matiz individual se entrosa implicitamente na ordem geral, nada mais quero fazer que objetivar aquele triúmviro básico, fora do qual ninguém jamais conseguirá subtrair a si mesmo vantagens quaisquer – origem divina, individualidade e organização do caráter. Tudo gira em torno desses pilares e só se poderá subir ou descer em seu bojo. Aí se volta a criatura aos píncaros do Amor e da Ciência, se fizer por isso, como aí se projetará aos abismos da mais variada ordem, se também a isso quiser dedicar-se. O pêndulo é o sagrado direito de livre arbítrio, o órgão motriz cuja capacidade cessa quando se atinge a fronteira das faltas ou o seu limite máximo.

Nisto é que há necessidade de muita atenção – saber como usar tão responsável instrumento, elemento de tamanha magnitude, através do qual tanto se pode construir o Céu como se pode chafurdar nos tredos abismos. Quem meter o livre-arbítrio a funcionar no rumo da Lei, muito bem; esse terá encontrado o caminho certo e a estrada límpida. Mas aquele que fizer em si, através das obras, serviço de contradição, esse terá que se entender com os rigores da judicatura básica. Tudo poderá ser esquecido, menos a vigência da Lei no plano das obras em geral. Nunca cessará a vida espiritual e jamais deixará de ser presente a Lei. Julgar certo ou errado, bom ou ruim, bem ou mal, antes de agir, tal é a máxima obrigação da criatura que atingiu o grau de consciência individual. Em última hipótese, deve compreender que será sempre juiz em causa própria, que jamais poderá se furtar à responsabilidade do ato praticado, bom ou ruim, a fim de ser recompensado.

Aqui deixo outro lembrete, de integral significação, pelo fato de terem incorrido em falta espíritos da mais alta envergadura, tais como alguns Budas e o apóstolo dos Gentios. A Lei não é

um Código de Moral adventício, exterior, feito para controlar a conduta intelectual dos homens. Não é exterior de maneira alguma, é interior a tudo e a todos, vigendo de dentro para fora, por ser um dos poderes de Deus, uma de Suas virtudes. Eu sei que mais de trinta irmãos falaram a respeito, através desta canaleta que uso; mas não quero perder a oportunidade nem o ensejo, afirmando que ninguém jamais se fará acima da Lei. Dela ninguém poderá se eximir, escapar, por ser de natureza íntima e absolutamente necessária. A Lei é a virtude divina que classifica, que ordena por especificação, colocando e situando a criatura com justeza. Sem Lei vigente, intrinsecamente vigente, ninguém poderia atingir estado ou grau, infernal ou celestial, por falta de ÓRGÃO competente.

O conhecimento da Lei Decalagal data de muitos milênios antes de Moisés, pois este colossal missionário foi objeto de repetição fenomênica, aliás, o que sempre houve e haverá, pois a Diretoria Planetária envia a lição, sempre que ela haja necessidade no seio de algum povo e quando se faça inadiável. O conhecimento da Lei escrita vêm dos milênios, as gerações indianas não sabem ao certo de quando. No entanto, saiba-se de uma vez por todas, ninguém jamais se fará acima da Lei, pois ela não é convencional, não tem poder relativo, não é exterior. A Lei escrita foi enviada para fazer conhecer seu conteúdo íntimo, para lembrar ao homem que ele encerra uma FORÇA EQUILIBRADORA, absolutamente vigente, esteja onde estiver, vá para onde for, seja para o Céu ou seja para os baixos. E que é por ela que se elevará ou descera, assim como a empregar em suas obras.

O Pai, o Filho, a Lei e o ESPÍRITO SANTO, valem pelos quatro pontos cardeais da sabedoria bíblica. Significam Deus, a chamada Criação, o Poder Equilibrador e a Virtude. Formam UM SÓ. Como CHAVE representa TODA A SABEDORIA.

Tudo quanto existe no plano relativo, ou na chamada Criação, seja espírito ou matéria, constitui parte integrante do filho e comporta os dois últimos fatores, que são a Lei e a Virtude, e que são a princípio ignorados pelo espírito. Assim que o espírito se alça nas asas da evolução, ingressando no plano hominal, começa a ter vislumbres de justiça e moral; inicia o conhecimento dos poderes íntimos que encerra, das forças latentes que virá a despertar e à custa das quais se projetará às alturas celestiais.

Cumpra não olvidar que a Lei e o Espírito Santo, para melhores conhecedores são virtudes divinas que a chamada criatura comporta, encerra ou possui, e que deve despertá-las. Com essas forças fará tudo, sem elas nada poderá fazer. Não deixo aqui vaza para contradições – afirmo que ninguém jamais poderá destruir essa realidade. Os conceitos humanos passarão e a VERDADE triunfará.

Quem desperta em si o que se chama Espírito Santo, amplia suas possibilidades de relação, em todos os planos e interplanos, porque essa virtude é a de relação, é aquela que força ao entrelaçamento entre Deus e as criaturas entre si. Um indivíduo bem despertado é um grande médium, chegando a não encontrar barreiras nas leis ditas inferiores, naquelas que separam os dois planos da vida, o encarnado e o errático. Todavia, cumpre saber os graus de desenvolvimento variam ao infinito, fazendo com que se encontrem muitos médiuns e de variantes capacidades.

Despertar essa virtude é tornar-se muito responsável. O mundo apresenta fartos exemplos de corrupção no emprego desse poder. De bom senso, digamos, despertar essa Virtude devia ser o mesmo que subir no culto da Lei, do Poder Equilibrador, que significa hierarquia espiritual. No entanto, repetimos, há muita falha na criatura e os vícios nefandos prejudicam a manifestação das virtudes, diminuindo os valores e fazendo claudicar os poderes.

De toda e qualquer forma, somos possuidores do Pai, do Filho, da Lei e do Espírito Santo. E tudo quanto temos a fazer é crescer nesses PODERES BÁSICOS, a fim de nos tornarmos poderosos em virtudes celestiais. **Não finda jamais a individualidade**, como pensaram alguns dos maiores mestres da humanidade; o que ocorre é muito simples – por sintonia com a DIVINA ESSÊNCIA a vontade do indivíduo passa a ser como a vontade de Deus. Eis a meta final do processo evolutivo!

Minha última vida na Índia foi no século XVIII, constituindo o final de uma longa carreira conceituosa; de tal modo estava certo de minha entrada no Nirvana, que me propus, nos dias finais, a não me alimentar. Tudo em mim era espírito, nada mais do mundo devia me importar e importunar. Como a vontade era poderosa e muito bem dirigida em continuidade, a libertação se processou em boas condições, em perfeita ordem, embora em grau hierárquico inferior. Nada de Nirvana, coisa alguma de me fundir com a ESSÊNCIA UNIVERSAL! Vaguei pelo ambiente onde outros já vagavam, também eles pretensos despertados e felizes libertados. O ambiente era de paz, tudo fora se fazendo límpido e penetrável, mas faltava intensidade, não havia autoridade. Se o primeiro instante foi de prazer, a seguir se manifestou sensível desagrado, para logo tomar posto sofrível estado de tormenta íntima.

Não quero depor contra o dever de cultivar a paz, a fim de hauri-la no plano astral, quando a separação se processar. Teço aqui os meus encômios a essa obrigação inadiável e intransferível; que ao menos se mereça a paz!

No entanto, que ninguém se iluda pensando ser ela tudo, representar a escala total. A sabedoria confere autoridade, gera o poder quando aliado a paz. Ninguém atingirá supremos postos só a custa de paz, bem assim como nada fará com a simples sabedoria. A paz é imprescindível. A sabedoria é complemento. Juntas é que produzem aquilo que chamamos de autoridade.

Eu havia cultivado a paz, uma paz filha do mais acendrado comodismo. Não tinha ciência e era falha a minha filosofia. Logo não possuía sabedoria e acúmulo experimental, estava aterrado em minha pobre paz.

Muito outra, meus amigos, é a tremenda lição do espiritismo. O Reino do Céu é para os trabalhadores, não para os enferrujados. O Céu dos comodistas é bem rente ao plano carnal, é bem pobre de recursos celestiais, é intensivamente fraco, quase vazio de tudo. Quem poderá desdizer o tremendo lastro de verdade que a realidade espírita proclama? Onde está o conceito humano capaz de eliminar o que é de procedência superior? Onde irão parar as manobras religiosistas, as artimanhas clericais, o produto da inveja, o despeito e a falsidade? Então o que é humano e ranceiro deve confranger o que vem da Suprema Causa? Deus deve proteger a malícia, o engodo, a farsa, a exploração, para de fato ser Deus?

Muita gente o entende assim; mas está errada; está virtualmente fora da trilha honesta, pois a Lei não aceita pretensas justificativas, mas quer apenas ser vivida. Vamos compreender bem esta assertiva – a Lei é para ser vivida, porque é valor íntimo e não formalidade, é poder intrínseco e não código adventício!

O centro de gravidade dessa matéria fundamental, que por isso mesmo acima de convenções humanas, pode muito bem ser interpretado pela sentença que vem dos antigos Budas, cuja origem se perde na poeira dos milênios:

“AQUELE QUE ME QUEIRA ADORAR, QUE FAÇA ATRAVÉS DE OBRAS MERITÓRIAS, QUE VENHA PELO SEU IRMÃO, QUE SE FAÇA AMORÁVEL E SÁBIO”.

É por isso que eu disse, de início, conter ainda bastantes recalques budistas, fartas marcas psicológicas em favor da doutrina humanista. Os Budas cometeram erros, conceberam mal sobre temas da Verdade, mas foram tremendamente grandes ao reconhecer a melhor das verdades libertadoras – aquela que não manda oferecer bugigangas a Deus a pretexto de ato de fé. Tudo no budismo, em matéria de salvação, repousa no culto dos desprendimentos materiais e no melhor trato social. Quem não sabe ser decente para com seu irmão, que se não defenda através de atos e atitudes hipócritas, pois as malícias multiplicam os erros ao invés de os justificar ou eliminar.

Eu sei que há exageros contemplativos no budismo; sei que ele honra em excesso a doutrina da abstração e da abstinência; sei que relega a plano inferior, e que chega a negar o merecimento de atividades indispensáveis ao aprimoramento moral e científico do espírito. Sei, em linhas gerais, que a Lei não se abala com essas concepções, reclamando atividades e atenções,

trabalhos e acúmulos experimentais. Sei que, de fato, muitos pretensos libertos, ou Budas, voltaram à carne, em outros tempos, em outros países e para fins complementares. Eu sou a prova de que isso é por Lei. Mas eu sei que, colocando no seio da doutrina budista o conhecimento daquela verdade que o Diretor Planetário veio derramar sobre toda carne, que é o Batismo de Espírito, ela encerra tudo o quanto há de mais nobre e necessário, como instrumento da libertação espiritual. O budismo não é, em sua essência, nem formal e nem idólatra; vale por todo um programa de Ética aplicada. Se vier a contar com a oferta do Pentecostes, de cuja magnificência fez Paulo de Tarso recomendação absoluta nos capítulos doze, treze e quatorze da Primeira Epístola aos Coríntios, far-se-á ínclito órgão de instrução e libertação.

Conforme já citei, minha última desencarnação em terras da legendária Índia me colocou numa encruzilhada, num dilema bastante constrangedor. Rico de paz, mas pobre de valores despertos, de experiências acumuladas. Estava bem, mas voava baixo e curto. Não possuía extensibilidade. Não podia alcançar na prática aquilo com que tanto sonhara – a integração no UNO, a libertação integral!

Já disse que integração no UNO é verdade específica e não geral; **a individualidade nunca cessa**, havendo unificação vibratória. **O filho** passa a observar com inteireza a Lei, **faz-se tentáculo do Pai**. Sua vontade é segundo a Soberana Vontade, pauta-se por ela, segue-lhe o rumo em toda linha.

Eu pretendia isso, fazia tempo que pretendia; e pensava estar na posse desse direito. Sonhava com essa condição e ajuizava o prazer espiritual de semelhante situação. Mas a Lei é fundamental, é superior, não convindo com as apreciações humanas, de sorte que não me vi alçado aos rincões de Plena Luz, ficando rente ao chão dos encarnados. Tomava parte na vida dos monges, nutria-me de seus pensamentos, de seus frugais alimentos, da duplicata de tudo que é do meio material e humano. Esta verdade já vos é do conhecimento – “todas as coisas se desdobram em duplicatas”, em valores substanciais, em formas e condições para vós desconhecidas. “O mundo astral é feito da rarefação do mundo sólido” facilitando condições e situações iguais as vossas, muito piores e muito melhores. Não existe um plano espiritual promíscuo, onde tudo e todos se misturam; pelo contrário, há muita ordem, há muita divisão e todas as chefias necessárias.

Na atmosfera da Terra há um pouco de promiscuidade, pois se mesclam os mais contraditórios elementos, as mais diversas gradações hierárquicas, para efeito de vantagens em geral – ensinam alguns, aprendem outros, etc. Também vivem nela elementos desencarnados de variantes matizes, além de centenas de milhares de encarnados, cujos corpos estão dormindo. Mas há ordem, nada é por acaso. Nas esferas da sub-crosta, em que pese a característica trevosa ou inferior, de modo geral penosa ou infernal, reina muita ordem, porque tudo se divide por zonas, por circunscrições e chefias. Nunca se poderá dizer que alguém esteja mal por acaso, que a Lei não tome tento e que deixe sem atividade a Justiça. Como já disse, é que repito – Lei é Poder Intrínseco, é parte do Organismo Geral, está em tudo e em todos, no Céu e na Terra, na parte e no Todo.

Um tremendo serviço é feito na Terra pelos espíritos guias, ditos anjos da guarda e pelos familiares e amigos; o entrelaçamento entre as esferas governantes é imenso. Fervilham trabalhos, descidas e subidas. Movimentam-se ordens, atenções, trabalhos e serviços múltiplos. É fantástico o plano geral! Pontes e caminhos vivem atulhados de servidores. Espíritos mais avantajados em poderes despertos varam tudo, segundo as ordens a cumprir, pois se fazem acima de barreiras e vencem distâncias como entendem e seja necessário. Já não se trata de falar em Deus, crer ou ter algum credo; é a verdade em plena vigência, ativada pelos tentáculos fundamentais da Lei! A Justiça, que é a Lei em ação, paira no recesso de toda e qualquer movimentação. É deslumbrante o espetáculo! Como é simples, amigos, compreender a Divina Presença, sentir a UNIDADE, vendo estas maravilhas a funcionar. E isto é apenas a Terra... Que diremos do Universo Infinito?!...

Quando estava cansado de viver entre os monges encarnados, conversei com alguém, um dos companheiros de ventura:

– Devemos ficar toda eternidade assim, se é que a vida do espírito é mesmo eterna? Que acha você? Devemos tomar uma iniciativa qualquer?

Com ar sofrido, encolheu os ombros e sussurrou:

– Desde quando, não teremos feito alguma coisa a fim de melhorar? Todavia, se Brama deseja alguma outra atividade, eu não sei qual seja... Eu não sei...

Notando-o constrangido, observei:

– Bem, ao menos estamos em paz, poderíamos estar em pior estado, como esses que perambulam pelas ruas, pelas casas, e aqueles que rastejam pelas sarjetas. É verdade que nossos desejos são puros, superiores, e que gastamos a vida toda em preparos, sem quase nada adiantar... É verdade que alguma coisa não está bem...

Um dos muitos companheiros alvitrou, interrompendo-me:

– Vamos fazer uma série de orações no Templo?

Outro retrucou:

– Voltaremos ao estado de idólatras? Não temos cultivado a melhor fé? Não temos forçado no íntimo a união sagrada? As vibrações do material seriam mais do que nossos próprios recursos íntimos?

O propositor redarguiu:

– Sim, é verdade. Mas onde ficou a união? Estamos unidos no chão e nenhum irmão superior nos dá a menor atenção. Todos fogem de nós. Só os guias nos procuram, só os encarnados nos veneram, pensando que somos parte de Brama, julgando nossa união feita pela libertação. No entanto, onde está a união? Devemos ficar eternamente esperando? Esperando o quê?

O interlocutor obtemperou, bastante amuado:

– Vamos orar na floresta, então? O esplendor da natureza talvez concorra para nos fazer desabrochar as virtudes do espírito...

Sobre ele choveram advertências e impropérios, vindos de todos os lados e nos mais variados matizes acusatórios. Por fim, ele mesmo disse, resolutivo:

– Não vos estou convidando, estou apenas dizendo que tenho o direito de dar minha opinião, de ter idéias próprias. Portanto, com ou sem a vossa concórdia, eu vivi pensando como os outros pensaram, posso uma vez ao menos pensar a meu inteiro gosto. No que me resultou pensar conforme os velhos ensinamentos? Onde estão os oito Budas principais? Por que não nos visitam e recolhem os trinta e quatro Budas, os maiores e os menores?

Não com ira, mas visivelmente indignado, arrematou:

– Não temos tido certeza de que Brama está conosco; mas estamos certos de estarmos com nossas próprias convicções. Ora, convicções humanas não é que fizeram o Universo! Os Budas, se tal foram, não terão sido os autores de Brama, porém, apenas filhos de Brama. E quem poderia dizer com absoluta certeza, a respeito das leis de Brama? Estaremos com a Verdade? Ou estaremos apenas com nossas paupérrimas verdades humanas? E por que motivo devemos silenciar, acatar mais a voz de uma tradição que pode muito bem ter as suas verdades felizes, mas que pode também ter suas falhas terríveis?

Um ancião, ainda conservando os sinais vivos de sua encurvada carcaça, em tom de rogo, disse:

– Irmãos! Não nos separemos por simples opiniões. Vamos tentar... Vamos tentar a oração em conjunto, no seio estuante da floresta, com olhos voltados para o Céu... Para o sol, a maior glória com que Brama nos brindou. Tudo faz verter a divina sabedoria de Brama! O Céu e a Terra Lhe contam o Infinito Poder! Logo, irmãos, também podemos colher alguma coisa através de Sua Maravilhosa Obra! Vamos tentar?...

Alguns responderam que sim, outros se calaram, outros tiveram opiniões contrárias. Houve um que retrucou, com azedume:

– Eu tudo fiz, como melhor pude, para fazer a união de espírito para Espírito. Se por isso não deu certo, que é a medida tida e aceita pela tradição, e pelo melhor senso crítico, porque hei agora de virar os olhos para o sol ou para uma simples floresta? Continuo budista, integralmente

budista, não arredo o pé deste lugar! Se faltas há, que venham me dizer... Sim, que me venham dizer! Confio que alguém virá, algum dia, dizer alguma coisa, assim como nós confiamos e vivemos segundo a tradição.

O ancião, todo paciência, monologou:

– Tem razão... Todos tem razão... Ninguém deixa de ter a sua razão...

Contrariando o esperado, foi saindo, saindo, até que o perdemos de vista. Foi então que um certo horror se apoderou de mim, estremecendo-me, razão por que lhe fui nas pegadas. Quando olhei para trás, outros vinham, quase uns duzentos, todos metidos em grande tristeza, cabisbaixos e silenciosos. Era a caravana medorrenha a se locomover pelos ermos, muda e triste, aguda e contrita; era a estampa da ilusão perdida, das convicções tornadas baldas, do vazio espetacular a corroer as criaturas antes cheias de vida interior, de esperanças e miríficos projetos. O todo sublime de antes, dos tempos iniciáticos, estava convertido agora em merencória ondulação através dos vales e montes. Uns na frente acompanhando Ananda, outros a filar perrengue pelas moitas e acidentes do terreno; todos, enfim, marchando no rumo das montanhas, ao encontro de algum recurso, à busca daquele Nirvana que se apresentava difícil, quase impossível, depois de ter sido julgado pronto e liquidado, resolvido e absorvido.

Ananda, o encarquilhado, parou. Estendeu o seu cansado olhar de espírito sofrido por sobre a dolente e triste fila de companheiros, indagando com sua rouca e apagada voz:

– Por que vindes em meu encalço? Lembrai-vos, eu não vos convidei! Para mim, se voltar ou não pouco importa. Mas não sei de vossas pretensões e não me responsabilizo pelas vossas esperanças... Somos já mortos para o mundo, mas temos as nossas necessidades, somos ainda homens, temos os nossos corpos e as nossas obrigações para com eles. A morte do corpo denso não eliminou a vida do corpo tênue. Tudo continua, tudo se prolongou para aquém do túmulo, como vedes.

Olhou para a linha de montes ao longe, apontou e sentenciou:

– É para lá que eu quero ir!... Ninguém está convidado; vá por si mesmo aquele que tiver suas intenções.

A caravana encurtou-se, pois enquanto ele falava, os outros avançavam. Quando Ananda recomeçou a marcha, alguns lhe estavam a frente. Seus passos lentos arrastavam-se pelo chão ariente, escaldante, como se fossem os de um encarnado. Todos nós éramos, em verdade, encarnados de certo modo, apenas invisíveis aos olhos do mundo. Os nossos corpos pesavam, as nossas necessidades eram prementes; começou a nos invadir a sede e a fome. Isso mesmo, tal como se fossemos portadores daqueles corpos que havíamos largado fazia muito tempo.

Um jovem que havia passado em virtude dos excessivos jejuns, soltou alguns gemidos e caiu por terra. Seu peito arfava e sua voz não saía. Sua vida era feita de surdo gemido, apesar de ser espírito, a despeito de haver morrido. Nem parecia o mesmo, aquele jovem sonhador, aquele asceta completo, aquele homem em cujo semblante místico muitos viram raiar o sol da união perfeita. Ele pareceu, um dia, ter realizado em vida, a entrada em Brama, tal o alvor de sua aura. Muitos o tiveram na conta de um grande Buda; mas ali estava, agora, entregue a terrível e angustiante cansaço, feito igual a qualquer pecador, entregue à necessidade dos mais lancinantes gemidos.

Ao seu redor alguns pararam, enquanto que outros fizeram conta de nada ver; o Cristo, ali, faria rememoração de grandiosa e impassável parábola. Mas, seja como for, eu também não fiz melhor; parei, olhei, lastimei e recomecei a marcha. As montanhas estavam longe, todos estávamos famintos de muitos alimentos, principalmente de pão espiritual, não havendo motivo para ficar, pois ele era espírito, estava entregue ao rigor de uma Verdade Superior, estava aquém dos conceitos humanos, também havia transitado pela barreira do túmulo. Não sei quem lá ficasse, pois não quis olhar para trás. Eu não sabia que espécie de sorte me iria aguardar um pouco adiante, mais além. Tudo poderia acontecer, por um homem morto que se achava bem vivo e bastante sofrido aquém da morte. A medida, a meu ver, era caminhar sempre, atingir as montanhas, mesmo sem saber no que isso daria.

As montanhas! Quantos pensamentos fiz antes de a ela chegar, morto de cansaço, derreado ao extremo, exangue a ponto de me largar por terra e perder os sentidos por muitas horas ou dias!

Poucos atingiram as montanhas, daqueles quase duzentos saídos. Quando muito a quarta parte, se tanto, conseguiu lá chegar, alguns se arrastando como serpentes feridas, sangrando pelos pés e pelas mãos, suando sangue e derramando lágrimas a valer, elementos que, de mistura, formavam lodo e mau cheiro. De par com os traumas, com o frenetismo místico, havia horror nas frentes e desespero nos olhares mortiços. Cinco ou seis pareciam alucados, pois começaram a atoar descontraídos cânticos, fora de um tom e de tudo, com as mãos levantadas, perseguidos de íntimos terrores. Um espetáculo horroroso, sinistro, filho da esquizofrenia.

Uma noite havia passado, sobre um dia de mortificante caminhada, e outra noite se debruçava sobre a imensa natureza. A terra exposta na estância das montanhas e na fragrância de vales verdejantes, tinha por teto uma cintilante abóbada e era envolvida pelos rumores múltiplos da bicharia. Mesmo entregue a tamanho tormento, atacado frontalmente pelos horrores da fome, da mais angustiante expectativa, e de mais um dia arrastado pelos ermos, sentia-se alguma satisfação ante o espetáculo fantástico da natureza.

Ananda subiu, subiu, obrigando alguns outros a subir e a outros tentar subir. Tentar, é claro, pois a maioria ficou no sopé da encosta, bem rente ao lago sereno, cantante e poético, visitado por animais e bafejado pelo clarão da lua crescente.

– Ananda! Ananda! – gritou um dos caminhantes desesperado, vendo-o subir, agarrar-se a tudo, picos e frestas, num tremendo esforço, numa esperança louca.

Veio o surdo rumor:

– Quem me chama?

O desesperado companheiro rogou:

– Eu!... Eu!... Espera, por Brama... Espera!... Ananda, espera!...

Ananda replicou firme:

– Não! E se tivesse caído no caminho? Quem me acudiria?

O interlocutor reclamou, mas antes gemendo que falando:

– Piedade!... Espere um... Um pouco... Por Brama...

Ananda, sumido entre as fendas da rocha enviou o seu duro recado:

– Brama nos esperou? Teremos agido bem? Quem falhou, nós ou Ele? Não vou esperar, nada prometo, não me responsabilizo! Penso em mim, por mim e para mim!

Eu fazia o quanto podia, a fim de não perder Ananda de vista; mas naquela hora, frente a tamanha sanha egoísta, pensei estar seguindo um espírito enlouquecido, tornado indigno de todo e qualquer acatamento. Estaquei, pensei, meditei. E voltei atrás, fui ter com os outros, com os que haviam ficado junto ao lago, alguns dos quais choravam, pranteavam agoniadamente, reclamando contra o encurvado companheiro, incriminando a sua dureza de coração.

– Nós ao menos teremos água... – balbuciou alguém.

– E dizer que somos espíritos!... Que ultrapassamos o túmulo! – exclamou o que estava ao meu lado, até então com a cabeça enterrada entre os dois joelhos.

– Mistérios de Brama! Quem os sondará? – comentou aquele que estava ao lado.

Um que vinha vindo, daqueles que se haviam atrasado, retrucou-lhe:

– Mistérios coisa alguma! Leis, sempre leis! Nós estamos errados, totalmente errados! Somos apenas egoístas, tremendamente egoístas...

Surtiu pesado rumor, depois um baque surdo. Fora a nossa direita, não muito afastado de nós. Fiz o possível, levantei-me e fui investigar. Lá estava Ananda, o encurvado companheiro, todo gemente, dizendo palavras sem nexos, clamando por Brama, rogando misericórdia, tudo de mistura, numa balbúrdia mental sem conta.

Sacudi-o, mas sem efeito. Estava fora de si, estava enlouquecido ou desvairado. Lá o deixei, vindo ao encontro dos outros e informando-os.

– Bem feito! – exclamou um deles.

– Pobre Ananda! – lastimou um outro.

Uma gargalhada se levantou, depois do que surtiu a opinião:

– Temos sido verdadeiros idiotas! Egoístas infames!... Pensando ser mais, que ganhamos? Até depois de mortos caímos, temos fome, vivemos feito bichos! A união, a libertação, a entrada em Brama!... Brama pensou do mesmo modo? Quem é que trouxe o recado? Que Buda contou o resultado de sua experiência? Qual deles voltou para confirmar sua teoria e doutrina? Onde foram parar? Será que estão lá no alto da montanha, clamando por Brama, como nós o estamos fazendo aqui?

Cessou a fala, num repente, caindo em convulsivo pranto, em desesperada crise. Aos poucos foi passando, passando, até que silenciou de uma vez. A natureza estava majestosa, estuante de esplendor, cheia de luar e de vida animal. Aos poucos a neblina invadiu tudo, revestiu de branco véu a moldura dos montes e das árvores; a lua viu-se ofuscada, os insetos diminuíram a intensidade dos ruídos, o lago ficou debaixo do manto úmido e alviciente. A noite pareceu dormir, envolveu a natureza toda, encerrou-se na quietude. Cada um de nós se recostou, procurou dormir, fazer aquilo que sempre o fizemos, com toda a regularidade e necessidade, a contar do primeiro dia da morte física.

Se os nossos pensamentos, e estado geral, no seio dos monges, deixava a desejar, agora tudo pairava em grau superior de piora, muita piora. Naquele meio havia com que nos nutríamos; o padrão mental era forte, as convicções dos encarnados mantinham elevado teor de vibração, imantando tudo, o chão, as paredes, os móveis e todas as peças com o magnetismo deles irradiante. Nossos pensamentos estavam aliados, vibravam em uníssono, sugavam fluidos e absorviam ondas mentais, o que era suficiente para manter o grau considerado ótimo com relação ao meio e ao plano hierárquico.

Saindo, abandonando aquele meio, fomos tragar um mundo diferente, alheio as questões psíquicas, sendo envolvidos pela natureza fria e penetrados daquela gradação vibratória de todo inferior, sem intelecto e sem mente, acima de tudo fora das normas vocacionais, isenta de proposituras espirituais. Os monges tinham para si e para nós, pois mesmo a despeito de todas as abstenções, irradiavam energias, colhiam e devolviam, como é ordinário, mantendo um ambiente farto, além de sustentar um elevado coeficiente psíquico.

Despertar, naquela manhã, foi o mesmo que sentir faltas conhecidas e desconhecidas, patentes e latentes, sondáveis e insondáveis. Havia frio material, frio e fome espirituais, necessidades variantes. Diante daquela conjuntura esmagadora e abaladora em extremo, alguns se mantinham calados, taciturnos, enquanto outros diziam absurdos, propunham atividades descabidas e não raro blasfemavam, julgando-se traídos por Brama e pelos Budas.

Eu havia aprendido, como eles todos, a julgar tudo pela ORIGEM, achar que Deus era a ESSÊNCIA INTEGRAL, e tudo quanto mais fosse ou existisse não podia ser menos do que semi-deus, do que forma de manifestação de Deus ou Brama. Sabia que a chamada Criação era uma descida, um ramo involuído, para efeito de particularização ou individualidade infinitas, cumprindo a cada partícula, a seguir, ir-se levantando, erguendo, subindo, “psiquisando”, angelizando. Enfim, sabia que Deus se transformara na chamada Criação por um intrínseco processo de involução ou descida, e que a chamada Criação se eleva a Deus, de novo, pelo íntimo processo de evolvimento ou subida. O que não estava muito certo, no entanto, referia-se ao MODO de subida ou infindos matizes de modos, pois há variações sem conta e as teorias não eram precisas. Agora que estava em má situação, fervilhava na mente todo um aluvião de idéias e conceitos, pensamentos e preconceitos em choque, sentindo a cabeça girar, agindo como tonto e cada vez mais piorando.

Naquela manhã, acordando, apesar de ter passado a noite numa furna de rocha, estava umedecido, friorento, pior do que se fosse um encarnado, pois a sensibilização que a perda do corpo obriga, se aumenta a glória quando é merecida, também aumenta a tragédia quando não se faz jus a outra condição. Fosse nos seios dos monges, teríamos ambiente farto e feliz, pois havia de

tudo um pouco e muita irradiação da parte dos encarnados, com que nos beneficiáramos. Ali, no entanto, tudo era pobreza e miséria, apesar do fausto esplendoroso da natureza. Não havia alimentos, pensamentos e nem acomodações apropriadas, como no convento, onde tínhamos o que sugar, o que vampirizar ou sorver, pois a morte, como já disse, não nos libertou dos jugos inferiores.

Acordei os demais e conversei com os que vinham chegando, pois de quando em quando chegavam alguns daqueles caravaneiros atrasados. O pior é que nos julgavam bem e melhorados, pois todos tinham por certo que Ananda sabia onde chegar e para que fim. Ninguém podia admitir que ele tivesse agido como louco, sem a menor certeza, completamente desprovido de finalidade segura.

– Então – disse um deles – porque veio ele para estas bandas?

Outro, comentava duvidoso:

– Não parece estar sofrendo das faculdades mentais...

– Idiota! Idiota! – resmungou alguém – Como fui sair de lá?!... Ao menos havia paz, alimentos, esperanças de...

Outro interrompeu-o:

– Paz e comida, sim; mas esperança não creio... Todos estávamos custando a suportar aquilo. Ser espírito e ficar do mesmo modo, como se fosse um encarnado, a cogitar de necessidades tão animais!... Aquilo precisava acabar, ter fim. Dormir, comer, beber, respirar, etc. Era preciso ter fim!...

Replicou-lhe um outro, com acentuada amargura:

– E acabou mesmo!... Aqui estamos em melhores condições!...

– Onde está esse trôpego? – indagou um outro, com violência, como se quisesse tomar desforra.

Acalmei-o:

– Tinha qualquer coisa em mente, pois se meteu a escalar a montanha. Foi agarrando, segurando, trepando, num doido esforço, numa loucura quase, até que o perdemos de vista. Estava belíssimo o luar, mas não pudemos vê-lo e nem acompanhá-lo mais, razão porque ficamos cá em baixo. Pouco depois ouvimos um ruído surdo e um gemido grave. Quando fomos ver, ele havia caído e estava sem fala, gemia apenas. Arrastei-o até uma furnazinha e lá o deixei... Deve estar lá se não recomeçou a escalada, hoje pela madrugada, caso tenha podido fazê-lo.

– Vamos procurá-lo? – consultou-me um dos presentes.

Saí para o fim proposto, pois ficava a uns vinte metros da beira do lago e atrás de uma enorme pedra. Lá chegando, não o encontramos, motivo porque demos uma busca nos arredores, também sem proveito. Para onde teria ido? Qual seria seu objetivo? Ficamos meditando, sem nada falar, até que um disse, num gemido:

– E dizer que somos espíritos!...

– O que não é espírito? – revidou um outro.

– Nós somos budistas, acima de tudo. Cultivamos os melhores pensamentos, temperamos nossas almas...

O revoltado, de pouco antes interferiu:

– ... Nossas vaidades, nossos egoísmos! Eu bem desconfiava que o Nirvana jamais seria conquistável assim tão fácil! Como não? Só pensar que se é da mesma ESSÊNCIA que Brama é, imaginar uma união, meter o pensamento nessa união, pretender tê-la realizado! Muito bonito, muito cômodo, muito ligeirinho!... Os que trabalham, lutam, criam filhos; aprendem e ensinam; edificam povos no culto das ciências e das artes; todos os que comem e bebem a própria custa, todos aqueles que cooperam com Brama, todos eles são pecadores indignos do Nirvana! Nós, porém, que temos as nossas manhas, os nossos pensamentos adestrados na malícia de pensar fácil e comer de esmolas, somos os bons filhos de Brama!... Ora! Ora! E dizer que vivemos até aqui, atrás de um pobre velho tão errado quanto nós, tendo apenas um pensamento – pensar que Brama está no alto da montanha!... Que lá se encontra rodeado de Budas e de egoístas como todos nós!...

– Apoiado! Apoiado! – gritou uma voz cavernosa, surgida no lado direito.

Olhamos e vimos Ananda, todo ensangüentado, erguido sobre uma enorme rocha. Estava sorrindo mas demonstrava desequilíbrio regular. Fazia esgares, tinha os olhos vidrados, babava-se todo. Causava lástima, imprimia horror. Fora chocante sua apresentação, havendo quem chorasse copiosamente.

– Vamos orar! – gritou um dos companheiros – Vamos reclamar atenção, pois o nosso erro não foi tão grande assim... Brama estará longe, nos confins de nossa intimidade, mas os Mestres devem estar ao nosso alcance!... Devem estar...

Soluçando, ajoelhou-se, clamando ao Céu em voz alta, gritando pela misericórdia celestial:

– Brama! Ó Brama! Envia Teus servos!... Se estivemos em erro, Senhor, é nosso desejo acertar!... Ó Mestres! Ó Mestres!... Vinde em nosso amparo!

A cena era terrivelmente patética, ultrapassava de muito a majestade da natureza maravilhosa. Suas palavras ecoaram para além dos picos, perderam-se no imenso da cordilheira fantástica. Quando ele fez silêncio, parece que tudo lhe acompanhou o gesto sepulcral. Não se ouvia um canto de ave, um silvo de serpente, um estríduo de qualquer inseto. Parecia haver morte na terra e nos ares, assim como havia pranto em nossas almas e angústia em nossos corações. Não se sabia, todavia, o que estaria havendo no Céu, onde talvez tivesse chegado aquele profundo clamor, aquela medonha invocação.

Estáticos, inermes, amortecidos, ali ficamos alguns minutos. Recomeçaram os ruídos; recomeçou aos poucos o cântico da natureza, a sinfonia da vida, o clangor estuante do astro rei, cujos raios iluminavam, vibravam, tangiam, impunham vivência e forçavam o formidável concerto da natureza. Só nós éramos pequenos, infelizes; só nós estávamos aterrados, mergulhados no mais cruciante dos sofrimentos. Dentro em pouco, chocante era a diferença entre a paisagem e os nossos ânimos; enquanto ela crescia, aumentava e se desdobrava na expoência de suas colorações, ruídos e fragrâncias, nossos ânimos desciam, desciam sempre, comprimidos e achatados pela ausência do Céu. Aquele clamor patético ficara sem eco, perdera-se na imensidão de um mundo feito de grandezas telúricas. Deus parecia ter tudo, menos ouvido, menos sentimento... Já havia descrença e desilusão em nossas almas, pois alguns se deram a sussurrar termos de blasfêmia e rebeldia. De minha parte, confesso, beirava entre os dois estados, estava esquelético de espírito. Esconsa a esperança, como se devia portar a mente? Inclinado o coração, que poderia dizer a inteligência, sem ser decair, entregar-se ao mais terrível quebrantamento?

A voz daquele companheiro, no entanto, surgiu na hora precisa:

– Aí estão vindo alguns retardatários, irmãos que ficaram pelo estirão ao sabor da intempérie; vamos acolhê-los com ânimo forte, pois o culpado, se há quem o seja, está inconsciente, fora de responsabilidade. Também, irmãos, não devemos cair em desânimo; se é de angústia o percalço a vencer, não pode ser de menos que haja um fim a ser atingido. Estamos no plano da morte, plano imaginado por todos nós como sendo aquele que caracteriza e encerra o esplendor da vida real. Brama é Vida, é Amor, é Ciência, tudo ao infinito, sem limites, sem fim. Como nos deixará sem amparo, sem orientação, sem destino?

Os retardatários se chegaram, foram passando as vistas, observando, examinando; procuravam em nossos olhares o sinal do triunfo alcançado, o vinco da vitória inciso em nossos semblantes. Depois entreolharam-se, fizeram sinal negativo e sentaram-se no dorso de uma laje. Ninguém disse palavra, todos começaram a cismar, todos foram se entristecendo.

Aquele companheiro levantou-se, olhou-os com a firmeza possível e disse-lhes o que vinha de ocorrer. Tudo falho, tudo negativo, inclusive sua invocação ao Céu.

– Onde está Ananda? – perguntou-lhe um deles, com ar revoltado.

Fez um gesto de braço e apontou:

– Faz pouco esteve ali, sobre aquela pedra enorme, dizendo palavras sem nexos. Não adianta criticar, apontar, responsabilizá-lo...

Estacou, pensou, olhou para todos e completou:

– Afinal, foi ele que nos mandou acompanhá-lo?

Um dos presentes assentiu:

– Nem foi ele quem inventou a confraria... É apenas um tolo como nós.
Ananda apareceu no topo da rocha e bradou, colérico, desvairado:
– Basta de Ananda! Basta de Ananda! Eu também estou farto de Ananda! Porque tenho acreditado tanto em mim? Por ser idoso? Por acreditar nos Budas ou em Brama? Mas Ananda é algum Buda? É Brama? Quem é Ananda?...

Atirou-se lá de cima, caiu de pé e recomeçou o semi-louco discurso:
– Eu perdi o caminho, não sei por onde se pode subir!... Idiotas!... Procurem o caminho... Eu... Perdi o...
Desmaiou. Alguns o foram socorrer, mas ficaram sem saber o que fazer pois era simplesmente um espírito e nós estávamos muito longe do mosteiro, daquele ambiente onde pelo menos havia paz e recursos energéticos.
– Fazer o quê? – consultou aquele que fizera a invocação.
– Levá-lo ao sol, quando muito – aconselhei.
– Pensávamos saber tanto!... E disto nada sabemos!... – lastimou alguém, que se achava lá para trás.

Arrastaram Ananda para um lugar onde havia sol e ali o deixaram, voltando ao antigo posto, onde cada qual continuou a mitigar pensamentos os mais contraditórios e amargurosos. O sol ficou a pino, razão por que sugeri uma atitude, que foi muito bem aceita.

Minha sugestão foi a seguinte:
– O sol está a pino. Deve estar em Zênite, no máximo de sua potencialidade em geral. Ora, vamos tentar colher algum benefício, seja de que ordem for, pois ainda sentimos falta de recursos materiais, apesar de sermos espíritos. Não sabemos o porquê do nosso fracasso, mas sentimos que o sol nos aquece e que a água do lago nos alimenta... Estamos no mundo dos mortos e temos necessidade daquilo que é necessário aos chamados vivos. Sabemos como todas as forças e todos os elementos se desdobram em múltiplos e infintos matizes energéticos; estamos vivendo, faz muitos anos, à custa do mundo substancial, dos recursos essenciais. Vamos apelar ao sol, não como ídolo, não a título de religião, mas sim como fonte de vida cósmica e vertente indiscutível de virtudes essenciais. Quem mais trabalha e produz, em nosso sistema planetário, é o sol; ele simboliza Brama, o PRINCÍPIO SAGRADO. Vamos honrar o trabalho?... Vamos apelar para seus inesgotáveis recursos?...

– Meditemos, então – concordou um dos companheiros.
Observei:
– Não. Apenas meditar deu nisto, nesta miséria... Vamos fazer um círculo e de mãos dadas, formando uma cadeia magnética, vamos mentalizar a luz de Brama, o Seu BRILHO DIVINO, aquilo que em nossos êxtases temos procurado.

Foi como infundir vontade, pois todos se puseram de pé, levantaram as respectivas cabeças e fitaram o astro-rei. Aos poucos, fomos sentindo a importância da ação, o produto da mentalização consciente.

Aquele que havia feito a invocação, clamou:
– Brama! Brama! Nós queremos trabalhar e servir!...

Houve estremeamento geral, como se algum poder oculto nos sacudisse. Aquilo serviu para aumentar a esperança e favorecer a firmeza do pensamento. Era a primeira vez, depois de termos abandonado a carne, que alguma coisa nos sucedia, que o céu vinha em nosso auxílio.

E com o renovado poder mental, repetiram-se os estremeamentos, deram-se alguns repêlões, conseguimos ver focos de luz bailando no círculo, subindo e descendo. Alguns passaram a orar em voz alta, outros deram para chorar, ainda outros davam graças em tom de rogo.

– Irmãos! Paz seja convosco! – bradou alguém no meio do círculo.

Todos ficamos atônitos, fitamo-lo com infinita devoção. Era um homem alto, todo vestido de branco refulgente e senhor de um semblante angélico. Irradiava autoridade, força moral incalculável. Estava de pé, mas não pisava o chão, pois se mantinha a uns dois palmos do solo.

Quando estávamos refeitos, numa voz harmoniosa e suave, explicou:

– Não vim pela minha vontade, mas pela vontade de Kassapa, o Buda, que precedeu ao último Buda, que foi Gotama Buda. Ele, por sua vez, sendo nos altos planos um grande chefe, atendeu o vosso apelo, por ter sido feito em honra ao trabalho.

Passou o seu absorvente olhar pela assembléia de monges, mais farrapos do que monges, acentuando:

– O trabalho é a grande oração. Tudo quando é feito, e resulta em bem para os semelhantes, isso mesmo enobrece e honra a criatura. Brama não carece de adorações de Seus filhos, mas Seus filhos, entre si, muito necessitam do mútuo amparo e das inadiáveis atividades de cooperação. Estamos no limiar do século vinte e o mundo se prepara, a fim de transpor um dos mais significativos ciclos, aquele que determinará a mudança de condição e de situação para toda a humanidade, na medida de suas possibilidades. Não será mudança de caráter fundamental, não haverá melhora radical, pois o espírito não amadurece de um golpe, não faz jus a um salto nas condições mesológicas, uma vez que não saltará nos valores íntimos. A reforma será relativa, mas não deixará de ser algum tanto violenta, pois a humanidade é, infelizmente, inimiga de esforços a bem do espírito... Há muita tendência para o comodismo, há muito apego ao mundo, mesmo que disfarçado em sentido religioso... Deus, porém, quer que se preze a Ciência e o Amor. Mas em base de serviços úteis, de préstimos inadiáveis e intransferíveis. As portas do Nirvana interior, sabeis-o, somente serão abertas através do trabalho. Inatividades e comodismos geram desgraças, mesmo que praticadas em nome de Brama ou em Seu favor. Assim, como ninguém consegue viver, somente de pensar nas atividades e nas realizações necessárias, assim também ninguém edificará o Reino de Brama, pelo simples afastamento das obrigações, pelo simples fato de só pensar em Brama.

Sua palavra era potente, convincente ao extremo, vinha ungida de tremendo potencial moral. Ao fazer breve silêncio, ninguém ousou fazer a mais urgente argüição, pois estávamos todos sentindo profundamente a sua imensa capacidade discernitiva e funcional. Perguntar o quê, se ele nos penetrava em todos os sentidos?

Relanceando seu meigo e potente olhar pela assembléia estática, ofereceu:

– Quereis trabalhar? Quereis alcançar, de fato, na intimidade, o encontro e a união com Brama?

A resposta foi um rumor, nalguns casos um sinal de cabeça, pois alguns não podiam falar, estando, como estavam, imensamente emocionados.

Ele sabia e muito bem, qual seria o teor da resposta; a miséria estava no auge, levando-se em conta a qualidade dos elementos, considerando a proveniência vocacional dos seus portadores. Mas, como era de ordem superior, fez a pergunta e ouviu a devida resposta, a fim de propor:

– Está bem, fiquem aí alguns instantes, enquanto presto contas e volto. Mantenham alto o padrão mental, desejem de fato trabalhar pelo bem da confraria humana, produzindo benefícios da mais variada ordem, ativando os mais urgentes e imprescindíveis atos de atenção, por todas as questões e sentidos de atividade, pois no Universo tudo é movimento, ordem e cooperação, esforço e progresso, não se justificando o abandono e a isolamento.

Um raio de luz esplendente rasgou o espaço, no rumo das esferas superiores e levemente na direção norte. Nós ficamos olhando para o espaço, na mesma direção, com pensamentos voltados para ele, o luminoso espírito, o mensageiro de Kassapa, que fora o penúltimo Buda. Havia um hino, um cântico em nossos corações, que se levantava em louvor a Brama, de maneira a mais espontânea, a mais deslumbrante.

Apareceu ao longe um clarão, apenas um imenso clarão, que se foi aproximando, aproximando, até que se ampliou e se desdobrou, transformando-se em esfera de luzes argentinas, multicores e radiantes; era fantástico o esplendor, maravilhava e absorvia. Ao cabo de pouco, os focos de luz se fizeram individualidades, seres humanos que entoaram um belíssimo e sugestivo

hino sacro. Todavia, nossos olhos procuravam aquele grande mensageiro, não o encontrando naquela multidão feliz. É que ele era mais em hierarquia, sua personalidade revelava alta posição e autoridade. Daqueles ali presentes, nenhum era tão luminoso, tão majestoso.

Vieram ao nosso encontro, havendo um deles vindo falar conosco. Bem se via que era um chefe, pois apesar de ser muitíssimo inferior ao grande mensageiro, era o de mais forte envergadura e porte. Irradiava autoridade ao seu talante evolutivo, era alegre, meigo e comunicativo.

Depois de nos saudar em nome de Brama, disse:

– Vim para levá-los. Disponham-se a partir.

Consultei-o:

– Por que não veio aquele que nos visitou primeiro? Gostaria de lhe dizer o quanto estamos penhorados, o quanto lhe estamos devendo.

Sorriu, meneou a cabeça, esclareceu:

– Ele tem um nome que vos seria difícil entender e pronunciar; não adianta que vô-lo diga. Mas não o deveis aguardar, pois é de muito elevada escala, sendo um dos imediatos de Kassapa, que por sua vez é um dos imediatos de Jesus Cristo, o Diretor Planetário. Nós viemos ao seu mundo, tudo faremos consoante as ordens superiores. Para iniciar, por exemplo, recomendo a máxima simplicidade e modéstia, sopesando a bom critério todos os fatores que venham a apresentar. Com relação aos mais elevados mentores, podeis estar certos, devemos todos observar uma conduta simples e de inteira confiança, pois sabem mais do que podemos julgar, estando ainda em cumprimento de ordens deveras respeitáveis, ordens que jamais deixarão de cumprir, menos que de cima venha a devida contra-ordem, acontecimento este que raramente se dá.

– Teremos prazer em ser simples e modestos. Verdadeiramente, senhor, estamos acostumados a pensar um tanto altaneiramente ou presunçosamente... Isto é, estávamos assim acostumados, pois a morte física nos chocou profundamente, por termos encontrado nela sérios reveses, acúmulos de sofrimento, acima de tudo enormes angústias de espírito.

– Eu sei, eu sei – afirmou ele.

– O grande mensageiro vô-lo disse? – indaguei.

– Não. É que temos feito visitas a muitos mosteiros, inclusive o vosso, estando registrado todos os fatos dignos de atenção. Fomos nós que atuamos sobre o ancião Ananda, forçando-o a encetar a caminhada. Não queríamos fazer este serviço naquele meio, pois alguns elementos estão longe de merecer o recolhimento no presente, devendo acontecer coisas, a eles bem pouco agradáveis, antes que venham a ser atendidos.

– Então, senhor, tudo é sob regime? Houve momentos em que nos julgávamos completamente abandonados.

– E a Doutrina aprendida? Como ensina ela?

– Senhor, a desilusão foi tremenda... Pensávamos estar libertos, unidos ao Espírito Universal, a Brama, quando realmente estávamos apenas entregues à separação e ao abandono. A morte, como disse, foi um tremendo fracasso, meu senhor.

– Chamo-me Calil. Trate-me de irmão Calil, portanto, que fica melhor. E agora responda-me – que espécie de Justiça seria a divina, se o Reino de Brama fosse integralmente acessível aos indolentes e comodistas, por mais que nutrissem os pensamentos elevados e dirigidos ao próprio Brama? Se a condição de subida, para todos os efeitos é a de trabalho, a fim de conquistar os lauréis do Amor e da Ciência de modo prático, de maneira a não restar dúvidas, como iria Ele fazer exceção, abrir precedente menos justo, apenas porque alguém inventasse de cultivar teorias avançadas e pretensiosas, abandonando trabalhos, desprezando serviços, simplesmente pesando nas costas daqueles que, trabalhando, são julgados, por isso mesmo, inferiores, por isso mesmo afastados ou menos dignos do Nirvana? Se a medida ideal é o mapa de trabalhos, de esforços e realizações nos mais variantes matizes de construtividade, por que deveriam outros ser menos obrigados, pelo fato puro e simples de se julgarem preferidos, apenas por se tomarem de certas convicções a respeito da Verdade?

– Não quero discutir semelhante questão, irmão Calil. Não tenho por hábito a mania de pretender ensinar a Brama; tudo quanto fiz, afinal de contas, foi obra de sinceridade. Abstração, abstenção e contemplação, a fim de forçar a união. Tudo mais ficou à margem, foi abandonado como fardo comprometedor, como ordena a boa doutrina budista. Devo confessar que desconfiava um pouco dos merecimentos do tal princípio, pois nada é no Universo por acaso; tudo é produto de trabalho, tudo vem de algum esforço, tudo tem a sua finalidade. Tanta facilidade seria como que contradizer a Ordem Suprema, fazê-la ser ao mesmo tempo benigna para uns e maligna para outros, o que não pode ser. Demais, concordo plenamente com vossas arguições, pois o que se come e se bebe, se veste e chega a ter, para fim de subsistência, se não representa o produto do próprio esforço, por certo representa o trabalho de terceiros; e não é decente viver a custa dos outros.

Aquele que era tido como revoltado, interferiu:

– ... Mormente quando se pretende ser mais que aqueles que trabalham, que tem família a sustentar, que se enchem de obrigações de caráter social e coletivo!

Calil olhou ao redor, indagando:

– Vamos embora?

– Para onde, irmão Calil? – consultei-o com vivo interesse.

– Para uma região vizinha – respondeu.

– E Ananda? Esteve hoje entre nós, depois sumiu; não sabemos onde está.

Calil abanou a cabeça, afirmando:

– Não duvideis do bom amigo. Ele virá, será recolhido e dará um bom servidor do bem.

De fato, segundos depois Ananda chegava, ainda meio esquivo, mas vivamente alegre, por deparar com aquela turma de servidores. Quis ajoelhar, agradecer, mas Calil lho proibiu, passando-lhe séria carraspana. Até hoje, esse adorável amigo, cuja última vida terçou-a em meio muçulmano, gosta imensamente de servir, tem um forte pendor a ser útil, mas não deixa passar uma oportunidade de estrilo, quando está na sua razão. Vamos acentuar bem – a sua razão é sempre aquela que mais se fundamenta nos melhores propósitos, motivo por que sempre leva de vencida os possíveis contendores.

Com a presença de Ananda, restava apenas uma pergunta:

– Irmão Calil, e aqueles que estão pelos caminhos? Éramos quase duzentos, creio, e aqui estamos apenas pouco mais de uma centena. Pelo que temos sofrido aqui, nestes últimos dias, sei como virão eles a sofrer, caso fiquem perdidos por aí. Gostaria de servi-los... Ficaria aqui, com muito prazer, desde que garantido pela vossa assistência. Eu os iria acolhendo, instruindo, preparando.

Calil fez-se expansivo, exclamando:

– Bravo! Bravo! Assim é que se ganha o Céu... Fique, pode ficar, que lhe prometo assistência necessária. Basta pensar bem, basta que me envie seu recado mental.

Combinado isso, agrupou aquela centena e pouco de famintos de espírito, mandou que seus companheiros fizessem círculo ao redor e convocou cérebros e corações a propósito de uma oração. Finda esta, os servidores entoaram um cântico, cântico que girava em torno de uma quadra, que foi de pronto decorada, sendo cantada por todos. Ela dizia assim, e ainda diz, sendo bastante ocupada para os mesmos fins:

“Recebe, Senhor dos Mundos,
Minha proposta de amor;
Sei de minhas fraquezas,
Confesso meu pouco valor”.

Sob seu poderoso estímulo, a caravana alçou-se, foi subindo, subindo, até atingir a altura da majestosa cordilheira. Até ao presente, apesar de tudo que aconteceu em minha vida e nos quadros de minhas atividades, como entidade e como funcionário da Lei, não me lembro de espetáculo mais deslumbrante e significativo, dadas as circunstâncias que o mesmo se dera. Lenta era a caminhada,

parece que propositalmente lenta, a fim de fornecer elementos de conjectura. Estando com a alma em frenesi, pelo feliz evento, e observando a imensidade daquela paisagem ultra esplendorosa, cheia de luz, de graça, de inconfundível realidade psíquica, todo o meu ser vibrava, meditava, curti profundos pensamentos.

O Universo Infinito faz pensar gravemente; é o concebível e o inconcebível que se mesclam e se apresentam, desafiando o pobre intelecto do cidadão terrícola, do bípede vertical, presunçoso e prosaico, afeito a emissão de conceitos e preconceitos os mais extravagantes e absurdos. Para quem vê a Terra, e os seus múltiplos complexos, através do prisma da morte, como eu estava naquele momento vendo, aquela fagulha do universo infinito já era muito acima de minhas possibilidades de concepção e conclusão. Fiquei estático, absorto, olhando para a caravana gloriosa e recitando aquela estrofe sincera, simples e tremendamente severa. Todas quantas idéias havia tido, como adepto do currículo budista, sobre Deus e o Universo, ficaram para trás, soterradas pela presença daquela mista e realmente mística paisagem. O que sentia de grande, de glorioso, em mim, naquela contingência, naquele transe histórico, era saber e sentir profundamente a minha insignificância! Assim sendo, por ser bem assim, minha alma se avizinhava de Brama!

Por isso é que, tendo ficado sozinho, sentia a presença do infinito no meu íntimo. Meus olhos eram fontes de lágrimas felizes; eu me sentia simples e humilde, sabia que estava ligado ao Supremo Espírito – à DIVINA ESSÊNCIA!

Ocorreu-me a idéia de experimentar a levitação. Fiz a primeira tentativa e me pareceu conseguir um solavanco. Fiz a segunda, a terceira, a quarta... Cada vez mais sentia o efeito da vontade, do querer. Considerando a importância do pensamento, como instrumento de controle e direção, fui prosseguindo nas tentativas até dominar à vontade os movimentos. A seguir, tecei conjecturas a respeito de como proceder. Devia ficar ali, aguardando a chegada dos retardatários? Devia ir, por volição, ao encontro dos mesmos, que deviam estar espalhados pela imensa planície?

Fiz oração, invoquei um pensamento, uma idéia, a fim de agir; nada veio; nem o mais insignificante sinal. Então, seguindo velha determinação doutrinária, que ordena a tomar a iniciativa mais feliz em caso de dúvida, movimenteí a vontade e fiz entrar em função o poder evolutivo. Subi uns cinco metros, tomei a direção e rendi graças pelo maravilhoso ato. Brama sabe o que senti! Brama sabe o que vivi naquela inolvidável transição de tempo!

Percorri caminhos e vi muita gente estirada pelo chão. Alguns estavam completamente imóveis, outros estavam soluçando, outros oravam, ainda outros blasfemavam. Quão imensa senti a minha obrigação naquela conjuntura. Tremendo sentimento de responsabilidade me invadiu a alma, fazendo-me decidir pela mais premente das iniciativas – falar-lhes, induzi-los à oração! Por isso mesmo, abordei aqueles que julguei em piores condições, anunciando a boa nova, convidando à oração, forçando ao levantamento de ânimo, instigando a caminhada.

Surtiram dúvidas, julgaram-me alocado, fizeram-me perguntas a todo respeito; de minha parte, valia-me da levitação e convencia a todos. Se alguém indagava sobre quem havia aparecido, respondia que me havia falado, e aos demais, um mensageiro de Kassapa, o penúltimo Buda.

– Por que havia de ser Kassapa? E Gotama, que está fazendo? Onde se meteu o último grande Buda?

A essa torrente de dúvidas, respondia simplesmente:

– Marchem para o lago que se acha no sopé da cordilheira, vão pelo rastro dos que foram na frente, que eu necessito avisar os outros. Graças a Deus (então só dizia Brama) consigo levitar e tenho muitos a quem devo informar.

Safia lento, deixava-os basbaques, confundidos e encorajados. Avançava, descia, falava, convencia e partia. Mal foi que encontrei alguns em estado de torpor, entregues ao descontrole mental, dizendo palavras sem nexos. A estes, embora fizesse de tudo para recuperá-los, falhava também em tudo. Deu-me o que pensar aquelas alterações, pois haviam sido cultores de pensamentos positivos, falhos na prática, mas sólidos em pureza de intenção, firmes em teoria. É que em virtude da perda física, da resistência orgânica densa abandonada, a sensibilidade aumenta, fica o corpo astral sujeito a impactos imediatos e violentos do pensamento. É repentina, nalguns

casos, a ação do pensamento sobre o corpo astral, mormente quando o espírito teve cultivo mental pronunciado, fez exercícios e sensibilizou o campo emotivo, por adestrar a organização magnética, que é sempre, para o encarnado ou para o desencarnado, o agente de ligação e comando, que se situa entre o espírito e os primeiros elementos constituintes do corpo astral ou perispírito. Tais indivíduos, havendo cultivado pensamentos psiquisantes, sensibilizadores, ao se darem conta do relativo fracasso, caíram em prostração psicomorral, congestionaram e atrofiaram todo organismo, principalmente o cérebro, partindo daí alterações mais ou menos pronunciadas. Era o que lhes ocorria, e por isso tiveram que se submeter a tratamento específico, tratamento que, nalguns casos, prolongou-se bastante.

Ao cabo de pouco, todos haviam sido avisados e a marcha teve prosseguimento; a visão do que ocorria era motivo de júbilo, pois estava acesa naquelas almas bem intencionadas a chama viva da esperança em Brama. Eu me sentia feliz, intimamente sublimado, apenas porque tivera a celestial oportunidade para levar a termo aquela obra de fraternidade, de irmandade sadia, de substanciosa prática social.

Feito o aviso, voltei ao local de partida, a beira do grande lago que ficava no sopé da imensa mole rochosa. Aos que iam chegando, lhes relatava aquilo de que fôramos objeto, por parte de Brama, que nos enviara socorro, depois de haver eu feito oração, ofertando o mais intenso desejo de trabalhar, de servir, de fazer pelo próximo alguma coisa realmente útil. A seguir, recomeçava a caminhada, o que era sumamente gracioso, porque a volição era um gozo tremendo de espírito. Ia atender, incentivar, encorajar procurar sanar alguns desentendimentos e curar alguns males. Trabalhando, eu vivia em estado de oração!

Quando julguei estar tudo pronto, com a falta apenas de uns mais retardatários, fiz consoante o aviso de Calil – invoquei-o . Éramos sessenta e poucos indivíduos, intimamente erguidos nas asas esmeraldinas da mais estuante esperança. O céu de Brama, afinal, se acenava através de nossos íntimos. Passados alguns minutos, que pareceram infundáveis horas, veio Calil, sozinho, pensando me encontrar acompanhado de mais uns dois ou três, apenas. Vendo aquela turma toda, admirado, consultou-me:

– Como fizeram para andar tanto, estando, como estavam, entravados de corpo astral e de espírito? Houve algum inesperado acontecimento?

Quando lhe ia dizer, adiantou-se:

– Ora! Ora! Graças a Deus!... Consegui levitar, hein?...

Repeti, cheio de imenso gozo espiritual:

– Sim, graças a Deus. Tentei e consegui, procurando imediatamente servir, pois trabalhar resume a oração que fiz, o rogo que enderecei a Brama, que é o nome de Deus em nosso idioma.

Calil acentuou, com bastante gravidade:

– Lembremo-nos desta questão-chave – ninguém jamais terá coisa alguma de favor. As chamadas “Arcas Divinas” estão dentro de nós mesmos e devem ser descobertas e expostas à custa de trabalhos. Sabemos, também, que o céu quer caridade, o que se deve entender por obra de solidariedade, e não sacrifício. Portanto, se conseguiu voitar, não creio que tenha sido pelo simples fato de ter pretendido voitar; é que contém os méritos, por tê-los desenvolvido em outras vidas. Pensar bem, ou desejar servir, apenas, não poderá jamais significar direito adquirido; a simples boa vontade é fator edificante em princípio, apenas. É moto feliz, mas carece de execução, de complementação prática. Dê graças a Deus pela ocorrência, dê também pelo fato de ser divino o plano geral, a base, mas reconheça no acontecimento a eclosão de poderes antanho despertados. Porque de Brama vem o plano geral, cumprindo a cada um resolver seus problemas de ordem individual. Em Deus não há particularidade, Nele, tudo é de ordem geral; a particularidade é questão que diz respeito ao quadro de serviços pessoais, é obrigação de cada filho cuidá-la. Assim é que todos somos, por igual, senhores dos mesmos bens em potencial, dos mesmos poderes latentes,

só cumprindo, a cada um que os desabroche, que os torne manifestos ou patentes. Portanto, saibamos que Deus dá o material básico, mas não dá a construção feita. Isso ireis aprender, logo mais, de maneira radical, com os serviços que ireis prestar nos círculos do Cristianismo restaurado.

A assembléia estava aguardando novas explicações, mas Calil sentenciou:

– Vamos embora, se é que podemos assim ir. Duvido que possamos levitar toda essa gente, pois a grande maioria pesa muito e os recursos são diminutos. Vamos tentar; se faltarem recursos de vontade e poder, irei buscar mais servidores.

Um dos presentes alvitrou:

– Faremos oração, daremos tudo quanto nos seja possível.

Calil observou:

– Como proposta é boa; mas ninguém respeita Brama sem ser através de Suas leis. Tudo é por Lei, uma só Lei que se desdobra ao infinito. Tentem fazer o possível, quero ver o que podem.

Tentamos uma, duas, três vezes. Eu levitava e dois outros conseguiam alguns solavancos, como havia acontecido comigo no princípio. Nada mais.

Calil informou:

– Resta que eu contribua com meu esforço; mas tenho certeza de não conseguir tamanha realização. Vamos tentar, mas com muito cuidado, pois uma queda não será menos perigosa.

De fato, houve tentativa infrutífera, pois o medo passou a dominar a grande maioria. Se alguns estavam frementes de alegria, outros estavam nervosíssimos.

Calil avisou:

– Esperem que vou buscar mais servidores.

Não o vimos escalar o caminho aéreo, como o fizera quando conduziu a primeira turma; ele agora sumira num repente, de diante de nós, como se fosse uma luz que se apagasse.

Imensa expectativa reinava no seio daquele grupo, onde as mais diversas condições psicológicas tinham representação. A grandeza da paisagem não mais infundia sentimento de atenção e respeito; pela veemência da conjuntura, todos os pensamentos estavam voltados para a grande viagem, e viagem, que nos entregaria a um dos Céus de Brama, e Céus tantas vezes sonhados, quantas vezes duvidados, naqueles dias vividos entre os monges, no mosteiro, dias que se fizeram anos a fio e que se caracterizavam pelo mais profundo acento de mágoa, por ter sido a morte a grande negação de todas as esperanças em vida mantidas e curtidas. Agora, enquanto se aguardava o retorno de Calil, que devia trazer companheiros ou servidores, a fim de aumentar o potencial locomotor, todos os pensamentos estavam cravados nas etapas que tantas torturas e angústias havia custado, por ter falhado na hora precisa e mais necessária, aquela que simbolizava e resumia todo o esforço mental de cada uma daquelas vidas.

Cada face representava o seu vinco de gravidade; cada olhar refletia a imensidão do momento vivido; cada indivíduo era o espelho de sua grande expectativa. Naquela partezinha do infinito estava sendo vivido um tremendo drama, talvez tão velho quanto a humanidade de todos os tempos e de todos os infintos mundos, pois foi para morrer que todos nasceram, mas foi também para aguardar a morte como um novo começo, como um sinal de eternidade da vida. Ante a constrangedora situação, cada um teria levantado, em qualquer tempo e mundo, no vértice de suas esperanças a flama do abandono e da tristeza. Cruciantes foram os longos anos passados no mosteiro, ao lado dos encarnados, sugando-os, vampirizando-os, enquanto a tristeza e a solidão colocavam fundo no âmago dolorido das esperanças que se iam aos poucos fenecendo, fenecendo, até se tornarem total desilusão e angústia.

Havia razão para toda aquela reinante quietude; mas, para que não fizesse ela trânsito até algum porto menos recomendável das paragens intelecto-emotivas, fiz questão de abordar alguns dos companheiros, indagando sobre o que desejariam fazer, se lhes fosse dado ter livre iniciativa.

O primeiro respondeu:

– Avisar os encarnados resume tudo quanto há de mais premente e necessário; é o que faria, caso mo permitisse Brama.

Um outro disse:

– Nunca pensei que a questão religiosa fosse realmente tão importante; pensar no céu, não fazer mal e abandonar toda e qualquer ligação com o mundo, era tudo quanto devia bastar a meu critério. Por acréscimo, fiz-me monge, pensando lavrar ainda algumas vantagens... mas como vimos, falhamos em grande parte. Como não se pode modificar um padrão mental tão fundamente vinculado, de uma hora para outra, creio que devo aguardar outros acontecimentos, antes de pretender alguma nova iniciativa.

Aquele que nos pareceu rebelde, nalguns momentos, entressorrindo avançou:

– Vamos treinar para bons chefes de família; vamos também cogitar das artes e das ciências, da indústria e do comércio, da lavoura, de tudo quanto é necessário à construção de um caráter bem formado. Essa história de perder o “eu”, de abandonar a individualidade, de fazer união em busca de práticas ascéticas, tudo isso é invenção humana com a qual Brama nunca teve tratos e nem acordos. É bobagem e das grossas, por que Brama não faria ou criaria, para depois deixar a Sua criação para trás, depor contra o Seu ato e a Sua determinação. Sinto que devemos evoluir, organizar a personalidade até podermos sintonizar com a vontade de Brama, isso é tremendamente sublime, é divinamente elegante, pois transforma o filho em digno obreiro do Pai. Mas essa história de ser para deixar de ser, e deixar de ser para vir a ser, do modo como vimos fazendo, isso é pura malícia de gente manhosa, de gente que não quer trabalhar, mas que gosta de viver a custa do trabalho alheio. Eu quero muito falar com alguém, se merecer, pois acredito na lei dos merecimentos e não no emprego dos engodos, a fim de saber ao certo o que Brama deseja de nós, Seus filhos. Depois, então, pretenderei tomar iniciativa. Por ora ficarei...

Ele ainda falava, quando Calil chegou, em companhia de uma vintena de outros servidores. Eram todos do mesmo grau, pelo que se podia sentir; não estavam longe de Calil, mas bem se sentia que eram inferiores e subordinados.

Dadas as ordens, tomados os postos, Calil convidou:

– Podemos partir?

– Lembrei-me, neste momento, daqueles que se acham perturbados, perdidos pelos caminhos... Como deixá-los assim?

O bom servidor respondeu-me:

– Não tenha dúvidas a tal respeito; você mesmo os virá auxiliar... Havemos de fazer tudo conforme a ordem superior determinar. Pense na marcha, que nos estão aguardando a chegada. Também os que foram na frente vos esperam, pois vencida a desilusão, pela medida superior, todos volveram a pensar como bons amigos.

Foi iniciada a marcha ascensional; fomos subindo, subindo, lentamente, observando a paisagem terrena que se afastava, que ganhava amplidão. Que se fazia maravilhosa, imensa, deslumbrante. A cordilheira parecia um cordão, um risco, vista bem de alto. Eu queria ver a Terra girar e não vi, porque nós também, no espaço, estávamos girando, acompanhando a marcha rotativa do planeta. Aos poucos, tudo se reduzia a um bloco enorme, para depois sumir tudo, porque penetramos na primeira faixa, no primeiro plano astral, muito denso, muito igual a Terra.

– Nesta faixa ou plano – avisou-nos Calil – achavam-se instalados os primeiros postos de socorro, alguns hospitais e alguns centros de instrução, mas centros de ordem inferior; vede bem, pois é apenas a terra astral, pouco ou nada melhorada. Não fosse a ordem reinante, a rígida disciplina, talvez seria pior, bem pior do que alguns ambientes carnaís.

De fato, o local visto era uma cidade pequenina, cujas construções eram toscas, embora amplas. A única diferença é que todas as casas eram cercadas de jardins e bosques. Consultando Calil a esse respeito, respondeu-me:

– Ninguém aqui merece melhor tratamento a não ser os servidores, e isso mesmo, nem todos; por isso, necessitam de bons ares e vasta quantidade de sucos alimentícios, além de muitos extratos medicinais. Se estão vendo uma cidade-jardim, em parte é a obra de gosto estético, mas em parte é pura questão de necessidade. O que está vendo é por utilidade; tudo isso deve produzir e render algum benefício.

– Foi sempre assim? – indaguei.

– Não, é claro, pois quando um mundo se forma, também se formam as suas faixas. Assim, no começo do mundo terrícola, teve também começo o mundo astral, mas sem organização humana qualquer. A organização, nas zonas inferiores ou faixas próximas, tem começo no desenvolvimento da vida social da crosta, é sempre um desdobramento, uma extensão, em maior ou menor escala ou grau. Onde não há vida social de espécie alguma, na crosta, também não há nas faixas inferiores, nas zonas imediatas. Estas faixas representam planos de transição, degraus de uma escala, postos intermediários, compreende? Aqui, por exemplo, são recebidos aqueles que não merecem mais do que isto; aqui, também, são tratados aqueles que carecem de certas curas em seu corpo astral ou perispírito. E aqui também fazem o devido curso aqueles que arrastam pesados fardos, que em trabalhos duros devem conseguir dirimência, diminuir débitos, a fim de merecer melhores oportunidades em melhores lugares, ou reencarnação em condição menos pesada.

Feita a explicação, fomos subindo, penetrando em lugar quase nada melhor. Era a Terra uma nonada melhor; apenas se sentia um qualquer prurido de afago espiritual, um leve toque de íntimo carinho ambiental, como se o ar fosse mais fino, rarefeito e tenuemente aromatizado.

Dizendo isso a Calil, deu-me a devida explicação:

– Você já pode sentir assim, por estar com os recursos despertos. Penetra melhor e deixa-se invadir pelo tom ambiental, isto é, consegue sintonia vibratória, coloca-se em plano de equidade. Há, porém, os que nada sentem, porque a brutalidade íntima os inibe, veta-os. Esses, tudo vêem e sentem, pelo prisma do próprio tom psíquico, que é rústico; quando muito, portanto, vêem e sentem o que é grosseiro.

Agradei a explicação, pedindo novo esclarecimento:

– Já falou duas ou mais vezes em perispírito; notei que é sinônimo de corpo astral. Pode me informar, por favor, a origem desse termo?

Sacudiu a cabeça e disse:

– Uma longa história, um grande plano! Esse termo contém o germe de uma portentosa articulação histórico-doutrinária. Creio que o não farei hoje, menos ainda agora, mas prometo fazê-lo depois de cumprida esta ordem, que é entregá-los em determinado local.

– Ficarei grato por tudo. Por ora, muito agradeço pelo que me tem explicado.

Depois de subir um pouco mais, penetramos na terceira faixa, lugar um tanto melhorado, levemente superior ao anterior. A melhora surtia do meio ambiente, eclodia espontânea, invadia e fazia gozar espiritualmente. Parecia mesmo um pouco celestial, infundia um sentimento de oração, de gratidão a Brama.

– Nesta faixa vão ficar, por enquanto. – anunciou Calil – É uma esfera trabalhosa, cheia de serviços e de belíssimas oportunidades. Não há lugar, aqui, para os que prezam certos afastamentos... A regra feliz é trabalhar pelo próximo, assim como seja possível, isto é, nos planos da Lei. Aqui se trabalha, estuda-se, faz-se amizades, consegue-se merecimentos vários. E quem merecer lugar melhor, é natural que para ele irá. Fica observado, no entanto, que elementos de subido valor aqui permanecem, para servir, para mais poder dar... Vosso Buda falou muito bem sobre o Amor e a Ciência, não contesto, mas desviou a atenção geral para rumos pouco seguros, concitando a certos afastamentos, severos abandonos, alheamentos comprometedores... Eu sou cristão, prezo o trabalho intenso, o amparo, até mesmo a renúncia se for preciso, desde que amparado na Lei. Há outras falhas na doutrina budista, mas não quero delas tratar, em virtude da excelência de outros tantos pontos. É questão que o discípulo por si mesmo resolverá, pois em matéria de doutrina, o avançamento deve ser na razão direta da evolução individual. Não se deve saltar, nem forçar a fazê-lo, bem assim como ninguém tem o direito de retardar e concitar a fazê-lo. Há necessidade de equilíbrio, de ajuste intelecto-moral, de sintonia entre o Plano Geral e as necessidades individuais. O Plano Geral facilita o progresso contínuo, em base de recursos íntimos e meios exteriores, tudo em profundo sentido geral; se o indivíduo, porém, por qualquer motivo, faz finca-pé em determinado ponto, obstina-se, não quer mudar um passo, não faz por avançar, não respeita a lei comum de progresso contínuo, então surge a violência, o choque, o constrangimento e a dor! A dor é o prêmio do erro e da estupidez, do fracasso. É necessário mudar o conceito em que é

tida, é necessário classificar seus diferentes motivos, a fim de não se levantar honrarias ao que é testemunho de crime.

– Então, irmão Calil, foi muçulmano, fêz-se cristão e trabalha numa faixa radicalmente indiana? Acho interessante, pois conheço a doutrina cristã, considerando-a igual a budista, salvo uns tantos pontos, que talvez tenham sido acrescentados, pontos antes de caráter mitológico, pois não têm significação prática no seio do catolicismo.

Observou-me:

– Devo fazer pelo menos duas observações; uma diz respeito a esta religião, que pertence à faixa. A faixa é toda esfera ao redor da crosta, toda a circunferência; a região é parte, localiza-se sobre os diferentes povos ou países. Todos os países tem suas regiões nesta faixa, bem assim como em todas as outras. Quanto ao que chama de doutrina cristã, e a confusão que faz entre o cristianismo e o catolicismo, isso ocorre por sua conta. O mesmo se passa com o que se diz ser mito ou lenda. Eu falo da doutrina do Cristo, da **essência**, sem me importar com o que tenham feito os homens, em matéria de corrupção.

– Irmão Calil, não acha que um missionário, seja quem for, sempre assimila alguma coisa da tradição, sempre fala um pouco da linguagem e dos costumes, sempre empresta à nova lição um pouco da lição velha ou anterior? Assim como o fez Gotama Buda, assim também deve tê-lo feito Jesus, veiculando velhos conceitos, acreditando nos passados Mestres? Bem sabemos que Gotama Buda falou muito nos anteriores Budas, assim como Jesus se referiu bastante aos Patriarcas e Profetas que foram anteriores a Ele. Sendo assim, como não terão passado a frente alguns velhos erros, certos conceitos menos justos? Não posso crer que toda Verdade seja isso que conhecemos, sobre o espírito, sobre a matéria e sobre o mecanismo do grande infinito, por certo, o mais importante está por ser conhecido, ainda não nos foi dado saber. No entanto, como sabe, todos os Grandes Mestres têm repetido as mesmas antigas lições, sendo que alguns deles fizeram até reconhecidas piores.

Respondeu-me, com elevado acento de bondade e prazer:

– Relativamente aos passados mestres, não poderia ser de menos, uma vez que a **Verdade é uma só** e vem aos poucos sendo revelada e conhecida. Com respeito ao sentido interpretativo do novel missionário, devo dizer que tem liberdade de opinião e pode variar em suas concepções e conclusões, sem sair da linha mestra. Nos detalhes, a variação pode alçar-se no infinito. Quanto à função de Jesus, devo dizer que em tempo os informarei. Desde já, porém, afirmo que estais muito longe da realidade. Jesus veio aos planos inferiores, compreendendo a crosta e suas esferas próximas, para um fim exclusivo, inconfundível e divinamente auspicioso. Em tempo vô-lo direi conforme já prometi. Agora, como é devido, vou entregá-los no local indicado por aquele que vos falou primeiro, o mensageiro de Kassapa.

– Ele governa esta região?

Abanou a cabeça, em tom negativo e sorrindo de minha inconsciência dos fatos, elucidando:

– Compreenda um pouco do imenso mecanismo governativo planetário – cada planeta tem seu Cristo ou Chefe Planetário, que é auxiliado por imediatos de alta hierarquia; são os Seus auxiliares diretos. Este Cristo governa o planeta da mais afastada esfera ou zona planetária, aquela que confina e faz fronteira com a que pertence a outro planeta, e é jurisdição de outro Cristo, pois cada planeta tem o seu. Abaixo portanto, estão os outros muitíssimos chefes de esferas, de regiões, de zonas, de locais, de organizações em geral, etc., tudo num sentido decrescente, num imenso plano de hierarquias e funções. Ora, **Kassapa** é um dos muitos imediatos do Cristo Planetário, é **alta autoridade**, quer seja por si, quer seja pela função. Aquele que foi por ele enviado, e que vos falou, por sua vez, é um dos auxiliares de Kassapa. Imagine um país do tamanho da Terra, compreendendo a Terra e suas faixas, e todas as múltiplas esferas, regiões, zonas, locais, departamentos, compartimentos, repartições, etc. Depois imagine um chefe geral e todos quantos auxiliares deva ter, dos mais próximos aos mais afastados, e tudo isso à base de gradações hierárquicas, de merecimentos de fato.

– E quem se une a Brama? O budismo tem por base a união total, havendo até quem afirme a perda da própria consciência individual.

Fez o mesmo gesto anterior, equivalente a piedosa negação, afirmando:

– Não existe essa condição, nem situação, posso afirmá-lo. Quem se fez uno em Amor e em Ciência, torna-se colaborador da ESSÊNCIA UNIVERSAL, da LUZ DIVINA, que é íntima a tudo e a todos, assim como são e o fazem os Cristos. Cumpre dizer, no entanto, que os Cristos também são por gradação, por hierarquia, pois sobem na escala – vão dos planetas aos sistemas planetários, aos grupos de sistemas, às galáxias, meta-galáxias, etc. Eu sei disso por teoria, estou longe de conhecer na prática, mas afianço que é assim, **nunca havendo a perda** daquilo que se chama a **consciência individual**, em torno do que gravita o caráter individual, a personalidade. Note bem o que eu disse, pois sei quanto isso vos choca, por divergir da vossa escola doutrinária. Creio que deveis aprender com Brama, não pretender ensinar a Brama. Isso é fundamental, é essencialmente necessário.

Em vista de sermos individualidades espirituais, em grau de consciência pessoal e responsável, relativamente, não podemos deixar de ser fatalmente casos psicológicos. Somos, infalivelmente, casos psicológicos; ostentamos aquelas vantagens e aquelas desvantagens que são inerentes ao grau de evolução e aos fatores educacionais e doutrinários. Em tal condição e situação, somos ou não uma entidade complexa? Reina ou não reina, no mais íntimo de cada um de nós, nas esferas do intelecto e da emotividade, uma luta perene, uma contenda entre conceitos e conceitos, o choque entre idéias e idéias, enfim, os mais disparatados confrontos íntimos, que nos forçam a avanços e recuos, subidas e descidas, crenças e descrenças, um roldão de vai-e-vens?

Se o homem é um animal adaptável, também é um animal capaz das mais intensas contradições, prevenções e conformações. Num caráter mal formado há lugar e campo propício às mais descontroladas manifestações psicológicas. Orgulho, inveja, vaidade, egoísmo, são fenômenos que se transformam facilmente em vertentes de ações criminosas, de maior ou menor monta, como sejam o ódio, a mentira, a duplicidade de caráter e de tantos outros delitos.

Bem grande é o número daqueles que, uma vez passados para cá, tudo fazem para encobrir o quanto aí viveram enganados e a enganar. Encobrem faltas e dores, decepções e constrangimentos, lacunas e defeitos, apenas por orgulho, por vaidade, por falta de melhores trunfos de ordem moral. Ao se comunicarem, pretendem ser autoridade, gostam de se mostrar como superiores, falam em títulos e graus, defendem suas validades temporais, em face de assembleias bem intencionadas e simplórias. Há casos em que surgem os extremismos, os desbragamentos, e a falta envereda para a mais crua mistificação, aparecendo os que reclamam honras, curvações, inclinações, e toda uma corte de lambeções e babujas. E não faltam encarnados que a isso se prestam, eles mesmos, também enlevados pela marca de seus pretensos guias... Uns e outros se equívalem, portanto.

Nunca me portei assim, digo com inteira certeza. Fico a par do que posso, sinto, gosto e suporte. Por reconhecer o que é divinamente sublime, altamente celestial, não é que consiga sustentar esta condição, manter esta harmonização vibratória. Já pensei, algum tempo, que pensando apenas se conseguia tecer a união integral e perfeita, lavrando a infusão cabal. Foi um lindo sonho que falhou por excesso de precipitação. E a precipitação foi causa da ignorância das leis e dos fatos, nada mais. Devo salientar, também, que se foi um bom fracasso, nem por isso deixou de causar seus bons efeitos; deixou marcas altamente produzíveis num futuro não remoto, por constituir o **ideal monístico, o germe do senso unitário**. A semente de Crisna terá que germinar e frutificar, mais cedo ou mais tarde e com a devida intensidade.

Não tenho interesse algum, portanto, para não dizer a verdade. Ficamos naquela esfera, num instituto onde se aprendia e se trabalhava, intercalando fatores, nem sempre tendo certeza de que poderia estar aprendendo ou ensinando, tal a variação fantástica dos eventos diuturnos. Se a esfera

não era superior, considerando os fatos, bem superiores eram os aprendizados. Ao invés de abstrações, de abstenções, de afastamentos, de conceitos panteístas, tudo se movia em torno das obras afincadamente sociais, fraternais, desdobrando esforços a bem da irmandade em geral. Em todos os sentidos possíveis, sempre em conformidade com a Lei e a Justiça, pois a divisa fundamental era e é a seguinte – servir a Deus através da irmandade, no âmbito da Lei e da Justiça! **Nada de contemplação indolente!** Toda e qualquer vantagem virá do trabalho fraterno!

A vida converteu-se num imenso plano de trabalho e de soerguimentos íntimos. A ferrugem do passado deu lugar ao calor do movimento, e este se convertia repentinamente em bênçãos de paz e desdobramentos íntimos. Amor por Amor, Ciência por Ciência, tal a ordem a observar. Estar a par de muitas vidas, de seus mais prementes problemas, de suas mais angustiosas expectativas. Sentir a Divina Presença no irmão, no trabalho a ser feito. Deleitoso é o trabalho, amoroso, consagrador é o ato de ser útil, divinal oração é a de amar intensamente!

Todo espírito bem propositado é ansioso pelo Céu, pela meta final; mas é preciso acertar com o caminho, com a trilha justa. Qualquer espírito pode vir a ser enganado, como pode enganar, espontânea ou propositalmente; mas nem por isso levará de vencida a Lei, por mais que haja sido espontâneo em seus erros. A simples boa intenção é fator respeitável, como premissa apenas, não como epílogo; a execução é que importa, a cimentação é o que interessa de fato, e, convenhamos, no melhor sentido, isto é, em harmonia com a Lei, para que a Justiça não tenha que intervir em severos ajustes.

Sucede, porém, que nem sempre a criatura tem a devida coragem moral para falar a verdade, para se expor francamente, apresentando-se com ares diferentes, pretendendo passar por aquilo que julgava ser; a morte fê-la reconhecer os erros, mas não poderia fazer o milagre de lhe modificar o caráter. Milagres e mistérios não há em Deus, esse não poderia haver, também, continuando a criatura a mistificar, a fazer crer o indevido. Essa é a razão de alguns espíritos tratarem de tudo, darem todas as respostas como se fossem completos mestres. É necessário, nesta linha de observação, considerar os que se revoltam, os que se julgam traídos, aqueles que se inconformam com a chocante realidade; em muitos casos, chegam a se organizar em falanges, invadem ambientes, fomentam movimentos. Pior fazem quando são inteligentes, quando se infiltram como ovelhas, levando de roldão até mesmo os mais sinceros adeptos da Doutrina. Mistificam bem, fascinam ainda melhor, dominam e causam abalos temendos, quando conseguem atuar longamente.

Eu sei de inúmeras criaturas, que se apercebendo das falhas, não tendo a devida hombridade, a fim de enfrentar a situação, continuam ao rés da crosta, passando por grandes iniciados, por valorosos mestres, inculcando aquelas concepções a custa das quais se viram um dia desavisados com a Lei. Como não faltam elementos encarnados do mesmo jaez, pretensiosos em seus anseios, vaidosos de suas pretensas validades psíquicas, estabelecem ambientes, dividem e dominam. Como a Lei confere liberdades, para que a iniciativa individual tenha oportunidade de exercício, e por si mesma aprenda o melhor, muitos são os que mal a interpretam, julgando estarem acima da Lei, de onde se excedem nas piores faltas.

Quero deixar bem patente esta afirmação – embora nem todos possam, de um momento para outro, cambiar a característica doutrinária, cumpre a todos respeitar a melhor verdade conhecida. Sem ser pelas verdades menores, como se chegará a grande Verdade? Eu, e comigo muitos companheiros, vimo-nos um dia presos de infeliz concepção. Infeliz é o termo, por ter sido espontânea a falta, não proposital e nem mal intencionada em base. Por que não vir falar a verdade, nua e crua? Sei a razão porque estas narrativas estão sendo feitas; reconheço que obedecem plano de bem mais alto determinado, em virtude do ciclo que se vence, da tremenda mutação de ordem geral que a Terra defrontará. Mas, se por esse motivo não fosse, se não tivesse sido convidado a depor nesta torrente de narrativas, para efeito de complementação doutrinária, por que motivo deveria silenciar em respeito da causa justa? Quem tem o direito de, por vaidade pessoal, por orgulho ferido, esconder aquela realidade que a outros poderá evitar maus bocados?

Fomos divididos por grupos e indicados a imediatos estudos e trabalhos. O mentor chefe do instituto, diremos um bom homem ou dedicado servo do bem, sendo também ele um velho sofredor, infeliz discípulo de corrompida doutrina, falou-nos de maneira singela, de igual para igual:

– Queridos irmãos, eu também poderia estar em região melhor, até mesmo em melhor esfera. Como, no entanto, perfilhei erros doutrinários, tendo errado e forçado a errar, aqui me encontro, nesta esfera, região e local, dirigindo este instituto. Alguns de vosoutros, bem sei, poderiam ir além, trabalhar em outras esferas e regiões, bem pouco superiores a estas; mas, convenhamos, nunca poderiam obter mais vantagens do que nesta casa de educação e trabalho, cujos serviços são realmente imediatos, necessários e diretos, por estarem ligados ao meio de onde estais vindo, ao qual vos tendes presos por variantes motivos. Sabeis que lá ficaram velhos companheiros, sólidas amizades, elementos dignos de vossos pensares, criaturas dignas de vossas aflições. É por isso que como elemento experimentado, e por sugestão de Calil, faço esta exposição de motivos. Quem, entretanto estiver desejoso de ir além, pode manifestar livremente o seu desejo, que consoante a Lei será atendido. É o que me cumpria dizer.

Consultei o grupo do qual era parte integrante:

– Devemos responder. Que dizem vocês? Eu quero ficar aqui mesmo.

Aquele que fora tido como revoltoso, cujo nome era Tigranes, respondeu:

– Pode estar certo de que desejamos ficar aqui. Temos a mais plena certeza de que, noutras plagas, em qualquer parte encontraríamos irmãos adoráveis, simplesmente absorventes. No entanto, achamos melhor ficar por aqui mesmo, atendendo ao que ventilou o irmão Jácomo, nosso querido mentor chefe.

Jácomo nos agradeceu, tendo-nos entregue a um seu auxiliar, de nome Pedro, também ex-sacerdote católico e missionário na Índia, onde ambos faleceram. Pedro, enquanto nos conduzia ao compartimento indicado, falou-nos:

– Observo que cogitam de maneira errada; não irão aprender catolicismo, e sim, Cristianismo. Verdadeiramente, fomos missionários na Índia, como sacerdotes católicos. Todavia, como aconteceu com vocês, a quem a morte fez ver que militavam em erro, também a nós o mesmo se deu. E, também como a vocês, tivemos que aprender a Doutrina do Cristo, após sermos recolhidos. Haveis de apreciar o **trabalho** e o **estudo**, pois se o trabalho é instrumento de conquistas e merecimentos, o estudo gira em torno da Verdade, não tendo caráter sectário, não dizendo respeito a forma alguma de cleresia. Isto deveis entender, acima de toda e qualquer cogitação – O Cristianismo não é clerical de forma alguma!

Tigranes, admirado, interpelou-o:

– O cristianismo não é clerical de modo algum?! Então, que fazem as religiões, a romana, a germânica, a anglicana, e os ramos cópta, grego, russo, etc.? Todos esses Cristianismos se fundem em ferrenhas cleresias, em grupos que se disputam, em verdadeiros exércitos sectários!

Pedro sorriu, benevolente, esclarecendo:

– Por isso mesmo, por não serem Cristianismos, como diz. O Cristianismo é a Igreja Viva edificada sobre o culto da Lei e da Revelação. Assim como o praticavam os Apóstolos, assim devem-no tornar a praticar os cristãos e todos aqueles que de fato tenham vontade de conhecer e cultivar a Verdade.

Tigranes reclamou um momento de atenção.

– E não é inteiramente vossa a nossa atenção? – redarguiu Pedro, estacando.

– Então, diga-me, bondoso servo do bem, será que se trata do Batismo de Espírito, do Consolador? Verdadeiramente, irmão, essa tese do Novo Testamento nunca me pareceu clara ou lúcida, mas sim místico-lendária, talvez mesmo um mero caso de invencionice, com o fito puro e raso de engrandecer a figura de Jesus, a quem pretenderam inculcar o direito de ser o único filho de Deus. Ora, nós temos certeza de que tudo é filho de Deus, seja a matéria ou seja o espírito; temos a mais absoluta certeza, também, de que o Batismo de Espírito durou muito pouco, se é que de fato existiu. Enquanto os apóstolos pregavam, conta o Livro dos Atos, se bem me lembro, davam-se

manifestações no mundo astral, com muitos sinais interessantes, convencendo a quantos estivessem presentes. Paulo, o grande convertido, só o foi através de uma grande manifestação do espírito de Jesus, tendo escrito ele mesmo, a seguir, como se deveriam reunir os cristãos, a fim de cultivar o Batismo de Espírito ou Consolador. Mas, como deve saber, isso não existe no seio das igrejas que se dizem do Cristo. Ou mentiram os historiadores, ou são mentirosos aqueles que agora se dizem cristãos. Essa é a minha observação, bondoso irmão. E uma vez que salientou estar consciente de certa dose de prevenção, de nossa parte, para com os aprendizados que devemos fazer, quero dizer que isso diz respeito, pois temos certeza de perder na troca. O Budismo, em face do Batismo de Espírito, está no seu elemento básico doutrinário, creio que nem perde e nem ganha, a não ser que haja muito avançamento nos detalhes; com relação aos cristianismos que conhecemos, dogmáticos e idólatras, nada teríamos a ganhar e muito teríamos a perder.

Pedro deu-lhe a devida resposta, assegurando-lhe:

– Nós somos cristãos, e não cismáticos; apraz-nos conhecer e cultivar a Verdade e não acompanhar corrupções e comercialismos. Depois de estudar aquilo que se vos apresentará, podeis dizer, a respeito, o que for de melhor critério. Em linhas gerais, podeis estar certos de que, para o bom cultivo do Batismo de Espírito, aguarda-se o melhor cultivo da Lei. Sem o melhor comportamento Moral, a Revelação jamais poderá ser bem cultivada. Paulo, ao ensinar o modo de reunir, para cultivar a Revelação, ou prosseguimento do grandioso fenômeno do Pentecostes, fê-lo de modo radicalmente apostolar. Assim como escreveu na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo quatorze, versos de vinte e dois a trinta e três, assim é que praticavam eles, os Apóstolos. Sem cleresias, sem formalismos, sem idolatrias, sem explorações, sem politiquismos, sem isso tudo que começou em Roma, no quarto século, e que tem enchido a Terra de erros e descrenças.

– Então – interpelei-o – teremos na Terra uma restauração do Cristianismo puro, do Cristianismo nascente?

Revelando estranho brilho nos olhos, Pedro afirmou:

– Teremos, não; é que já temos. O Cristianismo de verdade está reposto no lugar. O Pentecostes voltou a ser vivo e presente, embora cada um cultive conforme seu alcance em Moral, em sabedoria e segundo as faculdades que possua. Em base no entanto, está restaurado e codificado. Foram à crosta grandes Emissários de Jesus, a fim de restabelecerem de novo o culto do Batismo de Espírito. Haveis de estudar a questão e haveis de praticar a Doutrina do Cristo. Para que se saiam bem, tanto basta que respeitem ao máximo a melhor verdade que cheguem a conhecer.

Naquele dia, nada mais aconteceu de importante, pois fomos entregues a um chefe de grupo de nome Wassilof, e que fora em vida um russo muito viajado, mas pouco afeto as coisas do espírito, e que, então, fazia escalada nos rumos da Verdade Maior. Wassilof, apesar de tudo, ou da sua tendência excelentemente prática, era dócil e estimava servir. Com muita cordura, exigia o total cumprimento das ordens. Em caso de faltas, reclamava informes exatos e procurava auxiliar ou punir, com exatidão. Quando alguém alegava impossibilidades, por insuficiência pessoal, sopesava o fato, reforçava com os elementos necessários e providenciava os recursos devidos.

No dia seguinte, sendo por ele chamado, recebi esta incumbência:

– Raul, você tem uma obrigação a cumprir. Trata-se de recolher alguns companheiros, não é?

– Sim, irmão Wassilof; assim combinamos, eu e Calil.

– Muito bem, eu lhe entrego quatro servidores, a fim de que se incumba dessa obrigação. Eles lhe são inferiores em gradação, mas contam com elevado grau de experiência. Estão a par das regiões, das esferas, de quantos departamentos e institutos mantêm articulação conosco, podendo instruir em tudo que seja necessário, a bem das obrigações que lhes competem executar. Quanto aos companheiros que lá ficaram, tenha em mente, deve recolher apenas aqueles que saíram do mosteiro. Os mais, que ficaram, deles se há de tratar futuramente.

Estendeu-me um documento, concluindo:

– Aí tem as instruções. Os servidores são esses que o rodeiam. Pode ir, e que Brama lhe abençoe os esforços.

Fui saindo, acompanhado daqueles quatro irmãos, quatro grandes amigos, cheios de excelentes experiências e dotes de coração.

– Quando devemos começar? – indaguei.

– Já – disse um deles – pois logo mais virão outros serviços. Deve levar em conta que pelo feito ou não feito temos conta a prestar. Uma vez que se recebeu a incumbência de uma ação, é porque ela deve ser cumprida; a ordem implica na autoridade e, conseqüentemente, na responsabilidade. Devemos, portanto, agir sem demora e com todo o critério, embora sem exageros, compreende?

Disse-lhe com toda simplicidade:

– Compreender eu compreendo; mas sucede que não estou acostumado a tomar iniciativas... Agi, no mundo imbutido, num verdadeiro regime de contemplação e abandono... cultivei abstenções, abstrações e alheamentos... Devo, portanto, ir aos poucos ingressando num regime de trabalho organizado, ordeiro e temperado. Peço o favor, portanto, de ser tolerado nas minhas faltas e insuficiências.

Um outro disse:

– Enquanto não entrar no conhecimento das vidas passadas, por certo ficará entregue a muitas faltas e insuficiências. Isso virá com o tempo, talvez logo, talvez mais tarde. Creio que o estão experimentando. Nossos chefes agem sempre assim, pois é imperioso medir a capacidade de iniciativa dos indivíduos. Deve, em qualquer circunstância, tomar a melhor iniciativa e num prazo mais curto ou justo. Para tanto, acostume-se a concentrar o pensamento em Brama, ou Deus, e depois fazer tudo para vencer do melhor modo. Se a parte de Brama está feita, e resulta na ordem recebida, que vem das Altas Esferas e se filtra pelos nossos chefes, tudo mais depende daquele que deve executar o serviço. Não é simples de entender?

– Uma bela instrução! – exclamei – Vamos a crosta, vamos fazer o possível, uma vez que Brama quer ver a questão resolvida. Mas, e os meus companheiros de grupo? Não podem ir?

– Recebeu ordem a tal respeito? Consultou-me um outro.

– Não. Nem está escrito neste documento.

– Então não discuta a ordem; já é bastante conseguir fazer o devido.

– Então, meus irmãos, vamos à Terra. Como devemos ir?

– Apelando para o melhor recurso, a fim de servir do melhor modo e no menor prazo – respondeu um outro, que parecia estar à espera da pergunta.

– Não fizemos mais do que ter vontade. Todavia, minha vontade se estribava na vontade deles, pois eu nem sabia como chegar ao local, atravessando esferas e zonas, sem nunca ter feito isso antes. Fiquei realmente aborrecido; veio-me um sentimento de mágoa ao coração, que percebido por eles, motivou brusca parada.

– Que foi? Por que se atrofia em seus recursos? Não sabe que sentimentos contrários valem por declínio de forças e representam perda de eficiência?

Confessei:

– Não estou pronto para trabalhar e servir... Reconheço minhas falhas...

Um deles avançou propondo:

– Disso temos nós certeza. Estamos acostumados a estes fenômenos. No entanto, se quiser, podemos guiar tudo, até que se torne capaz de comandar. Seu caso é como tantos outros, pois muitos são os que se acreditam fortes e capazes, simplesmente porque, de certo modo, mantiveram pensamentos elevados. Uma coisa é saber que a Verdade é um fato, e que somos parte dela, sendo outra coisa conhecer-lhe os múltiplos, os infindos graus de manifestação. O TODO é para quem faz jus ao TODO. Nós, no entanto, estamos longe do TODO, apesar de sermos parte Dele. É importante que saiba disto – se não é orgulhoso, aceite nossa oferta e vamos ao serviço. Se é orgulhoso, voltaremos e daremos conta do ocorrido...

Falou a tristeza que me surtiu do âmago:

– Seria terrível!...Terrível!... Eu não posso fracassar, porque aqueles irmãos dependem de mim, agora, que fui o incumbido de recolhê-los... Demais, não sou orgulhoso, pois há muito que

reconheci os falhos cursos do feito, pretendendo fazer a união pelo sistema de afastamento, de abandonos e abstrações.

Um deles veio, o mais categorizado, que se chamava Gabriel, oferecendo:

– A simplicidade é uma grande virtude. Venha conosco, sem temer pelo que seja. Havemos de construir uma família e daremos conta de toda e qualquer execução, contanto que relativa às nossas forças e conhecimentos. Um dia, quando alcançar o seu DOSSIER histórico, e se fizer mais do que nós, pela evolução feita em vidas pretéritas, há de ser um bom amigo e chefe, se calhar de continuarmos juntos. Como sabe, o mecanismo da vida, de todo e qualquer modo, e para todos os efeitos, obriga ao relacionamento, ao entrosamento de ações e fatores, recursos e validades em geral. Quanto mais se fizer pelos semelhantes, tanto melhor; mas, como deve compreender, sempre é melhor lidar com aqueles que se tornam verdadeiramente solidários, que se prezam de bem viver.

– Basta! Basta! – disse-lhe eu, todo satisfeito – Basta, pois sinto que vocês conhecem mais do que aparentam conhecer. Vamos ao trabalho, que se um dia eu for mais e melhor, por certo hei de honrar minha obrigação fraternal e o meu devido reconhecimento à sua atenção.

– Então – propôs Gabriel – vamos estabelecer esta norma: enquanto estiver em aprendizado, eu darei conta dos serviços práticos, enquanto você ficará com os encargos teórico-administrativos do grupo.

– Muito bem. Devemos cientificar Wassilof desta nossa medida?

Fez sinal de negativo com a cabeça, para entressorrindo afiançar:

– Wassilof é mais capaz do que pensa. Vive sondando, às ocultas, e quando menos se espera auxilia também ocultamente. Pode contar com sua inteireza de caráter e apoio, sempre que fizer por agir com toda dedicação e simplicidade. Vamos ao chão terrícola, vamos servir, pois temos grande necessidade de ser servidos...

Enquanto dizia suas últimas palavras, senti um como arranco íntimo, uma espécie de robustez psíquica, tomando-me por inteiro como se aura divinal me envolvesse. E não fizemos a viagem por caminhos vigiados, nem vagarosamente como na subida, mas sim num repente, pelo fato de ingressarmos em um dos canais etéricos superiores, por onde tivemos livre curso; isto é, não ficamos obrigados aos estorvos do ambiente menos sublime, da materialidade relativa às esferas e zonas por onde devíamos transitar.

Vimo-nos, portanto, à beira do lago, e da imensa cordilheira. Ali estavam dois irmãos, que se chegaram ao local através de tremendos esforços, pois estavam feridos e gementes. Ao tocá-los, e chamá-los pelo nome, ergueram a cabeça e quiseram falar, mas não puderam, porque convulsivo pranto os assaltou. Cada um dos servidores procurou auxiliar, impondo as mãos, buscando aliviá-los e prepará-los à caminhada.

Quando, refeitos da emoção, começaram a falar, relatando os sofrimentos curtidos e a fé na promessa recebida, de que seriam atendidos o quanto antes.

– Alguns outros devem estar por aí, bem perto, pois temos ouvido chamar e gemer; creio que devemos ir no seu encalço.

Olhei para Gabriel, tendo ele dito:

– Vamos levar estes, agora, pois tiveram bastante esperança e esforçaram-se para atingir o local devido. Que façam os outros a mesma coisa, para que se compenetrem um pouco mais desta realidade – o Reino de Brama não vem à custa de pensar muito e realizar pouco. Acima de tudo, quando se faz questão de esquecer os mais prementes, os mais necessários e intransferíveis deveres, que são os de fundo social, a cooperação na obra de levantamento geral.

Um dos socorridos olhou-o com algum espanto, o que motivou esta observação de Gabriel:

– Não guarde a pergunta, não se recolha a mutismo de qualquer espécie. Vá aprendendo desde já a melhor norma de conduta – seja simples e bem intencionado para todos os efeitos, em Brama não existem mistérios e nem milagres, estando a Sua Obra exposta a quem queira vasculhar, aprender e usufruir. Prevenções e segundas intenções valem por lesões de caráter, representam falhas e significam fraquezas.

Perturbado, interrogou o sofrido monge:

– O senhor também foi monge?

– Porque fui, e me arrependi de tê-lo sido, é que assim penso e gosto de agir. Importa ser trabalhador, simples, espontâneo, escampo; é imprescindível sondar a Verdade através de suas mais íntimas formas de manifestação. Por isso mesmo temos que atender ao máximo o dever de alargamento intelecto-moral. Quem pensa em segredos, quem cultiva na intimidade pretensos cálculos sobre seus irmãos, julgando ser mais; enfim, quem se julga acima dos outros, que se faça ou se revele tal, mas em obras de fato, em práticas diárias de acentuado sentido social.

O esfarrapado monge balbuciou:

– Sois um verdadeiro monge. Eu, de fato, sempre pensei conhecer e penetrar um pouco mais do que os meus companheiros. Tudo farei, de ora em avante, para falar e agir com simplicidade e a melhor das atenções em servir.

Gabriel recomendou-lhe:

– Vamos, também, dar fim nessa história de confraria sectária; Brama não pode estar conforme as nossas presunções. Todo aquele que, nos quadros da vida em geral, em qualquer ramo de atividade, se portar no âmbito da Lei, deve ser respeitado como sacerdote de Brama. Isto porque, como é de bom senso aquilatar, todas as funções são devoções, quando exercitadas com dignidade. Os cleros sempre tiveram a infeliz mania de julgar seus membros acima dos demais elementos humanos; nisso há, em parte malícia e em parte espontânea ignorância. A malícia está na feição subsistencial, no vazamento do instinto sectário e no recalçamento do conceito de superioridade. A ignorância reside no fato de julgar a Lei Suprema pelo prisma daquelas falhas. Cumpre observar esta regra – quem é cego, lembre-se que existe mais do que aquilo que a sua cegueira lhe revela; quem enxerga um pouco, saiba que existe mais do que aquele pouco que consegue ver; e quem vê tudo quanto o “olho” humano pode fazer ver, não se esqueça de que o “olho” humano só consegue fazer ver muito pouco. Assim sendo, o sábio desconfia de sua sabedoria, o santo desconfia de sua santidade e Brama torna-se mais conhecido e reconhecido. A presunção é um dos grandes erros de quem se dedica ao culto do desabrochamento interno. A vaidade afasta um irmão do outro e não permite produzir o suficiente e necessário. O egoísmo, triste chaga que costuma se apresentar de maneira variável, chega a nulificar até os mais ínfimos valores, as menores possibilidades de êxito, quando se trata de cultivos espirituais; a riqueza espiritual surte de dar, de mais fazer pelos outros, nunca de pretender armazenar e reter conhecimentos e validades.

Olhou bem nos olhos do interlocutor e aconselhou:

– Não pretenda esconder seus pensamentos, o fruto de suas meditações, mesmo porque nestas plagas, tudo é posto em evidência e bem pouca coisa vinda da Terra consegue merecer atenções superiores, quando não se trata de obras de amor! A Ciência, quando de fato há, ornamenta e confere relativa autoridade; mas o Amor é a chave das chaves, é imprescindível. Quem muito ama, não tem segredos, não é egoísta e nem vaidoso. Não se julga mais e nem melhor. Não é invejoso, não se revela despeitado, não é, de certo modo, traidor do bem geral. Quem muito ama é simples, é serviçal, tem gosto para aprender e faz tudo para ensinar o que vem a saber.

O esfarrapado monge curvou a cabeça, ficou imóvel, completamente entregue ao mais profundo quebrantamento. Gabriel levantou-lhe a vincada face, afirmando:

– Quem lhe fala, irmão, foi igual... Eu também pensei ser mais e melhor, formulando a respeito dos demais os pensamentos menos respeitáveis. Imaginava, concebia, julgava estar acima de todos... Nutria acentuado desprezo pelas idéias e pelos conceitos alheios, julgando tristemente aos que se dedicavam aos misteres chamados profanos. A morte me ensinou isto – Brama pensa de outro modo e a nenhum filho despreza pela função, desde que executada no âmbito da Lei! Por mais humildes que sejam, o funcionário e a função, todos têm necessidade de ser e Brama a ninguém menospreza!

O monge chorava copiosamente e Gabriel consolou-o, informando:

– Caso se arrependa, terá entrado em esfera melhor, onde será tratado e cultivado a fim de em breve tornar-se um dos servos de Brama; caso queira ficar com seus pensamentos, terá que

permanecer em esfera inferior, retardando a cura e se impedindo em face da Lei. O que lhe disse, com inteira franqueza, foi por necessidade e a bem de seu futuro. É livre para escolher.

O monge rogou:

– Faça-me querer o melhor. Estou cansado de sofrer! Guie-me!...

– Está bem. Seu caso ficará entregue a nós. Fique tranquilo, contanto que se porte como bom irmão, procurando ser verdadeiro em lugar de ser sectário, fazendo questão de se renovar pelo estudo e pelas melhores práticas.

O outro, vendo Gabriel silenciar, perguntou-lhe:

– Eu, senhor, que devo fazer?

– Gabriel apanhou-o pela mão, levantou-o do chão, dizendo:

– Deve reencarnar, para resgatar grave falta do passado. Há três séculos, um pouco mais, foi chefe de um bando malfeitor, matando, ferindo, roubando, etc. Ser monge, no seu caso, fez muito bem; não o livrou de tantas culpas, não o uniu de uma vez com Brama; no entanto, consideremos, fê-lo disposto a recomençar vida nova, recalçando caracteres de elevado teor religioso ou moral.

De todo aquele andrajoso estado, arrancou um sorriso sarcástico e balbuciou:

– Miséria humana!... Até onde queres chegar?... Eu a pensar que estava livre, que era um liberto!...

Gabriel disse-lhe em tom ponderativo:

– Eu também fiz cálculos errados, por aquilatar a Lei segundo meu crivo concepcional. Confesso também, que revoltei-me um pouco, quando apanhado de surpresa pela morte. Sofri amarguras, defrontei calamidades íntimas inenarráveis; mas, vamos considerar, que seria da Lei se fosse atender a quantos conceitos e preconceitos, postulados e normas, princípios e dispositivos conseguem levantar os credos e as doutrinas? Como andaria o Universo, sem o rigor de uma Lei acima das cogitações sectárias?

O conformado monge especificou, meneando a cabeça:

– Cogitações sectárias não representam tudo, o pior está no comodismo e nas presunções descabidas. Que alguém tenha tendências, inclinações, teça considerações e firme conceitos, tudo isso se respeita; mas chegar a julgar Brama pelo mediocrismo do intelecto humano, ou pretender forçá-lo a ser assim ou não assim, a inteiro capricho de tendências e manias, ou de traumatismos psicológicos de caráter místico, isso é por demais. Sempre julguei bastante duvidosa a total certeza que os monges depositavam nos postulados admitidos como verdadeiros; nunca pude aceitar como absoluta a sabedoria do homem, por mais profundo que seja em conhecimentos, por melhor intencionado que seja. O infinito, embora essencialmente igual em seu Princípio Divino, comporta especificações astronomicamente incontáveis, além, muito além da capacidade humana de concepção. No entanto, para quase todos os monges, Brama estava quase totalmente medido, pesado, contado e tragado. Não se falava mais em Brama, no DIVINO TODO, que por ser TODO está de qualquer modo acima do que é parte, pois já se tratava Brama de “companheiro”, de igual em tudo, integralmente sem diferença. Nisso, meu senhor, Jesus foi bem mais modesto, pois nunca se inculcou como igual a Deus, salientando que a Vontade do Pai estava sobre todas as coisas, todos os conceitos, e que o fim da Sua Doutrina era fornecer elementos de conhecimento, a fim de que o filho pudesse viver em harmonia ou sintonia com o Pai, significando, portanto, a perene obrigação da parte para com o TODO.

Gabriel fez questão de salientar:

– Temos lido aqui, sobre a verdadeira Doutrina vivida pelo Cristo. Nossos livros falam das corrupções lavradas, não só no seio do Cristianismo, mas de todos os ensinamentos vindos, onde cleros se levantaram, fazendo da Doutrina meio de vida ou profissão. A bem de seus comodismos e de suas sanhas em geral, corromperam os puros ensinamentos, inventaram doutrinas de homens, levantaram barreira entre a pura Doutrina e a humanidade. Observe que, no seio do Cristianismo, tanta foi a corrupção lavrada, que o sistema de culto apostolar desapareceu completamente, dando lugar ao mais deslavado paganismo ou idolatrismo, equipado de completa maquinaria temporal, armado de

vastíssima catalogação comercial, cega e formal, de inteiro cunho humano, sem a menor dose de Revelação, de contato com o mundo espiritual. Ora, se a função de Jesus foi Batizar em Espírito, e isso fez na gloriosa manifestação do Pentecostes, para servir de modelo; e se os Apóstolos faziam suas reuniões para esse fim, como lemos na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo catorze, quem tinha o direito de corromper, de levantar tamanha aversão à obra do Cristo?¹

Eu, que sentia em mim tremenda fome de VERDADE com todas as letras maiúsculas, roguei:

– Irmão Gabriel, quer fazer o favor de me emprestar um livro, qualquer documento que contenha os ensinamentos reais do Cristo?

Fez sinal de assentimento, sorriu e disse-me:

– Eu vô-lo darei e com imenso prazer. Está chegando a hora, para a humanidade encarnada e para os das regiões inferiores, de obter mais alguns conhecimentos, através do Batismo de Espírito. Estão sendo preparados elementos de variada ordem, a fim de que a vazação seja levada a termo, na hora precisa e no melhor modo, contendo as especificações necessárias, uma vez que a codificação foi entregue no século passado e se acha em franca produtividade. No entanto, estando nós aqui, no plano astral, onde tudo é mais fácil de lóbrigar em princípio, quero dizer o seguinte – a Doutrina do Cristo é culto prático da Lei e da Revelação. O mais é de ordem específica, é detalhe, é questão de minuciosidade.

Havendo feito repentino silêncio, por atender a determinado aviso, para nós oculto, a seguir nos avisou:

– Vamos, que é hora. Temos outros serviços na lista de hoje.

Foi obra de querer. E não fomos lentamente. Embora não o tenhamos feito a toda pressa, em poucos minutos estávamos na terceira esfera, numa região pertencente à Índia e caminhando nos jardins de vastíssimo hospital. Ninguém diria não estar na Terra, caso fosse passado para lá num repente, sem prévio aviso. Tudo relativo ao peso específico, foi a explicação preliminar, e isso fomos constatando sempre, observando em todas as partes. Os ambientes dizem respeito aos merecimentos individuais, e essa regra decide radicalmente a questão, salvo em casos excepcionais, quando alguém faz questão de servir em plano inferior. Demais, no caso das altas esferas, onde vivem entidades mais sublimadas, onde os recursos externos se acham mais patenteados, tudo varia conforme a mesma regra, mas num plano de maiores intensidades. O que há, sem discurso, em qualquer esfera de paz, é um envolvente sentido de amor em tudo. Este sentido é que aumenta, é que sobe na escala ou em grau para tornar mais felizes aqueles que se vão chegando mais para junto da LUZ DIVINA. Esta LUZ DIVINA, ou Brama, ou Deus, é o fundamento, está no imo de tudo. Deus é a ESSÊNCIA DIVINA que dá origem, sustentação e destino a tudo. Desabrochar os valores íntimos é chegar para junto de Deus.

Deixando ali os dois enfermos, fomos atender Wassilof. Ao sairmos para o novo serviço, dei de encontro com alguns monges, companheiros de tortura. Vieram sorridentes, felicitaram-me, disseram palavras de agrado. Mas eu lhes disse:

– Aceito as felicitações, com restrição. Não estou servindo, realmente; estou sendo altamente servido. Eu não sei se estou certo, mas creio que alguém está, atrás de tudo isto, ensejando instruções, fazendo-me compreender alguma coisa que ainda não sei atinar. Se não é assim, creio estar havendo algum equívoco, alguma contradição...

Gabriel apanhou-me pela mão, afastou-me deles com aquela sua espontânea jovialidade em certas ocasiões; eu nada quis dizer, nem perguntar, porque me pareceu não ser necessário. Verdadeiramente, tudo aquilo serviu para me alertar a inteligência, para me tornar arguto, compenetrado e prevenido. Sair de um plano todo comodista, transpirando abstrações e alheamentos, em cujo meio vivia com a mente desprovida de adestramentos, entregue a um senso de união, de beatífica contemplação, para a seguir defrontar serviços práticos e variáveis, onde cumpria penetrar, entender e resolver casos delicadíssimos, como poderia ser isso feito, contando apenas com a certeza que eu tinha, de ser um espírito mais vivido? Está claro que, se entrasse no conhecimento do meu histórico, poderia reaver antigos poderes e recalçadas validades; mas, por que

motivo isso ficou em suspenso? Que razão tinha para reclamar essa vantagem, se havia passado a vida sem produzir, a viver de esmola, enferrujando o corpo e o espírito? Por isso é que passei por aquelas provas, dias e meses, sem dizer palavra, sem fazer indagações. Quando um superior sorria, benigno ou espirituoso, ao me pilhar meditando nessas questões, eu também sorria, transmitindo um pensamento que valia por dar graças a Brama de ser assim. E obtive grandes vantagens, porque ao lado da simplicidade, forma como instrumento de subido valor a disciplina. Realmente, como se poderia ser simples, decentemente simples, sem ser disciplinado?

De todos aqueles recolhidos, que aos poucos se foram chegando a beira do lago, e ao sopé da imensa mole que constitui um dos maiores monumentos telúricos geográficos da Terra, um só nos apresentou forma capaz de impressionar tremendamente.

Ele fora atacado pelas revoltas íntimas, de furor estranho, alterando em si a compleição geral, revolvendo marcas do passado, expondo vincos cármicos mal acobertados pela camada leve, bem leve e superficial da crença unionista vivida no mosteiro, exercitada em **plano teórico apenas**.

Esse irmão, cujo caráter, depois da morte física, passou a ser esquisito em excesso, pois se mostrava por vezes conformado e às vezes com acentuados toques de alucinação, apresentando ainda ocasiões de furor rebelde, viu-se preso, durante a travessia daqueles caminhos, de intensa mágoa, de angustiosa atrofia moral, que lhe ocasionara a devolução de chagas de toda ordem. O seu corpo de espírito, estando chagoso como estava, revelava o que apenas havia de lesão moral em seu íntimo. O mal visto em seu corpo astral era o retrato fiel das faltas vinculadas ao espírito em pretéritas vidas.

Fomos encontrá-lo estendido e gemente, a dizer palavras sem nexos, debaixo de frondosa árvore, decididamente estava intratável, devia ser recolhido e posto a tratamento, independente de qualquer aquilatação intelectual. No entanto, apesar de todos os esforços, de variada ordem e diferentes intensidades, o chagoso monge não se recuperava, não melhorava de espírito e nem de corpo. Tudo era alteração, nada ganhava novas feições.

– Que fazer? – disse eu a Gabriel.

– Aprender com a lição – respondeu .

– Aprender? Aprender ele ou nós?

– Nós, sem dúvida.

– No entanto, Gabriel, o nosso aprendizado curará o infeliz companheiro?

Olhou-me com infinita bondade, mesclada de penetrante advertência, observando:

– Raul, a complexidade universal não é por acaso. Serve a todos, encerra tremendas lições, descobre vaidades aparentemente ocultas. Neste caso, por exemplo, temos uma entidade espiritual, que fez a travessia dos reinos inferiores, organizou lentamente o seu caráter, chegou a patentear a sua consciência individual através de longa e intensa luta. É, como se encontrava, o produto de uma longa fermentação; mas não está completamente fermentado, não atingiu o clímax, não fez a união intelecto moral completa. Todavia, na última vida, dedicando-se a vida asceta, recalçou idéias, criou uma aura de libertação, totalmente intelectual, sem considerar o passado, sem avaliar o fator cármico.

Fez relativa pausa, fitou-o bem, prosseguindo:

– Posso ver, perfeitamente, algumas de suas últimas épocas carnis. Praticou de tudo um pouco, armazenou bens e males, como sucede a todos os espíritos, invariavelmente, no curso longuíssimo da escalada evolutiva. Suas últimas vidas foram passadas na China; foi senhor de terras, foi comerciante, foi excelente chefe de família, foi também esbulhador dos direitos alheios. Em dado tempo, tomando parte num bando de traficantes, envenenou algumas pessoas a fim de se apoderar de suas posses. Mais tarde, sendo afetado de incurável mal, e não dispondo de recursos de fundo espiritual, ao se deparar perdido, suicidou-se. Aqueles que o vinham perseguindo, as vítimas de seus crimes, tomaram então a dianteira num caminho terrível da mais horripilante vingança.

Quem os viu, por entre as fundas e infectas regiões trevosas, viu um embolamento a rolar, a gemer, a blasfemar, a se estender numa inenarrável tragédia.

– Horrível! – exclamei, sentindo invadir-me estranho mal estar.

Gabriel continuou:

– Agora, por exemplo, depois de muito rolar, vejo-os atingir local mais claro; eis que surgem alguns servos do bem, que os separam, que os dividem, que os encaminham. Esse mesmo irmão, que aí está, feito uma só chaga, voltou ao plano carnal, fez-se homem, e homem recalcado das idéias religiosas, produto das influências benignas de sua mãe. Atravessou a vida como pôde, sendo bastante ludibriado, enviuvando muito cedo, a custo criando três filhos homens. Entregou o seu organismo denso a mãe-terra, perambulou pela cidade por muitos anos, sem chegar ao conhecimento do estado, fruindo os benefícios das duplicatas etéricas, ora pensando estar doente, ora se julgando louco, ora se acreditando morto. Foi recolhido um dia, esclarecido e ensinado, funcionando como servo de bem ínfima categoria, num dos planos socorristas.

Estacou, fez um certo esforço de concentração e avançou:

– Agora vejo-o renascer, na Índia, como filho de família paupérrima. Cresce, faz-se homem, envereda no eremitério. Sai mais tarde, encaminha-se ao mosteiro, onde é mais festejada sua chegada pelos desencarnados, que nele vão ter mais uma fonte de fluídos, do que pelos encarnados, que tudo encaram friamente, e alguns até com aversão, pois é um concorrente ao Nirvana, alguém que os poderá suplantar nalgum ramo do saber ou das virtudes desdobradas. Vejo que ao seu redor as mentes funcionam, vibram, quer dos vivos, quer dos mortos, evidenciando as mais diferentes matizes da escala emotivo-mental.

Retirou seu firme olhar do monge, que se achava no seu leito de hospital. Pareceu desvanecer, largar estado menos feliz, abandonar-se a estado de refazimento. Pouco depois, refeito, encarou-me com a devida brandura, concluindo:

– Desencarnou no convento, como sabe e também fez, tendo passado pelo que sabe ter passado. Na caminhada, perdeu o equilíbrio mental, desmoronou o fortim moral e se entregou às garras do revolvimento interno. Procurou em si mesmo, pelo ato de revolta, aquelas infelizes condições do pretérito, que estavam mal sepultadas sob a leve camada espiritual, duramente conquistada nas duas últimas vidas. Todavia, como já deve compreender, para realizar o Nirvana é preciso mais do que pensar em tê-lo realizado. Se o Céu, para ser atingido plenamente no íntimo, fosse questão apenas de condição mental, nada seria mais fácil do que alcançá-lo de hoje para amanhã. Repare que, nestas plagas, onde felizmente nos encontramos, tudo se move com a mais completa lentidão; passam-se os dias, os meses, os anos, sem que se suba um milésimo na escala hierárquica. Voltaremos ao fardo carnal, viremos de novo para cá, tantas quantas vezes sejam necessárias. O tesouro que se acha na profundidade de nosso “eu”, por certo virá a tona, brilhará fulgurante, rutilará sob os divinos raios fundamentais da DIVINA LUZ; mas será como produto das intensas labutas, de ressomados cursos experimentais, de gloriosas conquistas em todos ramos do saber humano. O Céu não é obra de malícia, nem de simplórias concepções; muito menos ainda poderia ser objeto de focalizações psicológicas doentias. Traumatismos de qualquer espécie, por certo não o construirão; faz-se realizável pelo culto simples e puro da Ciência e do Amor, ativados na estrutura do viver sadio, respeitando todas as oportunidades de realizações eficientes. Fanatismos nada resolvem; extremismos são provas de lesão moral; a felicidade está no meio termo. Saibamos, de uma vez por todas, que o meio termo é a condição normal, o estado ideal no seio de qual toda e qualquer progressividade pode e deve ser levada a cabo. Sair do meio-termo, para qualquer efeito é desrespeitar a Lei. E a Lei é um dos nomes da ORDEM DIVINA.

Silenciou. Aproveitei o ensejo para alvitrar:

– Quando poderei ver, assim como viu, o carma desse irmão?

Sorriu, deu-me a entender o quanto isso lhe satisfiz, prometendo:

– Amanhã cedo, sem falta, entrará no plantel de seu conhecimento histórico. O seu comportamento, nesse quase ano inteiro de serviços, foi de todo recomendável; terá amanhã, a satisfação da auto-revelação.

– Sinto a importância desse acontecimento. Muito obrigado por tudo quanto tem me ensinado.

– Não é apenas o fato de reentrar no conhecimento histórico; é que se tornará senhor de validades e recursos psicotécnicos antanho adquiridos. Vamos dizer, em linhas gerais, que findou um tempo de punição... Sim, punição por ter falhado em sua função carnal, como enviado de Jesus, para formar na Índia o primeiro grupo realmente espírita. Não se lembra de ter visto, na juventude, espíritos a rodearem-no? Não se recorda do que lhe falaram?

– Por isso procurei o convento. Julguei-me indicado a ser monge, pelo fato de ter visto e ouvido aqueles devas ou gandarvas...

– Não fez apenas isso; repeliu-os, em suas afirmações julgando-os elementos perversos. Lembre-se de que os insultou, dizendo palavras menos recomendáveis.

– De fato, irmão Gabriel. Eles falaram em Jesus mais de uma vez... Eu tinha a minha forma de credo, era bem discípulo de Buda, embora não fosse ainda um discípulo regular. Julguei-os entidades inferiores, até mesmo pervertoras. Essa foi a razão de minha repulsa, de minha entrada para o convento.

– E as faculdades foram truncadas, sumiram, pois não?

– Nunca mais vi espírito algum.

– Outro tomou o encargo de organizar um grupo espírita; mas, como falho em recursos mediúnicos, pouco ou nada fez. Vive até hoje, cultiva como pode o seu mandato, fazendo apenas por sustentar o lume aceso... Você irá encontrá-lo, encarquilhado e quase cego, mas cheio de satisfação. Você o irá recolher, na hora da separação carnal, pois ele foi aquele que não deixou cair o estandarte... Deve-lhe um bom serviço; o que ele semeou dentro de alguns anos nascerá em suas mãos espirituais, pois irá guiar o grupo, que se fará um grande centro e terminará mais tarde numa grande Casa Federativa, atrás de cuja Grande casa o espírito de **Gandi** orientará o movimento espírita na Índia. Isto acontecerá em seu devido tempo, porque assim está de mais alto determinado. Gandi está sendo preparado e deixará a carne em tempo certo, a fim de que venha assumir a importantíssima função que lhe cumpre. Quem lhe sondar o histórico, irá encontrá-lo na personagem de **um dos Grandes Budas**; voltou para completar determinado curso, lutando e vencendo a custa de sacrifícios ingentes, pois a perda do “eu” não existe, sendo absolutamente certo que por evolução se fará Grande Oficial, servindo ao supremo em altas esferas, conforme o grau hierárquico atingido.

– Gabriel, você é um grande amigo e mui avançado mentor. Sabe muito mais do que parece. Eu rendo graças a Deus, por tê-lo posto em meu caminho. Contudo, devo confessá-lo, sinto-me budista. Algo me prende, encanta-me...

Gabriel interrompeu-me:

– Deve completar o Budismo, virá a fazê-lo. O seu presente o liga ao futuro e ao passado. Resta-lhe um grande serviço a executar, uma grande vida a viver, antes que se dê mais unido a Brama ou Deus. Devo dizer, também, que de amanhã em diante poderá sair da esfera indigna de ação ou função; irá ver o que temos organizado na Europa, na América e noutras partes do mundo terrícola e de suas esferas e zonas astrais. Nossos serviços alcançam vastidões e servem a milhões de seres. A restauração do Batismo de Espírito enche o mundo de certezas e levanta consciências em toda face da Terra. Um novo dia surge para a humanidade, em que passem as nuvens negras e se levantem os horizontes da humanidade; esse dia reclama novos conhecimentos, mais penetração no rumo da Verdade, mais consciência do imenso mecanismo do Universo e da Grande Vida. Tem a tua parte na grande obra renovadora, deve trabalhar pela extensão do Consolador sobre toda carne. A falha de um dia não desfaz compromisso, antes obriga ainda mais. Prepare-se portanto, que o tempo aí vem e a tarefa lhe cumpre.

– Tenho estudado com afinco todos os Livros Sagrados; a Bíblia, o livro que se fundamenta nos Vedas, na Sabedoria Antiga, e que representa o trabalho de centenas de Grandes Emissários, esse Livro o tenho em mãos todos os dias, sempre que me calha ter um pouco de tempo vago. Creio

estar consciente de toda trama profética, penso compreender o **liame que une todas as grandes Revelações**.

– Não olvide que todas as Grandes Revelações apontam o rumo do Batismo de Espírito. Um dia, mais cedo ou mais tarde, **cada casa será um templo**, onde seus familiares hão de manter aceso o lume Consolador da Revelação. O lar, mantido sob a vigilância da Lei, por todos os seus elementos componenciais, apresenta-se como o templo perfeito. Por mais que Grandes Casas sejam necessárias, para efeito de movimentações em outras esferas de atividade, cultura e entretenimento louváveis, o sustentáculo da Verdade, como alicerce da imensa família humana, será sempre a conduta da entidade familiar, do homem e da mulher que tudo fazem para que seu lar seja um centro de culto verdadeiro. A função da família é, a tempo, renovar a atividade e acender nas almas desde o berço, o lume da Verdade.

– Tenho observado, realmente, que a Terra sofre falta de Lei e de Revelação, na pessoa de seus elementos Humanos. Creio, pelo que tenho lido, que Jesus objetivou com inigualável exatidão a tremenda falta desses fatores básicos, tendo vivido a lei e batizado em Espírito, a fim de cobrir essa tremenda falta. E por mais que se teçam comentários, que se discutam as teses da Bíblia, nunca se pode encontrar outra explicação, nem deixar de reconhecer que suas afirmações, proposições, conclamações e evocações, visam atingir aquela duplicata fundamental, ora evocando-a, ora louvando-a, ora desejando-a para toda a carne. O eixo do Cristianismo repousa nessa bivalência fundamental. No capítulo dois do livro dos Atos, a ser Pedro consultado sobre o que devia fazer com o Batismo de Espírito, respondeu que essa era a graça trazida por Jesus, para toda humanidade. E que seriam todos chamados a seu conhecimento e culto, os de perto e os de longe, os contemporâneos e os pósteros.

Gabriel fez-se triste, muito triste, lamentando:

– Mas, surgiu em Roma a corrupção, com o advento de Constantino. O Batismo de Espírito foi perseguido e eliminado, sendo erigido o culto de toda sorte de idolatrias, de formalismos inventados em nome do Cristo, a fim de serem comerciados para sustentação de centenas de indivíduos e para que o ideal cristão não prejudicasse a sanha materialista e dominadora do império. O culto apostolar, perfeito prolongamento da grande eclosão mediúnica do Pentecostes, foi então liquidado e totalmente impossibilitado de ser conhecido, pois os documentos já escritos foram recolhidos e proibidos de leitura. Nessa época, houve a **corrupção dos livros do Novo Testamento**, surgindo emendas completamente inventadas pelos que se interessavam pelos reinos do mundo, em detrimento do Reino do Céu. Jesus fora traído no âmago de Seu divino messianismo. Roma fizera desaparecer o Batismo de Espírito. Aquele sistema de culto, tão bem exposto pelo Apóstolo dos Gentios, na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo quatorze, ficou abafado sob o guante da mais desenfreada perversão religiosa jamais havida na história do planeta. É por isso que, como já lhe disse, tendo se cumprido os tempos, ordenou Jesus a reposição das coisas no lugar. Resta, agora, que seja conhecida em todos os rincões da Terra, e que faça os homens conscientes da Verdade.

Chegou-se Ananda, que de muito se encontrava em serviço, avisando:

– Chegaram dois altos servidores, em visita a Jácomo, estando em conferência há bom tempo. Embora restringidos em sua apresentação, vi que são de bem alta envergadura hierárquica. Que terão vindo dizer? Que coisas irão acontecer?

Gabriel alegrou-se em extremo, dizendo:

– Eu os conheço. Sei, também, para que fim vieram. Rendo graças a Deus, pois também findei uma etapa de serviços, devendo iniciar outras atividades nestes próximos dias.

Apesar do esforço feito, tive que enfrentar frementes comoções. Ansiava pelo dia seguinte, assim como o sedento ansia por água e sofre alucinações.

É interessante assinalar, uma vez mais, que a Lei não é uma seqüência de ordenanças, teórico-doutrinárias, mas sim o Poder Equilibrador, vigente no íntimo de tudo e de todos. O Decálogo escrito, qualquer um pode rasgar, negar, pisar sobre ele; mas quem pisaria, negaria ou rasgaria o Poder Equilibrador do Universo? Já foi dito por outro narrador que o Decálogo tem por função fazer saber que há um Poder Superior, na intimidade profunda de todas as coisas; assim, portanto, quando dizemos que a Lei atua, não nos referimos aos Dez Mandamentos, mas sim ao Poder Vigente a quem eles fazem referência.

Em virtude desse Poder Vigente, fui submetido, no dia seguinte, ao crivo da revisão histórica. A simplicidade com que se caracterizou o ato, bem demonstra o que vai pela chamada Criação – pura subordinação ao Supremo Determinismo! Quando este determina, agindo com força de Lei, tudo se passa, a consecução é completa e de todo pronta. Por isso mesmo, fui remetido a um instituto. Ali, um sereníssimo irmão colou-me a mão direita à cabeça, fez ver e rever um mundo de fatos, obrigando-me a sentir profundos reflexos emotivos. Atravessei a história de meus últimos milênios; chorei, ri, tive sobressaltos a valer; ao cabo de toda aquela imensa recapitulação, estava suado, aflito, enfraquecido em extremo.

Tive grandes vidas, conquistando lauréis nos domínios da Arte, da Ciência, da Política; nunca fora um bom religioso, no sentido correto do termo, pois sempre estivera com os extremos da ação, ora sendo por demais idólatra, ora me entregando francamente ao fanatismo místico. Conhecer verdades básicas de prol, isso nunca havia conseguido; vivia beirando a crença perfeita, mas sempre caminhando pelos aranzéis do conchavismo humano, dos comércios e das interpretações duvidosas. De par com algumas vantagens, somava agravos de boa monta. Entretanto, era bem armazenado em matéria de experiências. Vivera intensamente a vida, fizera tratos a valer com os solavancos da sorte.

Depois de sopesar a condição e a situação do presente, dei-me por feliz. Tinha feito aquilo, restava realizar o que quer que fosse. Não estava agravado, embora tivesse falhado na última tentativa; falhara em parte, pois sempre dera preferência ao culto do espírito. Estavam solvidas certas contas, pelo que havia passado, restando escolher bem e realizar a contento o que teria por fazer.

Fator preponderante é a vontade. Apesar de ter grandes amigos, fizera sempre o possível de manter alta a liberdade de ação, o direito de alvedrio. Por isso consegui atenuantes e agravos, belas e tristes feitura. Uma prova disso foi o que arranjei na última vida, repelindo as dádivas do mundo espiritual, por julgá-las malélicas, sem atender ao dever de melhor análise, de mais acurada atenção. Estava com o budismo, integrado em sua feição geral, não queria saber de mais nada. Ele faria tudo quanto a crença poderia fazer, sem espíritos, melhores ou piores. Repeli intensamente, radicalmente; feita a minha vontade, totalmente minha devia ser a responsabilidade. E quanta gente faz assim? Onde está aquele que cultive a ciência do espírito, francamente, livremente, sem prevenções? Não é certo que a religião dos outros é diabólica, pouco ou muito? E quantos não cometem diabolismos tremendos, porque humanos, a bem da melhor intenção religiosa?

Já disse alguém, com sobras de razão, que a superstição é o diabo por excelência. Quem acredita na sua forma de crer, pensando que acredita em Deus, ou que é assim que se cultiva a Verdade, não é bastante diabólico? A crença humana tem o direito de fazer misérias em nome da fé? Não tem, é claro, mas a história dos credos está inçada de tremendas chacinas e de comensuráveis atos de calúnia. É que a criatura humana, por suas fraquezas, para acreditar em Deus até se faz o pior dos animais, pois é o único que, por razão, transgride a Lei. As guerras religiosas, as diferentes inquisições, as perseguições ostensivas e ocultas, tudo isso é produto de acúmulos supersticiosos; é por amar a Deus pelo prisma estulto da concepção humana menos evoluída, menos decente.

Vendo minha história, refleti profundamente, analisei atividades ao longo da jornada multimilenar. Encontrei-me nos mais variantes serviços, arcando com as mais rigorosas responsabilidades. Se ativando labutas artísticas, científicas, políticas, etc., não me reconheci arcado sob o peso de sérias lesões de ordem moral, outro tanto não se deu a respeito de minhas parcas

atividades de acento religioso. Duas vidas, pelo menos, gastei-as alinhavando concepções e atitudes; tudo fazia para manter a vida, o mínimo que fosse de recursos materiais, julgando estar fazendo um bom serviço espiritual, supondo alcançar a união com Brama. Ficava bem quando me acreditava mais do que os outros, quando supunha ser mais perante Brama. Vivia, no entanto, apenas para as aparências; no fundo não havia alicerce suficiente.

Consultando Calil, certo dia, pois suas visitas eram muito raras, disse-me o grande amigo com bastante pesar:

– Não há dúvida que a humanidade, mal guiada pelas religiões interesseiras, procura a Verdade pelas veredas da mentira; mas, também, não é menos certo que a superstição, passando por religião, costuma fazer dos mais sérios indivíduos meros joguetes de suas mediocridades e dos seus tremendos crimes. O caminho para Deus é simples, é servir decentemente em qualquer ramo de atividade normal; no entanto, lá vem a superstição, e com ela o fanatismo, e com este o desequilíbrio, fazendo claudicar o caráter do indivíduo, transformando-o num vilão, num bruto, num assassino. Há que considerar, ainda, os prejuízos que avultam para alguém da morte, que atravessam o túmulo. Quando se pensa na Terra, que a morte acerta todas as contas, muito nos enganamos; ela entrega o indivíduo às suas próprias condições criadas, forçando-o a resolver o problema. E como a compreensão não é fácil, porque soltos não podem ser levados a cabo, eis que uma falange de crentes errados se levanta, neste lado para reforçar o erro dos que ficam no plano da carne, do corpo mais denso, apenas. Todo e qualquer esforço dos encarnados obriga, indeclinavelmente, a formação de uma duplicata neste lado. E tanto quanto mais uma idéia cresça, boa ou ruim, tanto mais força o aumento deste lado. Porque sempre haverá no plano astral, quem fique relacionado com o plano carnal, preso pelos grilhões de variada ordem. A mente funciona a bem das tendências, e esta se encarrega de, pelos liames magnéticos, fazer o restante. Depois, para ficar mais de acordo com a Ciência, pronuncia-se a expressão – “peso específico”. E é a mais vibrante realidade, porque é apenas um caso de ligação especificamental.

No entanto, graças ao Céu, que sempre age através da Lei, rever o passado resumiu-se em crescer bastante, aumentar em poderes e recursos. Foi como tomar um banho de autoridade, porque readquiri aquelas vantagens que estiveram latentes durante a punição merecida. No dia em que Gabriel foi transferido, também o fui, indo residir em esfera mais alta e sendo encarregado de serviços também mais a par de minhas possibilidades, tudo com vista ao futuro, tudo a fim de servir, na hora aprazada pelos superiores, a bem do Espiritismo em terras indianas.

Mudar de esfera correspondeu a curtir saudades, pois lá ficaram velhos amigos e antigos companheiros de convento e serviços. Também forçou a novas amizades, a novos compromissos de ordem afetiva, como era de esperar.

Dentre os novos, como sempre soe acontecer, pelo menos um se destaca; parece imposição determinística; mas é o que acontece. Um é mais achegado, é mais igual, é menos formal em suas maneiras de ser e de se portar. Sidanval parecia um irmão, tal a intensidade de gostos e tendências, tal a natureza de seu tom familiar.

Gabriel, que servia noutro instituto, mas também articulado com o anterior, de quando em quando fazia questão de uma saída a três, para visitas aos mais estranhos ambientes e meios, a fim de observar e aprender, como também para mudar um pouco a rotina. Tendo ganhado em liberdades, com a subida de posto e transferência, quase toda a folga era aproveitada em passeios cujo objetivo era acumular experiências e fazer novas amizades. Assim sendo, não apenas por obrigação, mas também a título de passeio, muitas verdades a mais viemos a conhecer.

Por volta de mil e novecentos e dez, da Era Cristã, fizemos a primeira visita ao Brasil, com o fim de presenciar, acima de tudo, alguns elementos em trabalho ativo. Na França e nos Estados Unidos, bem pouco havia que merecesse atenção e fosse digno de observação. No Brasil, entretanto, alguns vultos se desdobravam e lançavam os marcos de uma grande obra, além de podermos ver,

mergulhados na carne, alguns dos mais avançados servidores do Cristo, em preparativos para um novo lance. O plano, como nos disseram, era vasto em todos os sentidos, estando milhares de criaturas preparadas, a fim de tomar encarnação na hora aprazada e consoante fosse deixando a lição os mais antigos trabalhadores.

– Isso tudo – disse-me um dos mentores espirituais – visa aquilo que brevemente se dará, pois a determinação de Jesus é que o novo impulso parta deste país. Como sabe, todo surto carece de uma base, de um centro receptor, de onde possa desferir seus golpes contra a corrupção e o atraso. Não é possível transformar a Terra inteira num formidando centro receptivo; por isso mesmo faz-se a montagem de uma organização, de um agrupamento, a fim de estender os serviços e multiplicar as organizações e os agrupamentos. É a espiral evolutiva, é a regra comum.

– Temos ouvido excelentes doutrinadores, que pregam com veemência a renovação cíclico-histórica. Alguns chegam a precisar o tempo de duração e os efeitos a serem atingidos. Segundo o que dizem, parece que tudo vai ser tremendamente abalado.

O grande mentor, que guiava e guia o movimento da Casa em visita, atendeu:

– Sim, é absolutamente exato. A Terra será abalada em todos os sentidos, para assim figurar a humanidade e seus cometimentos. Convulsões de toda a ordem varrerão a paisagem humana, fazendo crepitar as mentes e comover os corações. É que está a fanar-se uma hora cíclica. E como se não de levantar no mundo as mais estranhas e absurdas concepções, em virtude dos tremendos choques, faz-se mister avançar e estabelecer os núcleos de verdadeira fé, a fim de contrabalançar os efeitos dissolventes daquelas concepções. Tudo está sendo divinamente orientado, embora tenha-se que admitir as falhas decorrentes do arbítrio humano, que tendem a dispersar valores e a criar casos desagradáveis. Podemos afiançar, entretanto, que os frutos serão múltiplos, devendo ser espalhados por toda a Terra. De mais alto vem a determinação e ninguém poderá nos deter a marcha triunfal.

Não era preciso que ele dissesse de onde vinha a ordem de agir; bem se aquilatava o fato, pela presença na Terra de criaturas altamente evoluídas, verdadeiros servidores do Cristo, que por sua vez estavam rodeados de outros tantos milhares de servos do bem. Elementos de todas as matizes hierárquicas estavam trabalhando, e o programa, segundo relatos que nos foram feitos, dizia respeito a milhões de seres que estavam prontos a entrar na luta, assim que fosse necessário.

Nesta hora, em vista do que foi feito, e do que se está fazendo, podemos dizer que nada falhou. Considerando que a estimativa é sempre feita sobre o mínimo, devemos afirmar que em muito se ultrapassou o limite pré-visado. Jesus forneceu elementos, na razão direta em que as convulsões precipitavam manifestações contrárias ao equilíbrio necessário; seus agentes astrais desdobraram-se em trabalhos e atenções incalculáveis; e o material humano, apesar dos pesares, atendeu ao chamado celestial. A Terra, queiram ou não pensadores contrários, nunca presenciou semelhante fato, nunca viu tanta prodigalidade, jamais teria concebido tamanha obra em tão curto lapso de tempo.

Parece-nos, ou pelo menos podemos assim julgar, que as dificuldades encontradas em outros tempos, pelos movimentos renovadores, ou pelos seus arautos, converteu-se no Brasil em facilidade. A pujança da terra facilitou seu elemento demográfico a melhor aceitação do ideal restaurador. E se quisermos atribuir algum desfavorecimento ao elevado grau de analfabetismo reinante, por isso cairemos em erro, pois a França, berço da Codificação, e colmeia humana muito mais intelectualizada, como encarou a significativa obra? Que repercussão encontrou na França, e na Europa em geral, a obra cuja essência é integralmente cristã e cujo fito é suspender nas criaturas o nível espiritual, apesar de ser a França o país intelectualmente mais avançado e a Europa o continente mais evoluído até então? Vamos dizer que a pujança da terra auxiliou o surto restaurador; mas lembremos a feliz ingerência das falanges do Cristo, de Sua determinação, e o que poderia ter acontecido em relação à França, não estivessem nos orçamentos cármicos, pesando como fatores contrários, alguns débitos que se antepuseram, algumas faltas coletivas. Por vários motivos tinha de ser em uma terra nova, ou renovada por força de cataclismo telúrico, o centro irradiador das influências restauradoras.

Neste meado de século, quando a Codificação ainda não completou cem anos de feitura, o Brasil sozinho faz mais do que todos os continentes juntos, ao repetir aquelas práticas que se acham contidas no capítulo dois do Livro dos Atos e na Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, capítulo quatorze.

Podem dizer alguns confrades, aliás muito bem intencionados em sua feição doutrinária, que não se faz no Brasil questão mais cerrada em torno do Espiritismo científico; mas nós afiançamos que se faz bastante em torno daquela tese tão subidamente cristã, que por ser assim mereceu toda aquela atenção que lhe deu Paulo no capítulo treze da mesma supra-citada Carta.

De toda e qualquer forma, encarando friamente a obra levada a cabo em tão pouco tempo, não há mente sincera que não reconheça a importância da máquina que se acha montada, a fim de que sejam espargidos pelo mundo os frutos da celeste sementeira ou ressemeadura. Fica bem esclarecido, pois, que a função do Espiritismo é restabelecer aquelas práticas citadas nos documentos acima mencionados, para que o Cristianismo cultivado pelos homens venha a ser aquele deixado pelo Cristo, sem clericalismos, sem formalismos, sem fantasias supersticiosas.

Que a Lei Intrínseca seja vivida no trato social; e que a Revelação seja cultivada naqueles moldes, a fim de que a humanidade possa crescer, aumentar-se no conhecimento das verdades básicas, verdades que, somadas, constituem a Verdade.

É bem sabido que os rasteirismos sectários tudo farão para impedir os avanços da obra restauradora e consoladora; mas ninguém pretenda que o Cristo deixará de ser o vitorioso! Basta, portanto, aos verdadeiros servos, que sigam a trilha por Ele palmilhada. Surgirão dificuldades e trabalhos, trabalhos e dificuldades; mas, assim mesmo como Ele colheu os benditos resultados, assim os hão de colher aqueles que se fizeram dignos imitadores.

A regra infalível é conhecer, trabalhar, confiar e esperar na Suprema Justiça; porque os resultados se apresentarão, indeclinavelmente, numa hora em que os homens qualificam dubiamente de “mais cedo ou mais tarde”, mas que ao crivo celestial, na ampulheta do tempo, é apenas a hora jurídica exata.

Nos mais altos planos da Vida, há muita consciência das mais ínfimas e das mais enormes verdades; os chamados Grandes Oficiais possuem desenvolvidos, parece que ao infinito, aqueles dotes que os tornam semi-deuses de fato. Não carecem de remontar dos efeitos às causas, porque a capacidade de sondagem lhes permite conhecer nas causas aqueles efeitos que se hão de evidenciar. Quando muito, em virtude do relativo direito de livre arbítrio e com plena consciência desse moto básico, sopesam e consideram uma certa dose de tempo-flexão; é assim que, ao se tratar de um indivíduo, ou de um povo, ou de toda a humanidade, apenas permitem a possibilidade de avançar ou retardar um pouco a eclosão fenomênica.

Foi assim que, convidado por Sidanval, fizemos experiências psicométricas, verificando a história através das imagens recalçadas e devolvidas. Fomos procurar os mais antigos rincões da Terra, fomos sondar as teorias e os seus fundadores, fomos analisar na raiz os elementos fundamentais de todas as doutrinas que mereceram forte marcação na história. Sempre vimos a Verdade na base de todo e qualquer movimento, fosse inicial ou renovador, tivesse caráter de originalidade ou se apresentasse como restaurador, apenas.

A Índia nos mostrou os seus Grandes Budas; foi uma verdadeira coluna a se estender pela noite dos milênios, coluna que arrastava após de si, gerações sem conta, ondas fantásticas de seres. Havia gente na Terra e nos ares, tudo numa promiscuidade formidável, cultivando o grande ideal unificador. Surgiram as corrupções, as explorações, os clericalismos e manhas dominadoras. Com isso, novos emissários voltaram ao plantel carnal, recuperaram as gentes para o ideal sagrado. A seguir, novas quedas, novas corrupções no curso dos séculos, para que de novo outras restaurações fossem necessárias. A Índia encantou a Terra com seus grandes místicos, com suas encantadoras teorias, lavrando nos seus monumentos telúricos a sementeira das vibrantes

influências mentais magnéticas. Suas terras, seus rios e suas montanhas valem por vertentes de emanções sublimes. E dos planos erráticos volvem, perenemente, legiões de seres saudosos, que ao contato daquelas vinculações rememoram tempos idos e revivem personagens que a grandeza do ideal não deixa que se fanem.

O Tibé nos revelou a sua fila intérmina de grandes experimentadores; vimos as práticas mais excêntricas, os cultos mais esquisitos, tudo com o fito de trançar contato com o plano astral. Ouvimos as vozes, nem sempre fiéis à Verdade, daqueles que se revelavam, dizendo-se aquilo que de fato nem sempre eram... Verdades menores e maiores jorraram daqueles cultos, daqueles forçamentos, daquelas incursões nos domínios astrais. Ensinos errados também vieram, porque as sombras nunca deixaram de comparecer, mais ou menos disfarçadas ao banquete dos cultos espirituais. Os cleros, as superstições; tudo isso que é marcado pelo cunho de acendrado mercantilismo, com visão às hierarquias temporais e à exploração da fé, ou do homem pelo homem em nome de Brama, em qualquer parte do mundo ou sob qualquer designação ou pretexto, tudo isso tem vindo das regiões menos felizes, tudo isso tem partido das esferas onde vivem elementos fingidos. Insanos e despóticos, que sempre souberam se fantasiar com as aparências de respeito às melhores verdades. E como a humanidade encarnada apresenta o seu grande coeficiente de elementos inferiores em moral, cheios de si e capazes de todas as malícias, dominados pela sanha dos mandonismos desbragados e rendosos, eis que o plano inferior sempre alcança estabelecer no mundo seus entrepostos. Apesar do verdadeiro sentido de culto apresentado pelos Grandes Missionários, sempre aparecem as corrupções, os desvios, as infelizes explorações.

Fomos ver, também, o Egito. Não o moderno, mas sim o antigo, aquele Egito unguído pela influência dos seus Hierofantes, dos seus grandes místicos, filhos doutrinários da ciência que lhes veio dos extremos orientais, do budismo que também se chama ou chamou vedismo, pois nisso tudo apenas houve ingerência de fatores semânticos. No fundo uma só é a raiz, embora os ramos da Sabedoria Antiga rompam em diferentes matizes direcionais. É assim que vamos encontrar as mesmas chaves em Hermes, em Rama, em Zoroastro, em Apolônio de Tiana, em Orfeu; nos Grandes Filósofos da China, da Grécia, etc.; nos Patriarcas Hebreus e nos incontáveis sábios da Caldéia e da Assíria. Por toda parte se infiltrou a Verdade, conduzida pelos vultos para tanto vindos ao mundo. Seria intérmino um serviço de relacionamento, mormente em vista dos grandes cataclismos que se fizeram presentes, muitas vezes mudando a feição geográfica dos continentes.

Na linhagem dos vultos ressalta o trabalho feito por Henoch, aquele que, viajando pelas mais distantes terras, encontrou os melhores conhecimentos e os trasladou para bandas ocidentais. A esse grande espírito se devem grandes serviços prestados à obra de espiritualização do mundo. Ele organizou a Ordem dos Essênios, a Escola Profética Hebréia, em cujo seio repontou gloriosa a secção nazirena, aquele agrupamento de votados ao Senhor, de escolhidos para o ministério das faculdades mediúnicas. O patriarcado entregou o conhecimento às gerações futuras, que de sua parte foram produzindo vultos de estofa, como o foram Moisés, Josué, Samuel, Davi, Salomão, e toda aquela pleiade iluminada, que, começando em Elias e Eliseu, forneceu a cadeia de arrebatados profetas, de luminares da Verdade, no seio trêfego das convulsões e das sanhas clérigo-imperialistas. Foram, como afirmou Jesus, massacrados por aqueles aos quais serviram com as luzes da Verdade; mas o seu testemunho ficou, frutificou na obra imensa dos séculos, acima de tudo na época imortal do Calvário.

O Calvário foi visto como um salto havido entre o Cenáculo existente nas imediações do Mar Morto e o Batismo de Espírito; Jesus afiançou que seu Batismo viria como consequência da Sua lapidação pelos homens. E assim foi, pois a saída daquele tradicional Cenáculo, onde se preparava, foi uma linha reta na direção do formidável evento mediúnico. Os dois primeiros capítulos do Livro dos Atos, valem pela resenha de todas as afirmações proféticas; as promessas do Céu se cumpriam, a humanidade herdava o direito de ficar livre de todas as chacinas clericais, de todos os embustes sectários. O sol da Revelação viria em abono da humanidade e o Apóstolo dos Gentios poderia escrever com letras de vida o capítulo doze da sua primeira Carta aos Coríntios. Era o grito de liberdade contra a tirania dos conchavos idólatras e das explorações em nome de Deus; o

Céu e a Terra se entrelaçavam através da função missionária de Jesus; o Batismo de Espírito estava consumado!

Vimos o trabalho dos seguidores do Cristo; acompanhamo-los através de lugares e tempos. Onde estava um discípulo, ali estavam falanges de espíritos devotados à Causa Sagrada. Vimos heroísmos e traições, avanços e recuos. Por fim deparamos com o fatídico século quatro, em cujo primeiro quartel viu-se a obra de Jesus truncada e vilipendiada; Roma deu fim ao Batismo de Espírito e impôs ao mundo a mais desenfreada e cara idolatria de todos os tempos. As trevas cobriram o mundo ocidental, pois a Revelação era punida como sendo obra de Belzebu, por aqueles que em nome do Cristo faziam o jogo do Império, de seus domínios e de suas sangueiras.

Se longas foram as trevas, lucilantes se apresentaram as primeiras estrelas no firmamento da restauração. Wicliff, Huss, Lutero, Giordano Bruno e alguns outros, foram verdadeiros axiomas da Ordem Suprema, a movimentar os valores corolários representados por milhares de sinceros devotos da Verdade. Os vultos máximos foram vistos como grandes estrelas a fornecer luz e incitamentos vigorosos; a colmeia preposta, ao redor, apanhou os fochos e fendeu as trevas do paganismo romano, da burla que de há muito fazia o que bem entendia em nome da Verdade. Eram os anjos do Senhor, a travar luta contra a besta que tem sete cabeças e dez cornos, como assinala o Apocalipse, besta cujo único fim era pretender devorar a Revelação, liquidá-la de uma vez para sempre.

Houve comoção em todos os recantos do mundo astral, nas esferas próximas, ao eclodir no mundo a grande manifestação mediúmica do século dezenove; era o Batismo de Espírito que retornava ao pedestal de direito, mas em larga escala, forçando ao retorno do verdadeiro Cristianismo. É que, esgotado o tempo previsto pelo Cristo, como sendo aquele que haveria trevas sobre a Terra, em virtude dos erros cometidos e recalçados, a Revelação, que foi chamada o Consolador, de novo brilharia nos horizontes da humanidade, proclamando a renovação necessária.

Kardec surgiu, a frente de incontáveis legiões, hasteando a bandeira alvincente, o estandarte onde apenas se lia duas palavras – “LEI” e “REVELAÇÃO”.

Desde então, a influência jorrante do Pentecostes avançou em todos os rumos, atingiu os mais afastados rincões do planeta. Falando agora, cem anos depois, temos que considerar o quanto fez a bem da ordem e do equilíbrio, precisamente num tempo em que o materialismo atingia os píncaros do pensamento, nutrindo com seu traiçoeiro veneno as garras infernais que se propunham a enterrar na estrutura espiritualista da humanidade, obrigando-a a retroceder nas conquistas nobilitantes. Para saber o que fez a bem da humanidade o retorno do Pentecostes em larga escala, só mesmo avaliando o quanto seria terrível haver deixado livre o materialismo. Foi o Céu a socorrer a Terra, num dos seus mais críticos momentos.

Em particular, devo acentuar uma verdade, tenho por obrigação testemunhar um fato – eu também tive por instrumento de convicção o fenômeno mediúmico ostensivo, cultivado nos moldes espíritas. Foi o contato puro e simples entre os dois planos que me fez ceder em concepção a bem do Cristianismo; assim como foi através de uma demonstração divinamente superior que me convenci de ser Jesus o Diretor Planetário.

Sidanval, sempre atento a toda atenção feliz, ouviu-me:

– Já revi a história da Terra e de sua humanidade. Vi os Grandes Reveladores e compreendi os propósitos do Céu, bem assim como observei as corrupções, as alterações e as explorações que posteriormente foram levantadas pelo próprio homem, tudo a bem de conchavos, de maquinações clericais, de agrupamentos que se propuseram a torcer a Verdade em benefício de interesses subalternos e até criminosos.

E respondeu-me em tom paternal:

– Raul, você não é mais um neófito das verdades básicas; você já sabe que a Verdade está no imo de tudo e de todos, devendo ser desabrochada nos “eus” individualizados, ou espíritos, a fim de que se tornem servos do TODO, cooperadores de Brama. Revendo sua própria história reconquistou poderes e recursos anteriormente desenvolvidos e patenteados. Deve, de hoje em

diante, sempre que lhe surja pela frente um pensamento, uma questão, um dilema, encará-los do ponto de vista mais consciente, mais racional, em relação ao seu grau de conhecimento.

Ponderei:

– Eu revi a história da humanidade e observei os Grandes Mestres; tenho perfeita noção das influências que seus ensinamentos causaram; sei que a humanidade, pouco mais ou menos, em matéria de evolução, acha-se no ponto em que conseguiu chegar, pelo aproveitamento daquelas Revelações. Enfim, tem o que conseguir assimilar e seu valor representativo não é outro. Mas, meu caro irmão, eu não tenho prática alguma daquilo que vi. Eu sei que o Cristo batizou em Espírito, e que a igreja dera curso ao seu Batismo de Espírito durante três séculos, até Roma perverter a doutrina e impor suas maquinações idólatras e politíqueiras. Isso eu vi muito bem e muito bem compreendi. Vi, também, Kardec aparecer, transportando o estandarte onde se lia duas palavras – “AMOR e REVELAÇÃO” – , e que o seu curso foi a toda humanidade, convocando todas as gentes, em todas as partes, para um único fim, que é conhecer a Verdade. Mas, de prático, que sei eu?

– De hoje em diante – respondeu-me ele – terá grandes oportunidades; irá ver e praticar o culto do Batismo de Espírito. Entrementes, lerá com atenção os quase 80 textos que falam a respeito, através de toda a Bíblia, pois terá que fazer um relato, a tal respeito, assim que se julgue capacitado. Não é seu caso que estamos levando a sério, mas sim o fato de sua feição universal por ser inteiramente humano o problema. De mais alto aguardam o nosso trabalho, a fim de que se torne beneficente a milhões de seres, a fim de que se constitua uma obra de esclarecimento universal. Este acontecimento, por menor que seja, se tornará um item, pelo menos, da grande jornada idealista, valerá por um ponto na escala dos eventos cíclico-históricos. Indicará o Caminho a quantos o queiram seguir, de maneira simples e afortunada. Desse dia em diante, dessa revisão fantástica, é que pude estudar e apreciar, de modo ostensivo, a tudo que havia sido feito no mundo, desde o nascimento de Kardec, arrastando após de si a eclosão mediúmica e a Codificação dos Princípios Doutrinários. Foi um dos grandes homens símbolos da humanidade, desses que nascem para endereçar as gerações no rumo indicado pela Suprema Sabedoria.

Eu estava, conseqüentemente, a par da história religiosa do planeta, sabia o que havia sido e o que era, tendo vastos informes de futuros acontecimentos. Por ser funcionário do departamento espiritualista, de par com as leituras que fazia, observava com o máximo critério a rebusca pelos chamados Livros Sagrados. Fiz o possível para ter em mente, sempre presente, tudo quanto se relacionasse com a história religiosa, através dos Grandes Reveladores, não das religiões que se seguiram, tendo na base seus cleros ou seus exploradores formais, aqueles que escondem a verdade a fim de traficar com as quitandas de feitura humana, aqueles, como advertiu Jesus, que ficando nas portas não entram, não permitindo a entrada dos que poderiam fazê-lo.

Lia e meditava, certa manhã, estirado a margem de maravilhoso lago, em cujas límpidas águas, formosos peixes havia, que faziam suas cabriolas e espadanavam, enquanto nos ares as mais lindas e amigas aves cortavam rumos e enchem a natureza de harmoniosos silvos, pios e cantos; ali estava, ora lendo um pouco, ora apreciando a fauna maravilhosa, quando notei que aves e peixes rodeavam e atendiam a alguém. As aves giravam em torno de alguma coisa para mim invisível, e os peixes se agrupavam num mesmo lugar, festejando qualquer coisa, aquela mesma coisa que eu não podia ver, não conseguia ver.

Aos poucos foram vindo para o meu lado, foram se aproximando, até que aves e peixes se acumulavam na beira do lago, bem perto de mim. Comecei a sentir, então, divinal presença ao meu redor, sem ver nada. Vibrações sublimes me envolveram, fizeram-me entender que alguém ali estava, desejando falar-me, e que deveria ser alguém de grande postura hierárquica, algum dos Grandes Oficiais, como costumam ser chamados aqueles que são imediatos do Cristo ou de Seus imediatos. Compreendamos o seguinte – o Cristo possui imediatos que quase não se distinguem Dele, sem ser na ordem de Autoridade, pois Ele é o Diretor Planetário, e aqui, nas altas esferas,

jamais se discute uma Autoridade. Tais imediatos, por sua vez, possuem tantos outros imediatos, para os serviços que lhes competem na direção das esferas, das zonas astrais, das regiões e seus múltiplos departamentos e serviços. A Terra, saibamos, a contar das esferas interestelares até o centro do planeta sólido, ou do mundo físico, tem muito mais verdade a mostrar, e astronômicos serviços a movimentar e fornecer, do que qualquer mente encarnada poderia supor.

Não existe, como já disse, o desaparecimento em Brama; **ninguém perde jamais a individualidade**; a personalidade, entenda quem puder, essa é que vem a se constituir uniforme ou harmoniosa com a Lei, **marchando paralela**, sem jamais deixar de ser uma **realidade distinta**. É imperioso saber isto, para que mais tarde não haja dificuldade a ser defrontada.

Em tal caso, ou conseqüentemente, a começar a Função Diretora do Cristo, temos uma variável cadeia de sub-funções. Aos mais evoluídos, portanto, cumpre as mais altas funções. A estes é que se costuma chamar de Grandes Oficiais ou Elevados Mentores. Em verdade, eles executam a Lei através do Cristo Planetário. O Cristo é a síntese da Lei, é o Fiel da Balança, representa a própria Lei.

Eu pensava estar na presença de algum Grande Oficial, portanto, sentindo aquela aura divinal ao meu redor, sem ver coisa alguma. O meu pensamento, em dado momento, foi ter no Mensageiro de Kassapa, naquele primeiro a nos visitar e instruir, quando estávamos perdidos, espavoridos, angustiados e desmoralizados.

Foram aparecendo as cores mais belas e os ares se encheram de sons maviosíssimos. Tudo cantava e encantava; a terra que eu tinha debaixo dos pés, o ar que respirava, toda a natureza e toda sua maravilhosa fauna. O lago estava em frenesi e o espaço vivia seu festim de revoadas. O mais alto Céu parecia ter descido até aquela esfera. Tudo se fizera glorioso. Meu íntimo palpitava, estava sendo violentamente sacudido. O Céu interior, ainda não despertado, parecia querer saltar e ir rumo ao Céu exterior, daquela maravilhosa e divinal presença.

Encantado, subjugado, curvei-me sobre o chão festivo e chorei a impulso da maior das alegrias de minha história; segundos passados, meiga voz ordenou-me:

– Levanta-te, Raul, que o Senhor a ninguém deseja ver curvado. A inferioridade trabalha para encurvar o espírito, enquanto a Verdade tudo faz para sustentá-lo erguido, hirtó e pronto a servir.

Levantei-me, ainda soluçante, radiante de felicidade, e vi pela frente o grande amigo, o Mensageiro de Kassapa.

– Quanto é grande a minha obrigação para contigo, querido irmão – falei-lhe.

Fez sinal negativo de cabeça, afirmando:

– Não assim como pensas. O certo é que todos nós devemos mútuas obrigações de auxílio, no âmbito da Suprema Lei. A Justiça, por estar dentro de nós, tem seu Tribunal Universal na Esfera Crística ou Diretora; por isso, servindo a Lei é que nos servimos uns aos outros. Eu fui atender-vos na hora exata. Nada mais.

– Podia ter mandado outro. É muito elevado funcionário, para estar atendendo espíritos tão endividados. Sua presença, aqui, por exemplo, eu a tomo em conta de subida graça do Senhor. Eu sei que muita distância nos separa, meu grande e querido irmão.

Fez outra vez sinal negativo, dizendo:

– Não debes pensar assim. Verdadeiramente, sou mais vivido e superior na escala hierárquica; mas se nada fizesse pelos que estão atrás, assim como sou auxiliado por aqueles que me estão na dianteira, de que valeria a evolução conquistada? Demais, Raul, temos serviços a prestar, eu desempenhando a função de Mensageiro de Kassapa, que por sua vez é imediato direto do Cristo, e tu como intermediário entre nós e os encarnados. Aproximam-se os dias em que teremos de agir muito, a fim de preservar as conquistas feitas e fazer a humanidade marchar no encaço de mais avançados conhecimentos. Venho da parte de Kassapa, pois um dos nossos, que está encarnado, de quem já falei, queima na carne os últimos esforços. Está a findar o tempo de sua encarnação, e novos rumos teremos que imprimir ao movimento espiritualizador, aproveitando a influência marcante que o seu esforço conseguiu erigir, no seio do povo indiano.

– Compreendo, meu grande amigo. Tenho visitado todos os rincões da Terra e tenho apreciado o tremendo esforço das falanges do Senhor. A semeadura é vastíssima, creio que jamais em tempo algum foi tão profunda e intensa. A Terra vive dias de tremendas convulsões e o Céu lhe envia os recursos necessários, a fim de que os menos fiéis à verdade, mal usando o sagrado direito de livre arbítrio, não ponham a perder os mais belos frutos da cultura espiritual de todos os tempos.

– Logo estaremos trabalhando mais sobre o extremo Oriente. Embora tudo faz crer na perda de muitos esforços, pois a imprudência de alguns projeta a humanidade à mais tremenda hecatombe de todos os tempos, cumpre-nos trabalhar por aqueles que se queiram apresentar melhor revestidos ao banquete da Vida. Começaremos forçando ambientes, aqui e ali, pois lá se acham prontos aqueles que encarnaram para o devido fim. Assim foi feito na Europa e na América, assim será levado a cabo no extremo Oriente. Nossas falanges de servos da Verdade estão preparadas, só faltando a palavra de ordem da Diretoria Planetária. E, como temos conhecimento do tempo que se aproxima, aqui estamos, em cumprimento de ordem superior.

– Rendo graças a Deus por essa oportunidade. Prezo ver aquele povo numeroso, de certo modo tão profundamente devotado a causa do espírito, atingido pela fortunosa oportunidade revelacionista. De minha parte, pode estar seguro, tudo farei pelo Batismo de Espírito. Depois de muito raciocinar, e verificar o elevado grau de materialismo afrontoso e cruel atingido pelo ocidente, não posso conceber melhor defesa dos troféus espirituais, conquistados através de todas as jornadas humanas, do que seja o culto do intercâmbio entre os dois planos da Vida. A minha compreensão da obra do Cristo é um tanto tardia, não deixo de reconhecer. O Cristo do Ocidente, para mim, valia por aquilo que continha dos ensinamentos búdicos. Agora, consciente da sua singular função missionária, rendo graças por ter vindo a conhecer e rendo graças pelo fato de poder servir na grande Causa. Demais, quero confidenciar, que satisfação é poder falar com os irmãos encarnados! Falar a respeito da imortalidade!... Dizer-lhes do mundo espiritual!... Da família que continua e dos amigos que se fazem muito mais amigos!... Quanto é consoladora a Revelação, o intercâmbio!...

A nuvem gloriosa foi se afastando; aquela aura de luzes argentinas foi se apagando. Apagando, sumindo... De longe vinha o sussurro, a despedida:

– Até breve. Até breve. Em tempo virei, em tempo voltarei.

Fiquei só à margem do lago, a fitar os peixes e as aves. Meu coração trepidava, pairava nos píncaros da mais excelsa vibração. Dentro de mim, no templo de minha consciência, uma prece era feita, levantava-se e oferecia-se a Brama. Todo o meu ser era uma só vontade – viver para ser útil, para encaminhar irmãos aos mesmos supremos gozos de espírito!

Nestes últimos trinta e cinco anos, em virtude dos serviços prestados por aqueles nascidos para tal, verdadeiros missionários da Verdade, agindo sobre a tangência das falanges destes lados, o Espiritismo se expandiu formidavelmente. No extremo Oriente, por falta de instrumentos humanos, pouco se pode fazer, motivo esse de terem deslocado para as bandas ocidentais milhões de servidores, de espíritos conscientes.

O numeroso agrupamento ao qual pertenço, também se ocupa intensamente nas plagas ocidentais. Com o advento das duas últimas guerras, forçando a humanidade a desgastes e a precipitações, muito aumentaram os nossos serviços. A crueza de algumas ideologias, e a insanidade de alguns movimentos, procurando minar as bases do edifício religioso, deram-nos trabalho e muitas horas de angústia. Se temos o que dizer aos homens, em matéria de doutrina, temos ainda mais que alertá-los em face de certas atitudes que implicam em depor contra Deus e contra as verdades espirituais, desalojando da criatura o fermento sagrado da fé.

Todos os crimes contra o sagrado bem do espírito não ficarão impunes, disso temos a mais absoluta certeza. Quem se aplica em chafurdar consciências no materialismo, nas garras do animalismo brutalizante, que não espere outra recompensa, que não seja a dura paga. Ninguém

trairá impunemente o sacrifício dos Grandes Reveladores. O sangue do Cristo derramado à guisa de imortal lição, jamais se transformará em objeto de manobras politiqueras. Muito antes que o homem tivesse necessidade de cogitar dos interesses subalternos da Vida, através de ideologias materialistas e inimigas de Deus e do espírito, já era espírito e tinha por direito supremo ser filho de Deus!

Muito trabalho nos dão aqueles que pretendem resolver os problemas humanos a custa de negar o que é inegável – a Verdade que é Deus! E se para tanto atraem as mais negras legiões, arrancando-as dos abismos da sub-crosta, por certo que essas companhias terão por turno, quando deixarem os despojos físicos.

Assim é que fomos trabalhando, agindo, organizando e servindo, ora para cá, ora para lá; vários já são os ambientes em todo o extremo Oriente, onde se fazem reuniões francamente espíritas, onde se semeia, onde se colhe, pois a consoladora obra é pródiga em benesses espirituais. Confortam-se os corações, fortalecem-se os espíritos, levantam-se os ânimos. A sementeira budista rende em frutos de alto poder nutritivo, uma vez aplicada a bem da Revelação ostensiva. Há muita falta de obras instrutivas, razão porque a disseminação é lenta; mas, ainda assim marcha lenta e segura aquela maneira de reunir que era a dos Apóstolos do Cristo. Lentamente, sim, mas o Pentecostes se alonga pelas terras da Índia, sem que a maioria dos cultores saibam do seu porquê.

Com a morte de Gandi, vivido espírito e bem tramado na vasta feira dos Budas, grande impulso ganhou a batalha revelacionista, prolongamento daquele sistema ensinado por Paulo no capítulo quatorze da Primeira Carta aos Coríntios. O grande abnegado chefia, com alto grau de autoridade, o movimento que tende a se espriar por toda aquela parte da Terra, assim como outras partes estão sob chefia de outros grandes espíritos, que por sua vez estão sob a égide da Diretoria Planetária.

De grande esplendor foi a reunião onde Gandi recebeu a incumbência de orientar o movimento renovador. Achavam-se presentes os mais vividos espíritos do planeta, as maiores autoridades em trabalhos de variada ordem e monta. E como não podia deixar de ser, em virtude da grande significação histórica, estiveram presentes Jesus e seu Grupo de imediatos diretos. Embora estivesse distante, pois a reunião teve por teatro uma vastíssima região da décima quinta esfera, pude ver alguns dos Grandes Reveladores. Estiveram presentes, também, muitos espíritos encarnados, aqueles que se acham em trabalhos missionários e que no momento estavam em condições de fazê-lo. Houve momentos em que a ESSÊNCIA DIVINA, Brama ou Deus, com tanto ardor fora referida por alguns dos Grandes Arautos, que a Sua Divindade refulgiu acima de nossas possibilidades de visão. Ficamos sem ver, ofuscados pelo Brilho Divino, mais de uma vez. E a simples recordação desse maravilhoso e inolvidável acontecimento, em todos momentos nos torna feliz, inenarravelmente feliz, porquanto esta felicidade não se parece com aquelas que podem ser discernidas e ventiladas pela linguagem humana.

Finalizando o meu relato, rendo graças por tê-lo feito, mormente a convite de quem o fiz, a cuja grandeza muitos serviços todos nós devemos. Com o meu acento doutrinário budista, em virtude de muitas vidas curtidas na Índia, rendo no entanto o meu preito de respeitosa homenagem a todos os Grandes Reveladores, embora alguns tenham sido fracos e outros tenham feito concessões a conceitos e pré-conceitos nada edificantes. Aos maiores e menores a minha gratidão, pois se os erros são por conta da inferioridade, não é certo que os acertos representam as virtudes divinas, que residem na criatura? Acima de cogitações, no ápice da escala hierárquica e topo da Autoridade, ali se encontra o Cristo Planetário; a Ele aqui deixo patente a minha inferioridade e o meu desejo de servir. Que me permita servir na Índia, pátria de tantos dias de berço, de venturosas esperanças, onde os meus descendentes ainda vivem e esperam dias melhores. A Brama, o SAGRADO PRINCÍPIO, de quem somos todos partículas manifestadas, digo apenas que seja feita a Sua Divina Vontade, para que a humanidade venha a presto ser mais feliz.

Aos homens, meus irmãos em origem e finalidade, já recomendei no curso do relato o culto da Lei da Revelação. É a chave da vitória, pois encerra a garantia de Jesus, de jamais ser vencida pelas portas do Hades.

SEGUNDA PARTE
CONSIDERAÇÕES DE ANANDA

Não venho de alta esfera, nem de subidos postos, a fim de me articular com o relato de quem se apresentou como Raul, do mesmo modo como poderia ter-se apresentado com milhares de outros nomes, por ser muito mais vivido, bastante mais experiente dos bancos carnis e de suas conseqüentes aplicações.

Verdadeiramente, para quem apenas possa encarar a espiritualidade do ângulo estreito de uma só romagem carnal, muita possibilidade há de engano, de falhas nas aplicações analíticas, por mais que se esforce a prol do melhor juízo; outro tanto, porém, não deverá acontecer, para aquele cujo farnel espiritual se apresentasse cumulado de verdadeiro cabedal informativo. A carne, ou todo aquele contingente que lhe forma o séquito chamado personalidade, que normalmente engloba todos os fatores, a começar no intelecto e a terminar no labirinto da contextura psicológica, soe trair, muita vez, até mesmo ao mais policiado indivíduo.

E surgem, então, presunções do mais descavalgado e estapafúrdio estofo, o simples pardal se acredita altaneiro condor, pretende ver tudo bem do alto, arroga-se a medir os mais formidáveis acidentes pelo prisma dos mais decisivos e uniformes contornos. Assim como são vistos do alto os acidentes geográficos, reduzidos a simples e sumidos pontinhos na vastidão do painel geral, assim mesmo se acredita capaz de o fazer, o presumido, ao encarar o complexo dos fatos hierárquicos espirituais.

Não lamento apenas por mim; faço-o por todos aqueles que se julgam mestres e que ainda não conseguiram ser bons alunos. O número deles chama-se legião. Sua infeliz ação se estende pela face da Terra e cobre vastas ações demográficas, espargindo erros e causando lesões profundas. Eles aumentam, pelo triste exemplo, o número daqueles que se fazem corolários de suas nefastas gestões; eles roubam irmãos ao Céu, eles os metem nas garras da falha presente e das desilusões futuras. Passam adiante o veneno ardiloso e sutil, que se chama vaidade, convencimento, orgulho sectário, etc., coisas que passam por conhecimentos seguros e conquistas imorredouras, virtudes despertadas que os alçarão aos píncaros celestiais. Valem por fábricas de blasfêmia, pois todo aquele que pretende dispor da Justiça Divina, ao bel-prazer das suas concepções vaidosas, nada mais faz do que blasfemar. É obrigação do homem ser simples e humilde, e tanto mais simples e humilde, e tanto melhor servidor, quanto mais se acredite superior em conhecimentos verdadeiros.

Esse triste mister, porém, ao qual se entregam milhões de seres, por se julgarem rematados conhecedores de filosofias deístas, ou recamados cultores de pensamentos e práticas tidas como vitoriosas, isso é apenas blasfêmia. Tremenda lição a do Cristo, quando respondeu que “bom” só Deus o é. Não que Se tivesse em conta de ruim, mas sim para deixar exemplo de humildade e simplicidade. Isto é, que se mantenha o homem na linha correta de ação, humanamente comportado, tenha lá a soma que for de conhecimentos e faculdades despertadas, deixando o balanço final de seus méritos por conta daquela Justiça que não sofre isenção de plenitude.

O mundo terrícola, por estar ainda no período transitivo, entre a mais recalcada idolatria e os primórdios do verdadeiro culto espiritual; por estar emergindo agora do profundo lago das feticharias e das mais ridículas superstições, está realmente abarrotado de pretensos santos e fazedores de santos, embora uns e outros nada saibam de sua encarnação anterior. São criaturas que tomam, aberta e inadvertidamente, os mais presumidos títulos, as mais avançadas prerrogativas, objetivando os mais sérios e difíceis problemas, pelo prisma de sua mais leviana e insensata

concepção. Como deixou patente o Cristo, não saberiam acrescentar um côvado ao seu tamanho material; mas sabem julgar a Suprema Lei pelo ângulo errado e infeliz de sua morbidez sectária e vaidosa, arrogante e blasfêma.

Eu falo com plenitude de autoridade. E se estivesse no plano carnal, cultivando um ronceirismo qualquer, tido e havido por religião e que, infelizmente, de religião só tem o nome, poderia acrescentar, defendendo o direito do erro, que cada um é religioso como quer e pode. É a mínima defesa para o máximo dos erros, de vez que o testemunho do verdadeiro culto espiritual é o amor entre irmãos, e disso bem pouca gente faz questão de entender e cultivar. Como pode ser que uma sociedade verdadeiramente religiosa comporte guerras, roubos, calúnias, adultérios, maledicências, vícios de variantes ordens e fraudes em todos os quadrantes de aplicação humana? E não se diga que um número mínimo impõe condição à totalidade humana; a verdade é que infelizmente, mínimo é o número daqueles que buscam acertar o passo pela diretriz divina.

Eu, por exemplo, quando Ananda, completamente entregue ao enlevo místico decorrente dos ensinamentos búdicos, decididamente envolvidos pelos arroubos nirvânicos, sem conhecer patavida do meu passado, de minhas vidas esparramadas pelo crivo de atividades as mais diversas, dava-me a pensar como liberto, como integrado em Brama. Deixava que, absolutamente solta, perfeitamente livre, cantasse no meu íntimo o dobre final das vidas carnis. Para mim, então, só restava chegar a hora final da separação completa, da perda até mesmo da **individualidade**, pois essa é que era a minha concepção pessoal.

No entanto, como lêstes, tudo foi por água a baixo, só restando impávida a certeza da imortalidade e a continuação dos mais graves problemas por solucionar. A morte do corpo reviveu o lume dos velhos e intransferíveis compromissos, embora o fizesse através de nenhuma explicação inicial. Tudo redundara em angustiosas expectativas e, por fim, naquela caminhada louca através daquelas planícies, pensando alcançar o mosteiro, para ali, num ambiente diferente, em meio às nuvens, forçar o Nirvana a se revelar, viesse de fora ou surtisse do íntimo de cada um de nós. Não posso negar que o Plano Superior tenha ingerido em nossas mentes, até mesmo forçado aquela caminhada esquizofrênica ou alucinada; mas posso afiançar o que tinha ele em vista, pois o recolhimento havido, com a chegada do mensageiro de Kassapa, nada mais representou que o encontro com a realidade.

Meu corpo de homem desencarnado feriu-se, dilacerou-se, fez-se uma pasta de carne, sangue e sujeira, tudo de permeio com bastantes lágrimas e lancinantes gemidos. De tanta mágoa, de todo aquele sofrimento, visando alcançar um posto mais propício à oração e ao recolhimento, porque eu tinha por certo que atingir o mosteiro seria alcançar o socorro dos mestres espirituais, de toda aquela espantada fuga restou apenas o reencontro com a fria realidade, com a história pura, em si mesma toda vincada, feita de altos e baixos, onde restava por fazer, como ainda resta, desbravar os sertões internos.

É permitido ao homem, apresentar desculpas, requerer prerrogativas, justificar enganos, erros e fraudes, perversidades e crimes; a Lei concorda em que se façam defesas pessoais de toda ordem e monta; permite ela que, pelo uso do livre arbítrio, e abusos concepcionais, apresente o homem a sua versão sobre todas as condutas que possa ter tido. O assassino, o ladrão, o caluniador, o idólatra, o mentiroso, etc., poderão explicar a seu modo os seus motivos e as suas justificativas; conseguirão vencer e convencer aos semelhantes, assim como a si próprios se hajam convencido. No entanto, como a Lei é Poder Equilibrador e íntimo a tudo e a todos, não é alheia ao que se passa e nunca será quem venha a recuar, deixando caminho livre ao chicanismo das inteligências pervertidas.

Que façam os homens tudo quanto entendam, enquanto no uso das liberdades relativamente conferidas pela Lei; que justifiquem seus erros e facilitem reproduções à vontade; mas não pretendam poder convencer ao Poder Equilibrador, qualificado como Lei, por ter sido revelado em forma de Código Intelectual. Farão marcha-a-ré todos quantos tenham errado, espontânea ou propositalmente; volverão atrás todos quanto tenham agido erradamente, simples ou maliciosamente, por interesses subalternos ou enganosos comodismos; hão de recalcitrar contra o

agulhão todos aqueles que tenham traficado com as coisas da fé, transformando o poder afetivo, de ordem espiritual, em comércio de fonte ou renda material. Quem jamais voltará atrás é a Lei, é o Poder que aciona a Justiça Imaculada!

Já disse e o repito – a humanidade terrícola mal está saindo dos cueiros supersticiosos e fetichistas. Há gosto pelo cultivo dos mais ridículos sistemas de aplicação religiosa. Jesus bem que ensinou a lição do vinho novo e do remendo de pano também novo... Deixou patente que a adoração a Deus deve ser em Espírito e Verdade... Enquanto passam os séculos e se repetem as palavras, continuam funcionando as guerras, os assassínios, os roubos, os adultérios, as idolatrias, etc. É que a superstição e a idolatria podem mais do que o Cristo interno, mais do que a Verdade que se acha sepultada no âmago de cada um! Porque Jesus, vivendo a divina função de Cristo, Paradigma ou Modelo, nada mais fez do que lembrar a todos a necessidade premente de libertação do Cristo interno.

Já foi dito, por outro relator, que Jesus não veio pedir adoração para si a quem quer que seja; veio avisar e lembrar a necessidade intransferível de libertação por evolução. Enquanto, no entanto, campeiam pelo mundo idolatrias sem conta, em nome do Cristo e a propósito do Cristo, também vicejam perenemente as mais abjetas condutas, como prova de que a corrupção tomou o lugar da virtude. De tudo quanto foi operado pelo Divino Mestre, e perseguido pelos Apóstolos, que resta, afinal, no seio das igrejas, das ramificações? E é necessário dizer que assim se passou com todas as Revelações?

Eu também venho de uma esteira longuíssima de vidas; contra mim, pesa no entanto, aquela infelicidade que pesa também na lombada histórica de milhões de milhões de irmãos terrícolas. Venho dos confins milenares, arrasto comigo um turbilhão de ações, mais ruins do que boas, algumas francamente hediondas.

Solto na vida, vencidos os planos inferiores, quando já ingressado no reino animal e penetrado na espécie hominal, embora sentindo ardentemente gosto pelas satisfações pessoais, não fiz desse fator natural, dessa lição de justiça comum, ou de exemplo espontâneo, aquele uso que devera ter feito. Pelo meu direito e pela minha razão, não correspondi em respeito pela razão e pelo direito dos semelhantes. Ultrapassei de muito a sanha instintiva dos animais inferiores; avancei como pude e o quanto pude na direção da vida e dos bens alheios, não respeitando sequer os laços de sangue e família. Fui cruel, extravasei a medida dos crimes repugnantes, daqueles que não devem ser contados.

E como forçosamente cria-se um lastro cármico, fui reencarnando e repetindo a tremenda desdita. O passado impele a ser recapitulado, impõe revivescência, chegando a realizar tremendas catástrofes psíquicas, por acumulação.

Quando Adão veio a Terra, migrado de outro rincão sideral, espargindo pela face da Terra novos horizontes progressivos, eu ainda rastejava, ainda esgueirava pelos baixios. Feito enorme e imundo animal, como só pode sê-lo quem esteja habitando os planos astrais imundos, eu rondava os mais tristes lugares, à cata das hediondas satisfações que a febre monstruosa impunha a desejar. Ninguém, pensando como queira, figurando a pior de todas as cenas, jamais conseguirá igualar aquele monstro que eu fui; muito menos ainda conseguirá lobrigar a febre, o vulcânico traumatismo psicológico de que me fiz vítima. Dentre as almas enfurecidas, tornadas hediondas pela corrupção íntima, nenhuma havia que me suportasse e quisesse enfrentar. Eu era o rei dos baixios, só a luz me vencia, porque de maneira alguma conseguia defrontá-la, por mínima que fosse sua apresentação.

A raça adâmica ou legião advinda, como era devido acontecer, foi penetrando a Terra toda, em toda parte onde alguém houvesse para ser mãe. A reencarnação, a sublime válvula redentora e evolutiva, prestou daí para cá os maiores serviços. A humanidade progrediu, Eva ou a raça primitiva recebeu um surto renovador que nunca mais cessou, ainda mesmo que considerando os grandes

fracassos históricos que há defrontado, as calamidades de variada ordem, humanas e telúricas, calamidades que, por vezes, fizeram mudar a feição geográfica dos continentes.

No fundo, eu não tinha nome algum; era apenas um filho de Deus, feito monstro por conta própria, por usar mal a sagrados direitos. Ananda, sendo recolhido e tratado, teve que rever o seu longo e tremendo passado. A visão retrospectiva, é bom assinalar, veio como recompensa, depois de longas expiações e ressomadas provas, um bem forçado curso de trabalhos difíceis, de grandes fracassos e angustiosas situações. Foram milênios empregados entre as mais bisonhas possibilidades de instrução, e sobretudo, encarando difícilíssimas situações; foi um lentíssimo arrastar de vidas cruciantes, muitas vezes apresentando lesões físicas monstruosas e torturantes, vagando pelo mar imenso das piores condições sociais, onde por tantas repetidas vezes saía da carne mais agravado.

É deveras desconcertante o juízo feito no mundo, pelos que encaram até mesmo respeitavelmente o problema do espírito, quando conceituam sobre as questões de ordem judiciária. Julgam que alguns rogos de perdão, acrescidos de algumas expiações, com outras tantas provazinhas, tanto bastem para resolver o problema, tudo resolvam, remetendo o espírito aos mais cariciosos e oportunos cometimentos evolutivos. Assim não é e nunca foi. De fora não aparecem mistérios e nem milagres que desmanchem sequer os menos vinculados erros; tudo fica adstrito ao problema rigoroso das soluções individuais. E acima de todo esse rigor judiciário, pois dispositivo algum fundamental é menos de ordem universal, acrescenta-se ainda o fato de alimentar tendências criminosas e viver nos piores meios.

O Céu convida ao Céu e a treva a ela atrai! Nem poderia ser de outro modo, de vez que o mau uso das liberdades e dos poderes já despertados, de modo algum poderia ser recompensado com aquelas felizes oportunidades que cabem somente aos de boa índole e realizações. Há lei no fundamento de todos os fenômenos; e é respeitável aquela que força no sentido natural por especificação, isto é, que faz pesar sobre o presente o embalo do passado. Felizes, pois aqueles que para si mesmos criam as melhores situações. Amanhã, e também pelo futuro em fora, certamente encontrarão em si mesmos, aqueles nobres sentimentos, aquelas felizes tendências. Eles terão aumentados os seus quinhões de oportunidades e realizações, por terem forjado um psiquismo harmonioso. Ai daqueles, no entanto, que se prenderam aos enleios das trevas! Ai deles, porque desmanchar essas ligações íntimas é profundamente difícil!

Resgatar faltas é penoso e trabalhoso; progredir em pureza e sabedoria não é programa para algumas centenas de anos, mas para milhares deles; ter que ajustar contas com a Lei, e trabalhar pelo despertar das vidas supracitadas, é por certo um problema consideravelmente longo e penoso, é uma equação que reclama tremendos esforços e pertinazes lutas, ainda comportantes de não poucas falhas, em função daquele traçoeiro lastro infelizmente criado. Costuma-se dizer que o espírito está sujeito à lei dos fluxos, seja para significar a de reencarnação, seja para objetivar a de recalques. Pura verdade, simples verdade, tremenda realidade específica!

Ao defrontar a visão retrospectiva, como Ananda, depois de recolhido, e quando ainda respirava pretensões liberticidas, união feita com Brama, foi terrível, foi esmagadora a derrota íntima sofrida. Eu pensava, de mim, na pior das hipóteses, coisa melhor, muito melhor. No entanto, aquelas últimas vidas passadas ou vividas em contato com o misticismo búdico-hinduísta, nada mais fora do que afortunada oferta do Céu, conseguida a custa de tremendos esforços, a fim de que pudesse haurir, em ambientes altamente saturados de superiores vibrações, aqueles elementos de ordem psíquica, aquelas forças energéticas de que tanto necessitava, e das quais o mundo ocidental era pobre ou miserável, pois nele reinava o terror vaticânico, a desbragada e sanguinária política que Roma derramava sobre as terras ao seu redor, através da Igreja que, sendo corrupta, ou traindo a constituição contra o Batismo de Espírito, pretendia passar por igreja do Cristo e tudo fazia para se impor.

Vi-me, por algumas vezes, ostentando o cetro da autoridade na Europa dos séculos que antecederam ao descobrimento da América; e como havia sido rei no império das trevas, sempre me sentia apto a mandar, não temendo apelar para todo e qualquer meio ao alcance, desde que servisse à conquista ou colimação em vista. Depois de mandar para sustentar o posto, redobrava as mais

cruéis façanhas. E foi assim que cheguei a me reconhecer na personalidade famigerada de um dos mais sanguinários pontífices.

Descido aos baixios, sofri horrores e terrores, sorvi a lama feita de sangue e tantas outras imundices; colhi, apenas, como de outro modo não poderia ser, na razão direta da obra levada a termo. Tudo tremendamente inenarrável, mas apenas justa reação da Lei. E não tive como ser rei das trevas, como antanho acontecera, porque desta feita era mais diretamente responsável, havia cometido faltas em nome da Virtude, em nome da própria Lei!

Tinha sede, tinha fome, e era cego, completamente cego. Apanhava e comia, e bebia, assim como acontecia encontrar; saboreava e descobria que bebia sangue e a outras matérias apodrecidas e imundas!

Passaram-se anos, dezenas de anos, até que vi ao longe um quase invisível pontinho luminoso. Nas trevas de mim mesmo gozei o frenesi de ter recuperado a vista; na tragédia infernal houve tempo de passageira alegria. Fiz os mais indizíveis esforços, devorei todas as oportunidades de ação recuperadora. Ergui ao Céu os restos da mente, chorei e gemi com os últimos fiapos do coração. Nada mais acontecia, tudo era apenas um pontinho luminoso muito ao longe, lá nos confins da espessa e profunda treva.

Caminhar, foi então a medida a ser posta em execução. Tempos transcorreram, dezenas de anos, mais sempre envolta a mente pelo desejo indomável de vencer, de alcançar o pontinho luminoso. Deixei pelos socavões trevosos, e pelos espinheiros aparentemente sem fim, e através das areias escaldantes, bicas de suor e pedaços de carne... Semeei os abismos com lancinantes gemidos que partiam dos incomensuráveis recônditos de meu ser espiritual... Não era mais o intelecto a clamar, era o imo espiritual que rogava o direito de vencer... E como rogava, irmãos!

Houve mais luz, um dia, na presença de minhas ânsias de vencer. Qual faminto ser e sedento andarilho de tórridos desertos, caí de joelhos e derramei lágrimas de contentamento. Estava nu, e feito em chagas, mas havia cântico nas alturas de minhas doridas esperanças. Eu delirava e sentia desejos de dormir.

Dormi, esqueci tudo. Sonhei que estava perambulando pela nave de imenso templo, do qual só via chão limpo, sem nada; as paredes também estavam limpas, desnudas, puras... Eu sentia que o ambiente era puro, límpido, celestialmente absorvente, divinamente convidativo.

Chamaram-me pelo nome. Procurei atender, mas ninguém vi, por mais que olhasse para todos os cantos, para todos os lados. Aos poucos, no entanto, o templo foi se alargando, estendendo, crescendo. Ouvi que a voz vinha do alto, que possuía qualquer coisa de sublime, de místico sentido. Foi então que olhei para cima, que não me havia ocorrido fazer até então, deparando com a figura radiosa de Jesus, que lá do alto, do meio de legiões de seres felicíssimos, espargia Sua Luz sobre a imensa casa de oração. Senti a Sua força atrativa e fui para ela como que sugado, atraído. Sei que subi até certo ponto, sendo a seguir obrigado a estacar, e esse local onde estaquei, sabia ser por sentir, que correspondia à metade da distância que havia entre Jesus e o templo imenso.

Jesus me absorvia a mente e o poder emotivo; eu só existia para fitá-lo, como se nada e ninguém mais houvesse, capaz de merecer um resquício de atenção. Estava assim inteiramente entregue a Ele, quando vi que Seus lábios se moveram, enviando-me palavras que tardaram em chegar, tanto que me fizeram penar, pois me parecia não ser capaz de ouvi-las.

Já estava profundamente magoado, quando Sua voz musical me atingiu:

– Olha para o templo, vê onde está a minha igreja.

Com grande esforço desprendi Dele os olhos, tendo-os voltado para a Terra, à cata do imenso templo, cujas paredes eram tão limpas quanto o chão, e que crescera de maneira descomunal. Não o tendo mais encontrado no meio da cidade, nem pelos arredores, volvi meu olhar para cima, para Jesus, indagando:

– Senhor! Onde foi parar o templo?

Ordenou-me num tom infinitamente carinhoso:

– Procura-o, filho de Deus. Ele é a minha Igreja e nunca terá fim.

Olhei e vi a Terra, que girava sobre seu eixo, mostrando todas as cidades e toda a humanidade. Vi gente, não sei como explicar, de todos os tempos, de todas as cores, de todos quantos matizes históricos, geográficos, religiosos e civilizados se poderia desejar. Tudo foi num crescendo lento, mui lento, assim como se vai desenvolvendo uma semente, até se revelar como planta adulta. Reparei que era a humanidade da época, aquela que por fim se apresentou, estando mergulhada num marasmo sufocante, causando-me aquele angustioso mal-estar. Embora sentindo culpa, olhei para cima, em tom suplicante, mas sem articular palavra.

Tornou Ele a falar, sempre magnânimo:

– Meu templo é a humanidade, minha Igreja foi edificada sobre o Batismo de Espírito. Eis, no entanto, ao que a reduziram. Sem Revelação o homem deixou-se prender pelo materialismo; e tangido pelo materialismo, entregou-se a obrar contra a Lei, pelo que se encheu de culpas e agravos. Por motivos de ordem evolutiva, grandes motivos cíclico-históricos terão que ocorrer, movimentando as mentes e conturbando os corações. Minha Igreja, no entanto, jamais poderia ser vencida... Jamais poderia ser vencida...

Ele se afastava, envolvido pela nuvem de gloriosos seres, caindo eu em profunda tristeza. Comecei a gritar, a clamar, rogando que se não fosse de minha presença. Tudo foi inútil, porque lentamente se foi indo, subindo, subindo. Ao chegar em determinado lugar, a luminosa caravana estacou, transformando-se numa vastíssima multidão estelar, estando no centro Aquele que era Jesus; houve, então, uma clarinada nos espaços, uma ordem esquisita, pelo que presenciei uma chuva de estrelas sobre a Terra. Que estrelas!... Quem o diria em linguagem terrena?

A medida que a chuva prosseguia, caindo em forma de luz sobre a carne, a Terra se foi iluminando... Aqueles acontecimentos anunciados se foram sucedendo, muitos deles tremendamente danosos, mas não houve falta de luz... Aos que as desejaram, ela se fez encontrável e serviu como orientadora por entre as veredas tristes do mundo... Não cheguei a ver o dia de plena luz, porque acordei daquele maravilhoso sono, daquela benção celestial.

Ao acordar meus olhos queimavam, estavam ardentes, passando eu a esfregá-los.

– Que fazes? – ouvi dizer.

Olhei para o lado e vi um homem, muito alto, vestido à oriental, tendo todas as características de um indiano. Ele era belo, imponente, e o seu semblante refletia uma serenidade indefinível. Vendo-o tão bem, tão feliz, pensei nos meus dias de grandeza temporal, quando minha vontade significava morte ou vida, a ela se curvando imperadores, reis e povos. Eu sabia que ele nada possuía, eu sentia a glória de sua pobreza. Depois de alguns segundos, desci os olhos para mim mesmo, lembrando que estava nu e dilacerado, sujo e fedorento...

– Vais chorar? – indagou-me ele, com imensa bondade no tom de voz.

Pensei em Jesus naquela graciosa visão, e respondi:

– Não, meu querido irmão, eu não vou chorar; sei que estou nu e dilacerado, de corpo e de alma, talvez mais de alma do que de corpo, mas estou de algum modo, até bastante feliz. Tive um sonho... Que sonho!...

Pensamentos, simples e profundos pensamentos me invadiram a mente, pelo que o deixei de fitar, cerrando os olhos e mergulhando a inteligência nos foros da história, esquecendo mesmo do meu feliz visitante. Eu sentia em mim um delírio.

– Medita, medita, homem! – exclamou ele, num tom paternal.

Volvi a mim, abri os olhos e disse-lhe:

– É enorme a diferença, meu querido amigo... Eu sinto a sua amizade porquanto o seu olhar irradia paz e contentamento. É vastíssima a diferença!... Ele andou descalço, por vezes de sandália, tendo apenas, para vestir, a roupa mais simples e pobre... Nem sequer teve sobre o que reclinar a cabeça... E apelou para Seu precioso sangue, para o sacrifício próprio, a fim de selar o divino mandato... Ele viveu conforme Deus determinara!...

– Sim, viveu a Lei e Batizou em Espírito... – emendou ele, reticencioso.

Disse-lhe com toda a franqueza:

– Não se poderia admitir, sequer, em contrário, quanto ao viver a Lei. Mas com relação ao Batismo de Espírito, a falar com inteira franqueza, nunca pude entender semelhante coisa. Os dois primeiros capítulos do Livro dos Atos sempre me deixaram uma impressão de vacuidade. Nunca os tomei a sério, sem ser a respeito da ressurreição, do testemunho, da presença de Jesus, depois de crucificado entre os Seus discípulos. Mas o Batismo... Onde foi parar o Batismo?... E a Igreja poderia viver à procura de semelhante solução? Não está ela estabelecida sobre a fé, que sustenta os dogmas, que mantém os ritos, que determina os sacramentos? E, depois disso, não é imperioso manter o domínio, cuidar do futuro, estabelecer o princípio de primado, sobre todas as cogitações? Sem o nosso rigoroso serviço diplomático, em que redundaria a nossa autoridade? Ou iríamos abandonar serviços dessa monta, estruturados como estamos, para nos darmos a investigar o paradeiro do Batismo de Espírito?

Como ele se entregasse a menear a cabeça negativamente, consultei-o:

– Não estou com a razão? Eu sei que errei, por ter apelado para todos os meios, com o propósito de atingir certos fins. Mas, falando em nome da Igreja, não acha que estou pensando com justeza? Afinal, diga-me, quem pensaria em garantir a Igreja, se ela se abandonasse ao critério dos imperadores, dos reis e dos potentados? Não deve ela exigir o direito da suprema autoridade?

Quando fiz silêncio, comentou ele, sempre em tom paternal:

– Qualquer discussão, no momento, seria nula, em vista do rumo que deve tomar, por determinação superior. Vamos antes, tratar de outra questão?

O seu todo refletia serenidade, segurança e amizade; por isso, confiei-lhe:

– Sua vontade é para mim uma ordem. Eu já disse que lhe sinto a grandeza de alma. Fale, portanto, pois eu nada posso compreender dos rumos a tomar.

Entregou-me um belo manto, peça com a qual cobria a sua vestimenta, ordenando:

– Cubra-se e ponha-se a vontade.

Feito isso, convidou-me:

– Vamos para bem longes terras?

– Meu amigo, eu nada sei a tal respeito. Que poderia dizer? Que terras seriam?

– A terra indiana, a minha pátria de tantos milênios, onde os rios e as montanhas, os lagos e as planícies irradiam o misticismo recalcado pelos grandes espíritos que os viram. Ali terás algumas oportunidades de experiência, várias encarnações, com o que te poderás livrar da triste embalagem cármica adquirida. É uma grata oferta do céu, não a queiras desprezar.

– És um espírito de Deus, sem dúvida.

– Sou realmente um espírito de ordem. De Deus todos o somos, mas nem todos e nem sempre cultivamos judiciosamente as devidas liberdades. É por isso que lhe convém aceitar carinhosamente a oferta; poderá mudar, no curso de algumas vidas, o tom da própria personalidade, construindo um caráter psíquico favorável às melhores realizações...

Olhou-me com rigor, com acentuada gravidade, afirmando:

– Não fui mandado a fim de acusar-te, pois que a cada qual acusa a própria consciência; desejo saber, apenas, se queres iniciar um rigoroso programa de recuperação. Caso contrário, voltarás aos baixios, o que será desagradável para ti, não o sendo menos para os seus amigos e familiares...

– Amigos e familiares?! – interrompi-o.

– Sim, pois sempre teremos amigos e familiares. De que te admiras?

– Tem razão. Sempre teremos amigos e familiares... Mas onde estão eles? Na Terra ou no Céu? Há quanto tempo deixei a Terra?

Ele era muito mais alto do que eu. Como tal, pousou sua mão direita sobre o meu ombro esquerdo, convidando:

– Importa saber e tomar a melhor iniciativa; por que perder tempo com minúcias ou especificações que ora nada poderiam produzir?

– Eu já disse, meu amigo, que a minha vontade será apenas o reflexo da tua.

Sorriu e disse-me:

– Estamos entendidos. Já que estás na face da Terra, pois vieste subindo lentamente, dolorosamente, dos abismos da sub-crosta, vai dizendo adeus a estas plagas, pois antes de alguns cinco séculos não as tornarás a ver. Há milhares de anos que tens nascido e renascido na Europa; e tens acumulado débitos fantásticos, culpas tremendas. Agora irás renascer na Índia, para viver pobremente, misticamente, simplesmente desejando unir-te a Brama, que é como ali chamam a Deus, como te é de inteiro conhecimento.

Surgiu em mim um pensamento, ao qual procurei repentinamente refutar, mas que a ele não escapou, tendo-me dito:

– Não foi o Cristo que falhou, nem o teu Deus, pois um só é Deus, seja o de quem for, tenha lá o nome que tiver. Muitos homens no entanto, hão falhado terrivelmente, por fazer aquilo que contraria a Lei. Mas, vamos embora, que eu tenho outros compromissos a executar.

– Compreendo... Realmente, fala-se muito em Deus, mas tudo não passa de palavras. Não cessam as brigas nem as guerras! Todos querem aquilo que lhes não pertence... Quem porá fim a isso?...

– A vida, simplesmente a vida, porque é através dela que todas as leis e todas as virtudes tem seguimento. Tu, por exemplo, para que irás viver noutros ambientes? Não é para modificar o carácter, aos poucos, mui lentamente?

– Eu quero mudar. Leve-me daqui, por favor.

Deu-me ele a mão, convidou-me a orar, e subimos um pouco, alguns metros acima do solo. Foi assim que atingimos a Índia, vendo tudo quanto podíamos alcançar, pois a viagem foi relativamente lenta. A Europa ficou para trás, principalmente Roma, a quem vi tomado de tremenda aflição, possuído de repelões íntimos cruciantes.

Era a primeira vez depois de muitas dezenas de anos, que eu podia admirar uma paisagem e sentir-me feliz. E que paisagens se foram revelando!

Ao atingirmos uma cidade indiana, talvez a mais antiga, avisou-me o bondoso mentor:

– Conserva em mente esta advertência – foge das cidades grandes. Pelo menos faze isso, por alguns séculos, até que se controle nos ímpetos de mando, pois do contrário poderias recapitular velhas manobras, cedendo ao imperativo dos recalques característicos, vindo a fracassar novamente. Lembra-te que deve grandes somas à humildade e à simplicidade, cujo resgate poderá ser feito somente a custa de renunciar aos desejos de superioridade e mando. Para vir a mandar bem, um dia, terás que te preparar na escola da obediência correta e espontânea.

– Temo a mim mesmo; não serei auxiliado?

Já havíamos pousado, num lugarejo distante, um belo rincão, a essa altura; e o bondoso servo do Senhor obtemperou:

– O Céu jamais abandona a quem quer; mas infelizmente, a criatura se abandona aos piores procederes. Entre o Emanador e o emanado, a esse respeito, paira o sagrado direito de livre arbítrio relativo; se por usá-lo mal, alguém se entrega a criminosos atos, de quem a culpa?

– Sabemos que não cai uma folha de árvore sem que seja da vontade de Deus. A providência devia intervir, poderia fazê-lo...

Interrompeu-me ele, prontamente:

– Desejaste isso quando estavas na Terra, tendo poderes de vida e morte sobre milhares de criaturas, quando movimentavas a máquina política através da cruz? É ou não certo que te julgavas justo, livre de autoridade legal e de fato, pela vontade de Deus, sem dar a menor importância ao consenso humano? Demais, caro irmão, a Providência se incumbem de fornecer elementos de missão, prova ou expiação, conforme o espírito reclame e possa-lhe ser concedido. Quanto ao mais, depois de haver-lhe colocado no posto desejado, e na condição ideal, o restante cumpre ao agente funcionário. É certo que, nalguns casos, quando a ação de alguém pesa rigorosamente sobre vasta porção de inocentes, pode haver interdição por parte da Providência. Mas saibamos, esses casos são bem raros na Terra, onde a humanidade faz confusão em tudo e para tudo, cultivando o ideal

religioso de parceria com os mais repelentes procedimentos. Chefes e chefiados, senhores e escravos, mestres e alunos, todos partilham do infeliz banquete da corrupção. E é, então, quando a função de viver se torna para todos afluente, concorrendo esse estado de coisas para aumentar a possibilidade de fracassos.

Cessou a fala, olhou-me com vera piedade e aconselhou-me:

– Em qualquer função é possível o exercício da humildade e da simplicidade. O exemplo de Jesus foi integralmente lapidar, não foi? Pois vive, de hoje em diante para esse fim. Já te disse a respeito dos familiares e amigos, se te aprouver desejar a reabilitação, e trabalhar com afinco por ela, podes estar certo de que muitos serão aqueles que podem auxiliar, que desejam fazê-lo. Caso contrário, é bom saber, ficarás sujeito às vibrações inimigas, isto é, daqueles que te tributam terríveis anseios de vingança.

– Compreendo, bondoso amigo.

Ele abanou a cabeça, sorriu levemente, para observar:

– Em parte, realmente, podes compreender; mas é difícil compreender totalmente a um programa que abarca vasta gama de complexidades. Para ser breve, pois o tempo urge, leva em conta apenas este ângulo da questão – se em condições normais é difícil a conquista do império íntimo, quanto mais não o será partindo de situação gravosa e tendo no encaixe elevadíssimo número de irmãos trevosos e entevados, que clamam por vinganças as mais hediondas?

– Lembro-me do que ocorreu com o perseguidor Saulo... Duro é, em verdade recalcitrar contra o aguilhão!

– Tua melhor medida será esta – pobreza, simplicidade, humildade. Pensa pouco, esquece o passado, mergulha no absorvente misticismo que emana destas plagas, desta gente, desta terra, dos rios e dos lagos. Sempre que puderes, estejas certo, voltarei para inspirar-te um salutar pensamento...

– Sofrerei tremendamente com a tua ausência. Faz dezenas de anos que não vejo alguém, um simples ser humano normal... E você é um espírito de Deus, é um devotado servo do Senhor! Que pensamento será esse, bondoso amigo, que me virá inspirar?

Ele se mostrou grave, de cenho contraído, murmurando:

– Antes devias indagar porque te devo essa obrigação...

– Obrigação?! Pois eu não o reconheço, não me lembro de tê-lo jamais visto.

– De fato, nunca me viste. Nem seria capaz de atinar com a realidade; mas se as feições históricas mudam, e também tudo quanto é exterior e passageiro, certo é que a essência continua. Eu estou lá para trás, tu estás mais próximo do presente... Eu ajudei a corromper o Caminho do Senhor, como era chamado então o Cristianismo, no tempo em que as reuniões eram feitas nas casas e nas catacumbas, precisamente daquele modo que se acha exposto no capítulo quatorze da primeira carta de Paulo aos Coríntios; sem vestes fingidas, sem cleros quaisquer, sem explorações, sem políticas, sem inquisições, sem essa terrível avalanche e erros de todo jaez. Eles, os cristãos, cultivavam o Batismo de Espírito, a Revelação entre os dois planos da vida... Nós pusemos fim...

– Você? Mas se está feliz, sereno, maravilhoso!...

– Deram-me em seguida aos tormentos horríveis por que passei, como vem de acontecer a ti, o mesmo remédio que agora te ofereço – reencarnar na Índia, nas mais humildes condições, tudo fazendo para esquecer os sonhos de grandeza. Custou esforços longos, duras provas e bastantes revoltas íntimas; todavia, consegui um bom quinhão de paz, tendo por acréscimo um bom lucrativo serviço. Tenho feito isso a centenas de outros. E muito me compraz auxiliar aqueles que tenham errado muito, por seguir a trilha infeliz que ajudei a estabelecer, contrariando os desígnios do Senhor.

– Quem o diria!...

– Exterminar o Batismo de Espírito foi eneguecer a humanidade. Minha tarefa no entanto está finda junto a ti, por hoje e por algum tempo. Aí vem aquele que deve encaminhar-te.

Ele apontou com os olhos. Olhei e vi um outro indiano, tal como ele em altura e compleição geral; porém, como bem se percebia, era-lhe bastante inferior em hierarquia. Chegado estoutro, fui

apresentado, tendo o primeiro feito a sua despedida. Uma curtíssima, porém profunda amizade a ele me unia, de maneira que sua despedida comoveu-me até às lágrimas.

Pelo novo guia fui conduzido, penetrando em um verdadeiro casebre.

– Será filho desta gente, compreende? – disse-me ele, significativamente.

– Compreendo um pouco, meu amigo. Mesmo que não compreendesse bastante, fácil seria conceber assim – as graças vêm do Céu, partindo dos homens as mais infelizes trunçações e aviltamentos. Portanto, seja como for, quero amar este sagrado desígnio do Senhor. Reconheço a íntima necessidade da mais premente e radical renovação de caráter; e considero verdadeiramente, que me estão a indicar a trilha justa.

Ali estavam presentes, aqueles que me serviriam de pais e irmãos, aqueles que me recomendariam perante o novo ciclo, com sua indumentária paupérrima, como párias sociais.

Fui preparado até chegar o dia de reentrar nos domínios carnaís; e muitas coisas aconteceram na Terra e à humanidade, desde então, conforme sabeis que se deram nesses últimos quinhentos anos. Duas vidas foram longas e três relativamente curtas, mas sempre curtindo espinhosa pobreza. Não digo que me tenha portado da melhor forma; afirmo que tentei vencer, até mesmo apelando para alguns recursos menos lícitos. Todavia, nunca pude triunfar, porquanto de mais alto estava destinado a ser assim. Rendo graças ao Céu, por ter sido assim como o foi, pois consegui amealhar vantajoso pecúlio místico, e acima de tudo o que mais importa, sem formalismos nem idolatrias.

É verdade que acabei decidindo pela vida monástica, julgando que a união seria feita pelo princípio já exposto na parte que coube a Raul relatar, e que ainda é aceito por milhões de crentes orientalistas. No entanto, fica bem lembrado, se a união total reclama muitas outras atividades e realizações, pois o problema do Céu é deveras complexo, nem por isso deixam aqueles cultos de sanear certas mentalidades poluídas. Eu, por exemplo, consegui a reforma desejada e necessária, ficando a seguir sujeito a nova determinação. Enquanto, porém, não foi vencido o tempo de provas necessárias, nada nos foi observado, em nada encontramos percalços. E não é assim para todos os efeitos? Todos os fenômenos não se apresentam comprovando a lei dos ciclos sucessivos? Tudo não é por ordem de escala?

Aqueles monges apontados só passaram por aquela rebordosa na hora justa, ao ser reclamada uma nova ordem de compreensão e atividades; fora a lei do progresso a bater nas devidas portas, forçando seus habitantes a novos encargos evolutivos. Verdadeiramente, embora seja Deus um só, por quantas formas tem sido conhecido e adorado? E não é certo que existem modos de culto que valem por verdadeiras pagodeiras, obras de ridículo e até repelentes? No entanto, todos entendemos esta lição – quando não é por mal, nem por exploração, tudo pode ser tolerado. O mal está na malícia, no esbulho, na corrupção proposital. Jesus não incriminou aqueles que não podiam crer de modo superior; Ele incriminou aqueles que, ficando nas portas do conhecimento, nem entram eles mesmos para progredir, nem deixam entrar aos que poderiam fazê-lo. Isso Ele disse dos mercenários, dos que fazem da fé um comércio ou meio de vida, gente que tudo faz para manter regalias e comodismos, validades e prerrogativas mundanas à custa da fé dos semelhantes.

Quando a visão retrospectiva findou, em sua terceira etapa, pois fora vista em três fases, eu estava mergulhado num misto de alegria e amargura, num esquisito bem e mal estar. Fui endereçado a um local maravilhoso, onde comecei a ser visitado pelos outros monges, principalmente por Raul, que algumas vezes vinha acompanhado de novos amigos. Aos poucos, no entanto, foram desaparecendo as velhas amizades, por terem que assumir diferentes compromissos; ao mesmo tempo, novas amizades foram sendo feitas, continuando, como sempre o será, a vida e seus imensos fenômenos conseqüentes.

Quando estava recuperado o suficiente, isto é, quando Ananda podia locomover-se à vontade, e a bel entender pensar, do melhor modo, enviaram-me a fazer um curso bíblico, a fim de conhecer o Cristianismo, mas em bases puras, sem corrupção. A parte histórica pouco importou; foi-me recomendado observar com rigor a parte Moral e as questões atinentes à Revelação.

O instrutor chefe acentuou:

– Cinja-se ao fundamental, isto é, preste atenção a tudo que diz respeito à Lei e à Revelação.

Tempos depois, quando estava regularmente instruído, indagou-me:

– E então? A que conclusão chegou? Não quero que me repita as lições, assim como foram ministradas; quero o seu pensamento, desejo de si o extrato das observações e a sua mais franca opinião pessoal.

Por essa altura, eu já havia aprendido bastante sobre a importância da simplicidade, e dos respetos devidos àquelas amizades puras, sem falar no carinho com que se encaram, nas zonas felizes, os problemas da autoridade.

Respondi, portanto, consoante a minha mais rigorosa sinceridade:

– Meu prezado mentor chefe, a Bíblia inteira dos cristãos ensina isto, a meu entender:

a) Que a Lei Moral escrita, transmitida pelos anjos ou espíritos, conforme se lê no Livro dos Atos, capítulo sete, verso cinquenta e três, faz referência a um Supremo Poder, que é intimo a tudo quanto é emanado, seja visível ou invisível, orgânico ou inorgânico, espiritual terrestre ou espiritual celestial;

b) Que o ser humano, por ser inteligente, encerra o poder de acionar a esse Supremo Poder, através de suas obras, sendo o integral responsável pelo que vier a colher, seja onde for e em qualquer tempo ou local.

– Muito bem, está inteiramente certo no que concerne à Lei. Diga-me agora, o que aprendeu sobre a Revelação.

– Sobre a Revelação, bondoso mentor, digo isto:

a) Que jamais faltou, em tempos quaisquer, pois o Gênese, em seu profundo simbolismo, reporta-se aos primórdios da raça humana relativamente consciente;

b) Que através dela foram vindas todas as instruções necessárias à humanidade;

c) Que Jesus veio ao mundo para sobre ela edificar Sua Igreja.

Finda a minha exposição, fiquei a mercê de sua palavra; ele, entretanto, voltou a perguntar:

– E onde está semelhante Igreja?

– Sei, bondoso mentor, que está restaurada no mundo. Tudo se passou conforme as palavras de Jesus, o Seu edificador. Portanto, assim como foi corrompida pelos homens, assim foi restaurada, em tempo, pelo Céu; isto é, o Céu enviou à Terra os missionários da restauração. E, consoante as lições recebidas, um longo trabalho preparativo houve de mister, antes que se desse a eclosão mediúnica, que, para ficar bem expresso, valeu por um Pentecostes de amplidão quase geral. Creio mesmo, pelo que dizem aqueles que vão à Terra, em função de assistência e de Revelação, que, em face da intensidade com que se espalha, no seio dos mais diferentes povos, sua característica é a ordem geral, é toda a carne, conforme a profecia antiga, aquela feita através de Joel, capítulo dois, versos vinte e oito e vinte e nove.

– Está na vereda certa – afirmou ele.

– Pudera! Tendo semelhantes mestres, e largando o livro bem poucas vezes durante meses a fio, como não aprender?

– Muito bem; quer ser um servidor do Batismo restaurado? – ofereceu ele.

Exultei, é claro, respondendo:

– Bondoso mentor. Como pode ser que venha o sedento a repudiar a água que lhe oferecem?

Muita gente presente me felicitou, por haver sido indicado a servir na seara do Consolador. Do ponto de vista administrativo, porém, tudo foi obra de preparação com vistas ao futuro; o Plano Superior preparava, então, elementos para a hora que chegaria, quando tivesse que ser abalado o extremo da Terra, pelas vozes do mundo astral, tendo a frente, a capitaneá-las, a personalidade vigorosa de Gandi, para tanto indicada pelo Plano Diretor.

Voltas deu a Terra e muitas mais dará. Das palavras de Jesus, no entanto, nem uma só deixará de ter cumprimento. Muito menos ainda ficaria o Seu Batismo de Espírito sem restauração, sem avançar sobre toda carne.

Tempos depois, indagou-me lá nas alturas, uma luminosa figura, quando às margens do Ganges meditava nos milênios passados, naquelas almas que por ali fizeram trânsito, espalhando pela Terra a sagrada mística do Céu:

– Qual a Verdade que livra, servo do Senhor?

Cheio de gratidão, maravilhado pela gloriosa visão, pensei bastante e respondi, temendo errar:

– Toda a Verdade que vem de Deus, benigno mestre, é libertadora.

Ecoou pelos espaços, então, a sentença do grande Mensageiro:

– Em verdade, servo do Senhor, tudo vem de Deus, tudo tem uma só ORIGEM. Para o bom filho, entretanto, cumpre distinguir estas três obrigações:

a) Agir com toda a correção para com os seus irmãos.

b) Jamais transformar a fé em meio de subsistência.

c) Livrar-se de toda e qualquer idolatria pelo conhecimento da Verdade.

Quando a voz cessou, ficando nas alturas apenas o luzeiro imenso, disse eu:

– Sim, glorioso mestre, essas três obrigações devem ser distinguidas.

O luzeiro se afastou, sumiu na profundidade sem fim do espaço. Quando eu julgava estar só, foram se chegando multidões de seres, criaturas que haviam rogado, também, a oportunidade para visitar os lugares chamados sagrados, regiões recalçadas de sublimes eflúvios psíquicos, por isso mesmo transformadas em vertentes de irradiações maravilhosas.

À frente, vinha o relator da Primeira Parte, que se apresentou como Raul, mas que poderia dar milhares de nomes, pois é bem vivido espírito. Ao se avizinhar o grande irmão, perguntou-me:

– Satisfeito, Ananda?

– Muito. Quem seria o Mensageiro?

Sorriu e advertiu:

– Todos nós possuímos tais glórias em potencial, não é verdade?

– Justo. Somos Cristos em fazimento. Apenas devemos despertar os valores íntimos.

– Então, porque focaliza mais o Mensageiro do que a Essência da Mensagem?

– Tem razão, bondoso amigo. Mas enquanto a inteligência da mensagem é comumente universal e fria, de séculos conhecida, a glória de um elevado espírito reflete um pouco do SAGRADO PRINCÍPIO, de SUA DIVINDADE. É por isso que nos encantam e nos atraem. Viu como as alturas se encheram de gloriosa luz? Quem deixaria, quem poderia deixar de se maravilhar?

Abanou a cabeça e de novo acentuou, em tom conselheiro:

– Entretanto, cada um é direto responsável pela sua edificação; e sem respeitar as obrigações básicas de nada adianta admirar os fulgores celestiais. Sabemos o quanto podem ser estimulantes; mas não podem valer mais do que isso. E por ser assim, lembremo-nos, não chamou as atenções sobre si, mas sim mandou observar as regras básicas de conduta feliz. Quem é correto no trato para com seus irmãos, quem evita fazer da fé meio da vida, e quem tudo faz para bastante conhecer, não é certo que se prepara esmeradamente, que se desperta com precisão?

– Sim, é certo. No entanto, faz muitos milhares de anos que essas lições vêm sendo repetidas.

– Esquecidas e lembradas... De ora em avante, porém, com mais intensidade e rigor. A Terra está a vencer um dos mais penosos ciclos. Tudo será abalado, por bem ou por mal, por ter

soado a grande ora cíclico histórica. Ninguém deterá o Cristo, por ser Ele a Síntese Geral, a expressão da Lei.

Dito isto, houve a eclosão de um cântico , da parte daquelas multidões. Ao embalo daquela suave melodia, que se espalhava pelo infinito, fomos suspensos e demandamos nossas regiões, conscientes do trabalho em vista, da grande hora que se aproxima, cujos reflexos já estão sendo vividos.

Estando a findar a parte que me coube, concito aos melhores empreendimentos, mesmo por que, apesar de toda importância renovadora, de ordem cíclico histórica, a cada um será dado consoante as suas obras ou merecimentos. Cada indivíduo leva consigo, por natureza, a chave do Céu. Resta apenas que a saiba procurar e usar. Eu, que fui rei nos abismos da sub-crosta, que tantos erros cometi, que passei tempos sem contas nas garras de tremendas provas, não vim merecer o direito de vos falar? E isto não é absolutamente significativo?

E terei feito algum prodígio, ou apelado para algum milagre? Ou seria o efeito de alguma possível ingerência misteriosa?

Não. Fiz apenas o seguinte – usei, na prática, aquelas três regras básicas, a Chave do Céu, como a chamamos por aqui, onde, lembrem-se não é outra a Lei que vige a conduta dos indivíduos e das infindas comunidades.

TERCEIRA PARTE

Síntese cósmica da Doutrina Espírita, apresentada através de vinte pontos fundamentais, cuja análise relativa se encontra no livro: “Espiritismo, a Doutrina Integral”.

Através dos pontos seguintes o leitor poderá meditar à vontade, e, garantimos, se for inteligente e cultivado, por certo atingirá elevado grau de percepção cósmica. E fa-lo-á por si mesmo, com o que muito lucrará, dado que irá ao encontro da Verdade no seu íntimo, onde realmente ela está e deve ser encontrada.

- 1- O DEUS VIVO, Espírito e Verdade, que é ESSÊNCIA ONIPRESENTE ou fundamental, a quem devemos adoração em Espírito e Verdade, ou sem inferência material de qualquer ordem. Nenhuma palavra, nenhuma imagem terrena jamais poderia defini-Lo, porque Ele, o nosso Pai Divino, é o INEFÁVEL. Sua Luz, Sua Glória e o Seu Poder, quando vistos e vividos pelos grandes místicos, fê-los dizer que nada jamais poderá ser dito, como definição de Deus! Quem isto alcançou, afirma com razão que somente ao que isto alcança é dado sentir a Onipresença Divina; e que falar não adianta, porque o Inefável deve ser atingido e vivido e não falado ou comentado, apenas;
- 2- A CRIAÇÃO, assim chamada, é constituída de Espírito e Matéria. A Matéria começa na gama das energias, entra na gama dos fluídos e vai se condensando, entrando nas gamas dos líquidos e sólidos. As densidades e intensidades variam profundamente, na constituição dos mundos e dos corpos em geral; porém, é serva do Espírito, jamais deve ser adorada ou tida como se fosse mais do que ele. Na terra ou nos infintos mundos, deve ser apenas bem usada, jamais adorada. Quanto ao Espírito, seja na Terra, ou onde quer que seja, sua finalidade é crescer em si mesmo, evoluir, atingir o grau crístico;
- 3- A EVOLUÇÃO é processo normal até mesmo para a Matéria, que vem da condição **infra** e vai marchando para o estado **ultra**. Poucos sabem disto, mas é verdade simples. Quanto ao Espírito, vem de antes de habitar a Matéria densa, atravessa os reinos e as espécies, e, depois de ingressar na espécie hominal, evolui em caráter inteligente, até atingir grau de unidade vibratória com a ESSÊNCIA DIVINA, que é o grau crístico ou ideal. Os mundos, as vidas, o tempo, o espaço, as condições e as situações, concorrem para sua evolução;
- 4- O PROCESSO EVOLUTIVO importa no trabalho interior, na edificação do Reino do Céu que cada um tem dentro de si mesmo e que como o ensinou Jesus, não virá com mostras exteriores. Portanto, compreenda as funções dos fatores mesológicos expostos em síntese no ponto 3. Uma vez que Deus, a ESSÊNCIA PRIMEIRA, em si mesma tudo se engendra, sustenta e determina, cumpre que se dê o devido respeito ao que dizemos ser relativo, sem ser o Espírito, por ser aquilo de que o espírito faz uso, a fim de se ir cristificando. Quem não sabe honrar a tudo quanto o Pai Divino colocou diante de si, para servir de instrumento evolutivo, certamente não sabe honrar o Pai Divino;
- 5- A VERDADE ABSOLUTA é constituída de Deus e de Suas leis regentes. Ao mais, tudo se costuma chamar VERDADE RELATIVA. É impossível ao Espírito evoluir e atingir o grau

crístico, ou de sintonia vibratória com o Pai Divino, sem ser por meio ou através de tudo aquilo que constitui a VERDADE RELATIVA. Nisto importa o máximo de atenção, porque disto é que deriva o saber amar a Deus, a si próprio e ao próximo. Amar ao próximo não é apenas reconhecer nele as mesmas razões de ORIGEM, EVOLUÇÃO e FINALIDADE; é, antes de mais nada, fazer tudo pela sua melhora em geral;

- 6- A LEI DE DEUS, ou CÓDIGO DIVINO, é o reflexo intelectual da LEI DE EQUILÍBRIO CÓSMICO. Ela tem três sentidos e por eles dá testemunho da MORAL, do AMOR e da REVELAÇÃO. Para executar o primeiro mandamento, ou amar a Deus em Espírito e Verdade, cumpre que o Espírito se tenha elevado à condição de Espírito e Verdade; isto é, cumpre que tenha feito toda a escalada biológica. Os demais nove mandamentos são o caminho, a trilha a seguir, pois quem não ama ao próximo não pode dizer que ama a Deus. Ninguém olvide, portanto, que para viver conforme a Lei de Deus, importa que se tenha feito toda a escalada evolutiva ou biológica. E quanto ao terceiro sentido, é aquele que afirma ser a REVELAÇÃO o instrumento de advertência, ilustração e consolo, pois ela sempre foi transmitida através dos anjos, almas ou espíritos. Como lembrete, fica dito que a Lei de Deus é conhecida desde os mais remotos Budas, tendo nos dias de Moisés havido mais um fenômeno de retransmissão;
- 7- O CRISTO é grau cósmico, pertencendo a ele todos aqueles espíritos que ultrapassaram as obrigações reencarnacionistas. Havendo o conceito de sete Céus e mais um, o que seria oitavo é que é o Céu dos Cristos, porque está fora das injunções planetárias. Eles guiam mundos, mas já estão fora das suas leis tangentes; **quando reencarnam é de espontânea vontade;**
- 8- O CRISTO PLANETÁRIO é Aquele Espírito já pertencente ao grau crístico que foi designado para tutelar um mundo ou Planeta. Jesus é o Cristo da Terra*. A função dos cristos é sempre condizente com a hierarquia do Espírito e Sua delegação planetária. Em questão de MORAL, AMOR e REVELAÇÃO, devem ser considerados de maneira transcendente, dispondo de valores e poderes que refletem a condição do Espírito **unido** ao Pai Divino. É impossível, em palavras, descrever o que realmente sejam e podem os Cristos Planetários, embora sendo sempre servos e não senhores da Lei. Adiante teremos as explicações sobre a função messiânica de Jesus, o Cristo terrícola, quando encarnado e representando a palavra ou o Verbo Divino;
- 9- OS GRANDES INICIADOS foram todos precursores do DIVINO MESTRE, daquele que veio rasgar o Véu de Isis, ou abrir as portas dos Cenáculos Esotéricos. O que Jesus deveria fazer foi profetizado muito antes, até mesmo, milhares de anos antes, e assim o executou, quando realmente veio. Todavia, fica saliente, tanto os Budas, como Rama e os Vedas, somando ainda Hermes, Zoroastro, Crisna, Orfeu e os Patriarcas hebreus antidiluvianos, bem assim como os de após dilúvio, e mais Moisés e os profetas, todos foram uniformes quando trataram da MORAL, do AMOR e da REVELAÇÃO, os três sentidos inamovíveis da Lei de Deus;
- 10- O BATISMO DE ESPÍRITO, ou REVELAÇÃO tornada ostensiva a toda carne, tal foi o que Jesus veio trazer, como função missionária. A graça da REVELAÇÃO é que motiva o conhecimento da Verdade que livra, isto é, das leis regentes que, uma vez observadas, tornam o Espírito harmônico e feliz. O livro intitulado “LEI, GRAÇA E VERDADE”, contém os elementos informativos que bastam para qualquer pessoa conhecer a Excelsa Doutrina deixada por Jesus;
- 11- A REVELAÇÃO, cultivada nos moldes do Cristo, como expõe o livro supracitado, informa totalmente sobre os poderes da imortalidade, evolução, responsabilidade, reencarnação, comunicação e habitação universal do Espírito. Quem ler os livros “LEI, GRAÇA E

VERDADE” e “ESPIRITISMO, A DOCTRINA INTEGRAL”, certamente ficará ciente dos fundamentos gerais da Excelsa Doutrina deixada pelo Cristo;

- 12- O PENTECOSTES foi início da igreja viva do Cristo, que ficou funcionando com feição humana de caráter normal. Os dois livros acima citados estão fartos de elementos informativos a tal respeito;
- 13- A NECESSIDADE tange o espírito, em todas as fases evolutivas. Em muitos casos, a necessidade toma a feição de DOR, tanto mais obrigando a conhecer e a solucionar problemas da verdade e do bem. Ninguém deveria fazer confusão entre os fenômenos NECESSIDADE, DOR e EVOLUÇÃO, embora seja exato que andem paralelas na vida do espírito, até o dia em que este, tendo atingido a perfeição, à custa de se fazer PURO e SÁBIO, as tenha deixado para trás ou ultrapassado;
- 14- PUREZA E SABEDORIA, eis do que é feita a PERFEIÇÃO! Entretanto, quem poderá vir a ser PURO e SÁBIO, sem prezar o AMOR e a CIÊNCIA? Quem tiver vontade de ser realmente cristão, que quer dizer adepto ao programa auto-cristificador, nunca deixe de levar a sério estas palavras: MORAL, AMOR, REVELAÇÃO, CIÊNCIA, PUREZA, SABEDORIA e PERFEIÇÃO. Porque elas significam LUZ, GLÓRIA e PODER, em virtude de refletirem a UNIÃO com o PAI DIVINO;
- 15- ERROS E ANOMALIAS, eis do que estão fartos os mundos inferiores, quer seja no plano espiritual, quer seja no plano material. As alterações éticas e estéticas tanto podem se apresentar num como noutro dos planos, e muitas vezes nos dois, por causa da imperfeição geral. As formas perfeitas ou simétricas e as condições éticas de elevado teor, somente são possíveis com a evolução. Nos mundos inferiores, material e espiritualmente, por todas as partes se notam os erros e as anomalias; por todas as partes, as carências de EVOLUÇÃO e de PERFEIÇÃO; por todas as partes a NECESSIDADE a tanger o espírito, a fim de que ele procure solucionar o problema da VERDADE e da LIBERTAÇÃO;
- 16- LEI E JUSTIÇA, eis as FORÇAS DIVINAS que se ocultam nas profundezas da alma, obrigando no sentido de libertação final, por superação da ignorância e do erro! Quem chega a conhecer as leis regentes e a viver para o AMOR, esse é que veio reconhecer a LEI e a JUSTIÇA, tornando-se harmônico com o PAI DIVINO. Ele dirá, em qualquer tempo e local, que a Deus ninguém irá, sem ser através das leis que regem a chamada criação. Porque chegou a saber que Deus não é particularista, que a Lei não é sectária e que a Justiça não tem parentes, aí sim, ele atingiu aquele ponto ideal, em que pode dizer que a libertação vem do conhecimento e do cultivo da Verdade;
- 17- CRISTIANISMO é modelismo, é exemplismo de como se cumpre a Lei. Por mais que se fale, poucos se aprofundam naquilo que a Lei significa, como testemunho da MORAL, do AMOR, e da REVELAÇÃO. Como Doutrina, partindo dessa chave, é certo que fará conhecer todas as verdades decorrentes ou conseqüentes. Os capítulos quatorze, quinze e dezesseis do Evangelho, segundo João; os capítulos um e dois do Livro dos Atos; e os capítulos doze, treze e quatorze, da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios demonstram o que foi o Cristianismo primitivo. Convém notar, no entanto, que o Cristo é modelo total, quer do Espírito **divinizado**, quer da Matéria **sublimada**. Representa o que foi **infra** e se elevou ao que é **ultra**; e é por isso que afirmamos que o Cristianismo Histórico irá aos poucos se transformando em Cristianismo Cósmico. Não é terrícola, é universal, porque representa o Espírito e a Matéria vitoriosos, cada qual no seu devido modo de ser ou plano;

- 18- A CORRUPÇÃO DO CRISTIANISMO deu-se no quarto século; a Doutrina do Caminho, como se chamava, e que tinha fundamento na MORAL, no AMOR e na REVELAÇÃO, teve que ceder o lugar, tangida pelas armas romanas. Ao que dali em diante passou a se chamar Cristianismo – cleresias, idolatrias, farsas, ritualismos, fingimentos, comercialismos, despotismos, inquisições; tudo quanto foi materialismo, animalismo e despotismo sanguinário, tudo andou passando por Cristianismo;
- 19- A RESTAURAÇÃO DO CRISTIANISMO começou pela grande reunião havida no mundo espiritual, tutelada pelo Cristo Planetário, que disse ser hora de serem iniciadas as preliminares da RESTAURAÇÃO. Por isso é que o mundo viu Wicliff, Huss, Joana D’Arc, Lutero, Giordano Bruno. Porque a RESTAURAÇÃO tem caráter de processo evolutivo e não de medida executada total e repentinamente. Era necessário vencer a CORRUPÇÃO aos poucos, e com muito custo, porque os corruptos tinham todos os trunfos mundanos em suas mãos, em nome de Deus, da Verdade e do Cristo. Todos sabem quanto foi custoso ir triunfando, ir conseguindo liberdade de culto, tradução da Escritura e divulgação pelo mundo; todos sabem quanto sangue custaram os trabalhos preliminares da RESTAURAÇÃO;
- 20- O ESPIRITISMO é o mesmo Caminho do Senhor, que foi o nome do Cristianismo Primitivo. Tendo por fundamento a Lei de Deus, que o Cristo veio executar ou cumprir, nunca poderá estar fora da MORAL que dignifica, do AMOR que diviniza e da REVELAÇÃO que adverte, ilustra e consola. Não tem e jamais deverá ter o caráter de seita religiosa; basta que seja a Doutrina do Espírito da Verdade, que leva ao **conhecimento das leis fundamentais e regentes**, a fim de tornar o filho de Deus **consciente** de suas obrigações para com o Pai e para com os irmãos. Sendo a **Doutrina Cósmica**, estará sempre pairando acima de sectarismos quaisquer. Onde estiverem Deus, a Verdade, o Cristo, a Moral, o Amor, e a Revelação, ali estará o Espiritismo, a Doutrina Integral, sem cleresias, sem dogmas, sem limitações evolutivas. Ele tem Deus por Objetivo, tem a Lei por Estrada, tem o Cristo por Modelo Cósmico, tem o Universo por Habitação e a Perfeição por Finalidade. Por isso mesmo, o espírita deve ser simples, humilde, trabalhador e vigilante, a fim de não se tornar comodista, conchavista sectário ou participante de conchavismos religiosistas. Quem liberta é a Verdade executada e ninguém deve deixar-se iludir pelos engodos que o mundanismo religiosista não cansa de oferecer. Aquele que sabe não vir o Reino do Céu com mostras exteriores, esse faz como o fizeram todos os Grandes Iniciados, a quem o Cristo veio amalgamar em uma só DIVINA INICIAÇÃO – ele conhece, e espera confiante no trabalho, porque sabe que a cada um será dado segundo as suas obras.